

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA –SC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

A ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL EM VACARIA/RS

FRANKLIN PEÑA MUJICA

Florianópolis, agosto 2001.

**A ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL EM VACARIA/RS**

**Dissertação apresentada ao programa de
Pós-Graduação em Sociologia Política do
Centro de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal de Santa Catarina –
UFSC, para obtenção do Grau de Mestre
sob a orientação da Prof^a Dra. Bernardete
Wrublevski Aued.**

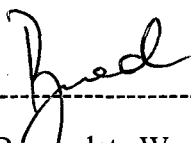
Florianópolis, agosto 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

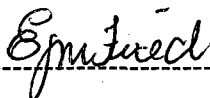
A ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
SUSTENTÁVEL EM VACARIA/RS

FRANKLIN PEÑA MUJICA

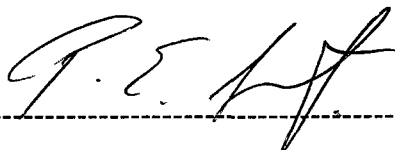
Esta dissertação foi julgada e aprovada em sua
forma final pela Orientadora e Membros da
Banca Examinadora composta pelos
Professores:



Prof.º Dra. Bernardete Wrublevski Aued
Orientadora



Profª. Dra. Edna Maciel Fiod
Membro



Prof.º. Dr. Paulo Emílio Lovato
Membro

Florianópolis, agosto 2001.

*À meus pais pelo exemplo de humildade e perseverança;
À Stella, minha esposa, pelo abnegado apoio;
À meus brotos, Bárbara, Wara e Bolivar, a razão de tudo.*

Não seria possível a realização deste trabalho sem a participação substancial de pessoas que colaboraram, direta ou indiretamente, na execução e conclusão. A elas, quero externar meus sinceros agradecimentos.

De forma especial gostaria de lembrar os pecuaristas e os fruticultores que, de forma desinteressada, aportaram com seus depoimentos.

À professora Maria Igues Paulilo pelo encaminhamento inicial deste estudo.

E, de forma muito especial, à professora Dra. Bernardete W. Aued minha orientadora, pela acolhida e a retomada inteligente e objetiva na condução e conclusão deste trabalho.

Caminantes, no hay caminos, se hace caminos al andar.

(Atauallpa Yupanqui)

A ALTERNATIVA DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL EM VACARIA/RS

RESUMO

A região de Vacaria localizada ao Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, denominada também Campos de Cima da Serra, é o centro deste trabalho de pesquisa que enfoca a problemática do desenvolvimento e a sustentabilidade agrícola. Baseia-se a investigação em depoimentos de pessoas ligadas à pecuária e à fruticultura, inter-relacionado-as aos aspectos socioculturais, econômicos, políticos e ambientais locais. As concepções formuladas neste sentido, por pecuaristas e fruticultores sobre alguns pontos relevantes como: a adoção de novas tecnologias; valores tradicionais; meio ambiente e agroecologia são o ponto de partida de uma análise que permite visualizar a lógica do atual modelo de desenvolvimento ancorado na agricultura “moderna” e, numa pecuária “tradicionalista”. Embora muitas concepções se mostrem favoráveis à agroecologia, à preservação dos recursos naturais, e à adoção de novas tecnologias, as práticas desenvolvidas nas suas unidades de produção são contraditórias e refletem o espírito capitalista de desenvolvimento cujas transformações decorrentes desse modelo, circunscrevem-se ao aumento da pobreza, do desemprego e da miséria palpitante nas zonas marginais do município, além da degradação do meio ambiente. Observa-se também, que os valores tradicionais desempenham um papel importante nas decisões políticas de desenvolvimento desta região, favorecendo as grandes propriedades e a monocultura. Os resultados obtidos, permitem focalizar questões inerentes ao perfil de uma parcela de produtores rurais e sua relação com o desenvolvimento local, permite também, sugerir a proposição de um modelo alternativo, alicerçado no Desenvolvimento Rural Sustentável. Este trabalho contribui para aprofundar os estudos e debates acerca deste tema.

THE ALTERNATIVE OF SUSTAINABLE RURAL DEVELOPMENT IN VACARIA/RS.

ABSTRACT

The region of Vacaria located in the northwest of the Rio Grande do Sul state, denominated *Campos de Cima da Serra*, is the core of this research study that focuses the developmental problem and the agricultural sustainability. The investigation is based on people's report related to livestock farming and fruitculture, relating them to the sociocultural, economic, political and local environment. The conceptions formulated in this sense, by livestock farmer and fruitculturist about some relevant aspects such as: the adoption of new technology, traditional values, environment and agro-ecology are the starting point to an analysis that allow us to see the logic of the current developmental model anchored on the "modern" agriculture and "traditional" livestock farming. Although some of the conceptions are showed favorable to the agro-ecology, to the preservation of the natural resources, and the adoption of the new technology on their production units, they are contradictory and reflect the capitalist spirit of development whose transformation originated from this model, are circumscribed to the poverty growth, unemployment and the poverty-stricken on the marginal zones of the city, besides the environment degradation. It's also observed that the traditional values play an important role on the developmental political decisions of this region, given the opportunity to the large properties and the monoculture. The obtained results allows to focus on inherent subjects related to the profile of one portion of the rural producer and its relationships whit the local development, it also allows to suggest the proposition of an alternative model, based on the Sustainable Rural Developmental. This work contributes to go deeper in debates about this theme.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO REGIONAL DE VACARIA	09
ANTECEDENTES HISTÓRICOS	10
Divisão Géó-econômica	13
Localização Geográfica do Município de Vacaria	14
A Introdução do Cultivo da Maçã	18
PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS SÓCIO-CULTURAIS DA REGIÃO	22
Identidade Cultural	23
A Fruticultura e a Agricultura Capitalista em Vacaria	25
O Desenvolvimento e a Agricultura “Moderna”	29
CAPÍTULO II – ANÁLISE DE DOIS SETORES PRODUTIVOS DE VACARIA	34
PERFIL DOS PRODUTORES	35
Os Pecuáristas	36
Os Fruticultores	38
Formação Profissional	40
Captação de Recursos e Investimentos	42
DESENEVÓVIMENTO E ADOÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS	46
O Papel da EMATER em Vacaria	46
Percepção sobre Agricultura Familiar	48
Bases para o Desenvolvimento Rural	49
Adoção de Novas Tecnologias	50
MEIO AMBIENTE E AGRICULTURA	54
O Lixo Produzido por Embalagens de Agrotóxicos	55
Queimadas de Campo	56
Percepção dos Pecuáristas e Fruticultores sobre Agroecologia	57
A Questão Ambiental	59
Agricultura Sustentável	61
OS PRODUTORES E OS VALORES TRADICIONAIS	64
Cultura e Educação	64
Poder de Decisão na Economia Familiar	66
Sucessão Patrimonial	68
A questão Política	70

CAPÍTULO III – DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL	73
NOÇÕES DE DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE	74
Noção de Desenvolvimento	75
Noção de Sustentabilidade	79
Desenvolvimento Rural Sustentável	81
MODELOS ALTERNATIVOS	85
Agroecologia	86
Agricultura Familiar	91
A Dimensão de um Novo Paradigma	93
Evolução e Perspectivas	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
ANEXOS	116

LISTA DE TABELAS

01	Evolução da cultura da maçã no Rio Grande do Sul	26
02	A cultura da maçã na participação da economia no município de Vacaria	28
03	Origem e local de residência	36
04	Tamanho da propriedade e área de exploração agrícola de produtores ligados à pecuária e fruticultura	40
05	Formação profissional: meios de qualificação procurados por pecuaristas e Fruticultores	41
06	Situação sócio-econômica dos agricultores nos últimos 5 anos	43
07	Agente financiador a quem normalmente recorrem os produtores para financiar a Produção	43
08	Preferência de aplicação de recursos disponíveis	44
09	Planos de investimento a longo prazo	45
10	Soluções para os problemas da agricultura de Vacaria, na opinião de pecuaristas e fruticultores	49
11	Melhor modelo de desenvolvimento para Vacaria, na opinião de pecuaristas e Fruticultores	50
12	Adoção de novas tecnologias	53
13	Destino dado às embalagens de agrotóxico na propriedade rural	55
14	Pecuaristas, fruticultores e agricultura sustentável	62
15	Meio Ambiente e Agroecologia	63
16	A formação social dos pecuaristas e fruticultores	65

17	Percepção sobre a melhoria na qualidade de vida	67
18	A origem de sua propriedade	68
19	A sucessão patrimonial	69
20	Quem domina a política em Vacaria	70
21	O melhor governo para o Brasil	71
22	Valores tradicionais, educação e cultura	72

LISTA DE QUADROS E MAPAS

01	Maçã – Evolução da produção, importação, exportação e consumo	26
02	A cultura da maçã e a geração da força de trabalho	28
03	Produção Agropecuária do município de Vacaria no ano de 2000	38
04	Comporação entre a “revolução verde” e as técnicas agroecologicas.....	88
01	Mapa 1- Localização Município de Vacaria	15

LISTA DE GRÁFICOS

01	Pecuaristas e fruticultores que precisam ou já precisaram da EMATER/RS	47
02	Mudanças na forma de trabalhar na propriedade	51
03	A recomendação da adoção de novas tecnologias na sua propriedade	52
04	Uso da prática de queimadas de campo	57
05	Pecuaristas e fruticultores, favoráveis ou não à agroecologia	59
06	Participação dos pecuaristas e fruticultores em discussões sobre meio ambiente ...	60

INTRODUÇÃO

Nos últimos dez anos, a discussão em torno de alternativas para o desenvolvimento de Vacaria e região, têm sido a ordem do dia. Propostas das mais diversas surgem entre os vários segmentos da sociedade, com o intuito de ver acontecerem mudanças que signifiquem crescimento econômico e melhoria na qualidade de vida da população. Entretanto, a maioria dessas propostas não são consistentes, carecem de uma fundamentação teórico-metodológica, fato pelo qual, faz-se necessário um estudo mais aprofundado da realidade local/regional com suas especificidades e sua dimensão sociocultural.

Este trabalho é resultado de um estudo exploratório sobre a questão do desenvolvimento no município de Vacaria, e pretende contribuir para essa análise, enfocando suas peculiaridades regionais e a possibilidade de estabelecer um modelo de desenvolvimento sustentável.

O modelo de desenvolvimento vigente nesta região, baseado na agricultura “moderna” capitalista, tem implicações intrínsecas nas questões sócio-econômicas, culturais, políticas e ambientais, cujo resultado é a degradação do ser humano e dos recursos naturais, porém, mesmo assim, é adotada por muitos agricultores. Como contraponto a este modelo, procuramos desenvolver uma discussão e uma proposição de desenvolvimento alicerçado na agricultura sustentável.

O ponto de partida deste trabalho, apoia-se na realidade local de dois setores produtivos do município, a *pecuária* e a *fruticultura*, cujos representantes desempenham um papel importante na região e refletem uma aparente diferença entre ambos, sobre diversos aspectos que envolvem a produção e a formação pessoal; além disso, é de ressaltar a situação atual no contexto produtivo. A confirmação ou não dessas diferenças, trataremos de explicitar através do depoimento de alguns pecuaristas e fruticultores, que participaram da pesquisa.

A pecuária, neste caso, representa uma agricultura “tradicional” com raízes na cultura local, e que, atualmente se encontra em situação crítica senão decadente, pela postura de uma parcela significativa de produtores, os mesmos que ao longo do tempo, vêm demonstrando uma posição imutável na sua forma de produzir, dando prioridade as queimadas de campo e as praticas convencionais, por isso chamados neste trabalho como uma pecuária “tradicionalista” e que pouco tem aportado para o crescimento socio-econômico do município e região. A fruticultura por sua parte, representa neste caso, a agricultura “moderna” através da introdução do cultivo da maçã na região. Com inovação tecnológica, ela é responsável pela transformação econômica do município e região, sendo considerada por isso a salvaguarda dos problemas sócio-econômicos existentes, embora na prática, não atenda às necessidades básicas de qualidade de vida da população, como será visto mais adiante.

A discussão em torno de alternativas de desenvolvimento, permeia as análises dos fruticultores e pecuaristas que representam o poder econômico-político da região, nos moldes do modelo de produção capitalista de desenvolvimento representado pela agricultura “moderna”.

A proposição de uma agricultura sustentável para a região de Vacaria, implica numa alternativa de desenvolvimento mais eqüitativo, economicamente viável,

socialmente justo e ambientalmente mais adequado. Sobre essa ótica, a política do governo estadual, tem priorizado o projeto de desenvolvimento rural sustentável, incumbindo a EMATER/RS do papel de difusor e executor. Entretanto, esse papel não tem sido fácil de ser desempenhado. Em 1998 no município de Vacaria, o trabalho da EMATER/RS foi interrompido pela prefeitura local, alegando que os técnicos estavam repassando a “cartilha” do PT. Desde então, os agricultores do município não contam com a assistência técnica, sendo prejudicados pelas mazelas dos políticos tradicionais.

Para termos uma idéia do trabalho que a EMATER/RS vem realizando no Estado do Rio Grande do Sul, e que de certa forma vem reforçar nossa proposição, faz-se necessário conhecer algumas ações importantes.

Ao longo de sua história, a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica - EMATER/RS¹, preocupou-se e ocupou-se com o aumento da produção e da produtividade das áreas rurais, visando a ampliação da renda e a melhoria do nível de vida de população rural.

Embora com a euforia da modernização produtiva na década de 1970, empreenderam uma inédita transformação nas estruturas de produção e no desenvolvimento de uma nova racionalidade de gestão agrícola. Já a partir da década de 1980 foram modificadas as normas financeiras, como a política de crédito rural subsidiado, provocando

um ajuste macroeconômico que enfraqueceu os créditos de financiamento por parte do Estado, reforçando assim, a alternativa de uma nova agricultura.

"Los principios de la gestion ambiental conjugan asi los objetivos de la democracia política e económica, con la social y cultural através de un proceso de descentralización económica y política, fundados en el ordenamiento ecológico de las actividades productivas, en la diversidad étnica y siologica del medio, y en la autogestion productiva de las comunidades". (Leff, 1992:51)

¹ Schneider, S. Ocupação da força de trabalho na agricultura gaúcha: uma análise a partir da pesquisa rural da EMATER/RS de 1992. In. Revista de extensão Rural. UFSMA, 1999.

A EMATER/RS segue uma proposta ambiental seguindo uma evolução das diretrizes e do aprimoramento da missão institucional, diante das novas exigências da própria sociedade². As ações neste sentido foram tomadas com o intuito de ampliar a adesão dos agricultores a uma proposta de desenvolvimento sustentável, a começar pela mudança de paradigma produtivo, a mesma que exigiu uma adequação da pesquisa, ensino e extensão, com as unidades de produção e mercado, fundamentados em princípios éticos e morais.

O processo de transformação tecnológica é um dos pontos cruciais para que os objetivos da EMATER/RS sejam concretizados, uma vez que requerem um entendimento consciente e conjugado dos agentes envolvidos (técnicos, agricultores) e, principalmente, pelo convencimento dos produtores sobre a viabilidade técnica e econômica das novas tecnologias preconizadas. Esta questão pode ser entendida através da “racionalidade técnica” de Habermas (1984)³, quanto às meras mudanças de uma tecnologia por outra.

"Lo que hay que hacer, mas bien, es poner en marcha una discusión politicamente eficaz que logre poner en relación de forma racionalmente vinculante el potencial social de saber y poder e técnicos com nuestro saber y querer prácticos". (Habermas, 1984:128).

A partir de 1998, a política do Governo do Estado tem priorizado o desenvolvimento rural sustentável através de novos elementos constituintes da nova missão da extensão rural no Rio Grande do Sul, cujo programa desenvolvido pela EMATER/RS está sustentado em dez elementos dos quais podemos citar: agricultura familiar, desenvolvimento sustentável, agroecologia, agrossistemas, transição agroecológica,

² A partir de 1995 a política oficial de assistência técnica e extensão rural, tem como objetivo o desenvolvimento econômico sustentado e social do homem, mulher e jovem rural, assim como a classificação de produtos de origem vegetal (documento apresentado na Conferência Internacional Tecnológica e Desenvolvimento Rural Sustentável, pela EMATER/RS em POA, 1995).

extensão rural agroecológica entre outros, para atingir os objetivos propostos⁴, através do uso de metodologias participativas, permitindo aos agricultores e suas famílias transformarem-se em sujeitos do processo de desenvolvimento.

As ações mais importantes da EMATER/RS, buscam valorizar os distintos saberes e o intercâmbio de experiências permitindo uma ampliação de cidadania e da inclusão social, incorporando uma compreensão holística e sistêmica dos processos sócio-econômicos. Por outro lado, estimula e apóia formas associativas de reflexão e ação, respeitando-se as questões de gênero, as particularidades locais e regionais, apoiando ainda, a consolidação de uma rede de parcerias, envolvendo organizações públicas e privadas comprometidas com a agricultura familiar. Incentiva, da mesma forma, a implementação da reforma agrária como um instrumento concreto de desenvolvimento sustentável.

As ações da EMATER/RS, dentro de uma proposta de inserção voltada à agricultura sustentável, enfrenta várias dificuldades quanto à sua implantação de acordo com os dados apontados pela EMATER/RS, destacando:

- a) necessidade de uma abordagem interdisciplinar;
- b) formação acadêmica atual dos técnicos, que conduz à uma visão segmentada do todo;
- c) falta de suporte da pesquisa para uma adoção integral da proposta de agricultura sustentável;

³ Substituição gradativa das “tecnologias duras” de forte impacto ambiental por “tecnologias brandas” de baixo impacto ambiental. (Habermas, J. Ciencia y técnica como “ideologia”. Madrid: Tecnos, 1999).

⁴ Os objetivos da EMATER/RS são: incrementar o apoio a manutenção e ao manejo de agrossistemas sustentáveis. Procurar junto aos agricultores familiares e suas organizações, obter uma estabilidade na produção compatível com as condições econômicas e socioculturais predominante. Apoiar os agricultores familiares na seleção de tecnologias de produção capazes de reduzir riscos e otimizar o uso de recursos internos a fim de alcançar níveis de produtividade compatíveis com a preservação do equilíbrio ecológico. Construir e consolidar a equidade nos agrossistemas, fortalecendo os laços de solidariedade e a justa distribuição do produto gerado pelas famílias envolvidas. Agir para incrementar a qualidade de vida da

- d) necessidade de definir “indicadores de sustentabilidade” e parâmetros para a caracterização de produtos agroecológicos;
- e) imposições legais dificultando a liberação de crédito de custeio e programa para uma linha de produção agroecológica;
- f) viabilidade econômica, o produtor só adotará um modelo que lhe proporcione lucro, em relação aos obtidos com a agricultura convencional.

Essas dificuldades são tencionadas na medida em que os atores envolvidos no processo de mudança de paradigma tecnológico enfrentam o poder de adversários que têm as rédeas do modelo de desenvolvimento agrícola vigente, elevando, dessa maneira a responsabilidade dos técnicos de extensão junto aos produtores, no sentido da divulgação de uma proposta agroecológica transformadora, não apenas técnico-econômico como sócio-politicamente.

A situação não é diferente na região objeto deste estudo. As maiores dificuldades de adesão estão nos agricultores com práticas agrícolas tradicionais ou convencionais arraigadas culturalmente no processo instituído pela agricultura “moderna” capitalista, demonstrando assim, receios às novas alternativas de desenvolvimento e deixando-se levar politicamente pelos atores contrários a essas propostas de transformação.

Nosso trabalho traz considerações que permeiam a discussão em torno do desenvolvimento rural sustentável. Busca levantar informações que aportem para uma possível transição e adoção de uma agricultura sustentável, apesar de que esta forma de agricultura, no município de Vacaria e região, seja contestada pela maioria dos agricultores. A razão dessa não adoção e as dificuldades em estabelecer uma discussão

em torno desse tema, é porque persiste ainda e estão fortemente arraigadas as práticas orientadas pela agricultura “moderna” e “tradicionalista” seguindo o modelo de desenvolvimento capitalista.

Para desenvolver este trabalho, nos valem de um estudo bibliográfico e de uma pesquisa de campo através da aplicação de questionários. Neste sentido, para a coleta dos dados foi delimitada a área abrangendo apenas a pecuária e a fruticultura, por suas características intrínsecas na participação sócio-econômica e no desenvolvimento do município, servindo de base para um contexto mais amplo da realidade agrícola local.

Foram aplicados 30 questionários (anexo 1) aos entrevistados, escolhidos aleatoriamente por sorteio, sendo 15 pessoas de cada entidade, através de uma lista de associados, representando os pecuaristas e os fruticultores. O processo das entrevistas, tratou de caracterizar o perfil dos produtores ligados à pecuária e à fruticultura, permitindo colher informações para discussão e análise.

A elaboração deste trabalho apresentou algumas dificuldades, em função das limitações estruturais, principalmente por ser um assunto muito recente e ao mesmo tempo amplo. Soma-se a isso os problemas enfrentados na aplicação dos instrumentos de pesquisa, conforme a metodologia utilizada. Se por um lado os fruticultores colaboraram com o trabalho, por outro, a omissão e má vontade por parte de alguns pecuaristas em responder aos questionários, dificultaram e prejudicaram o andamento normal da pesquisa. Os dados coletados foram totalizados e organizados através de cálculo estatístico das freqüências simples para a análise comparativa das variáveis, e representados através de tabelas e gráficos.

Nesse sentido, num primeiro momento, (Cap.1) aborda-se dentro da caracterização regional de Vacaria, os antecedentes teóricos que balizaram a pesquisa, procurando contextualizar o tema do desenvolvimento: a realidade histórica e cultural que

determinou essa preocupação ao modelo agrícola vigente e aos problemas decorrentes desse processo. Além disso, caracteriza-se geograficamente a região de Vacaria com suas peculiaridades socioculturais. Outro ponto analisado é sobre o desenvolvimento e suas implicações locais, enfocando as conseqüências da agricultura moderna e a tradicionalista no município e as transformações sócio-econômicas decorrentes da fruticultura na região.

O capítulo 2 apresenta as informações obtidas a partir da pesquisa a campo. Traça-se o perfil de pecuaristas e fruticultores, a formação desses produtores, suas perspectivas e, principalmente, suas percepções em relação a três grandes temas: adoção de novas tecnologias; valores tradicionais, educação e cultura; meio ambiente e agroecologia.

O capítulo 3 menciona um referencial teórico sobre noções de desenvolvimento e sustentabilidade. Enfoca modelos alternativos de desenvolvimento sustentável, agricultura alternativa, agroecologia, agricultura sustentável, agricultura familiar e sua importância no contexto de desenvolvimento.

Finalmente, no capítulo 4 são feitas algumas considerações finais relacionadas ao tema da pesquisa e suas nuances decorrentes do trabalho realizado, sobretudo o aprendizado.

CAPÍTULO I

CARACTERIZAÇÃO REGIONAL DE VACARIA

ANTECEDENTES HISTÓRICOS

"(...) para comprender algo humano, personal o colectivo es preciso contar una historia (...). Cada hombre encuentra un mundo determinado por un repertorio de ciencias, ideas, usos y problemas". (Ortega, J. In: Mariás, J. 1967:447)

Dentro do contexto global pode-se perceber as grandes dificuldades e necessidades que o setor rural vem enfrentando, principalmente nos países periféricos que estão submetidos ao domínio de governos e grupos econômicos transnacionais. A produção de alimentos capaz de atender a demanda da população mundial parece ser insuficiente, paradoxalmente à medida em que os avanços tecnológicos permitem multiplicar a produtividade. Ou seja, diante de uma produção agrícola crescente, o problema da fome persiste.

Estudos realizados pela FAO⁵ demonstram que África e América do Sul são os continentes que possuem as maiores extensões de terra agricultáveis do mundo, os mesmos lugares onde a fome e a miséria, são o contraponto do modelo capitalista de desenvolvimento. Por um lado, soma-se a degradação do meio ambiente pela não utilização correta dos recursos naturais. Isso é provocado pelo corte indiscriminado de árvores de florestas, a contaminação dos recursos hídricos por agrotóxicos, a degradação do solo provocando erosão pela utilização de máquinas e agroquímicos

⁵ A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentos estima que a cada 25 anos a população do planeta dobra, conseqüentemente a demanda de alimentos e terras para a agricultura devem aumentar.

como adubos e herbicidas, enfim toda a problemática ambiental provocada pela agricultura convencional. Por outro lado, a situação sócio-econômica de camponeses e pequenos agricultores tem sido agravada pelas políticas agrícolas implantadas na maioria dos governos desses países periféricos. Porém, esta situação tem sido debatida amplamente pelos foros da ONU através da FAO e das ONG's, buscando e estudando alternativas para reverter esse quadro. Neste sentido a FAO antes da ECO-92 recomendava uma "produção agrícola sustentável", tendo como objetivo manter a produção, a níveis necessários para cobrir as necessidades e aspirações crescentes de uma população mundial em expansão, sem que para isto se degrade o meio ambiente (FAO, 1991).

Se por um lado, no Brasil a produção agrícola nas últimas décadas tem seguido à risca o modelo de desenvolvimento da modernização tecnológica, chamada também de "revolução verde", cuja característica é a adoção de tecnologias produzidas pela indústria química, mecânica, biológica (biotecnologia), priorizando um modelo extensivo e intensivo de produção, por outro, o descompasso com a natureza, com a força de trabalho familiar, com a produção para subsistência, têm provocado sérios problemas sócio-ambientais. Na década de 80, por exemplo, apareceram três categorias de produtores: os capitalizados, os descapitalizados (na sua maioria pequenos produtores) e os sem-terra organizados, conforme demonstram Zamberlan, e Francheti (1994).⁶

A dependência do agricultor a esse modelo se reflete na impossibilidade de plantar o que quiser e ao atrelamento de seu produto às agroindústrias. Neste sentido observa-se o aumento de grandes monoculturas, do uso indiscriminado de agrotóxicos, do custo de produção, do êxodo cada vez maior em todo o país; junta-se a isto a falta de uma

⁶ Seriam conseqüências do "pacote tecnológico", imposto pela chamada revolução verde e suas inovações, provocando ainda, a redução drástica de mão-de-obra; expulsão do trabalhador rural e mercantilização da produção (Zamberlan, J. e Francheti, A. Agricultura Alternativa: Um enfrentamento à agricultura química. Passo Fundo: Ed. P. Berthier. 1994:19).

política agrícola voltada para atender às necessidades prementes dos pequenos agricultores e da população rural como um todo.

No Estado do Rio Grande do Sul, outrora “celeiro do Brasil”, tem-se visto, nos últimos tempos, declinar a produção agrícola. O modelo de desenvolvimento imposto ao Brasil teve e tem seus efeitos perniciosos para a economia do Estado, principalmente para os municípios que vivem da produção primária. As dificuldades têm aumentado; recentemente as políticas do governo Collor (1990-1992) e a do FHC, desde o primeiro mandato (1995), têm deixado o setor agrícola em uma crise sem precedentes. A descapitalização dos médios e pequenos produtores, preços baixos, juros altos e concorrência de produtos importados levou à quebra de produtores, aumentou o desemprego e diminuiu a área plantada e a produção, (Brum, 1997: 539).

Essa “modernização agrícola” dominante é contestada no sul do Brasil, nos últimos quinze anos, através de debates promovidos por grupos envolvidos diretamente com o setor rural, atores sociais que buscaram novas alternativas de desenvolvimento, como tecnologias adaptadas à pequena agricultura familiar, à reforma agrária, à agroecológica, e ao meio ambiente, enfim uma agricultura alternativa ou diferente que possa se opor a esse modelo dominante de exploração.

Sobre agricultura familiar e agroecológica têm-se várias experiências no Rio Grande do Sul, aonde os agricultores organizados passaram a se contrapor ao processo imposto, conforme demonstra o "Relatório de Experiências em Agroecologia"⁷, através do "Programa de Cooperação em Agroecologia do Estado do Rio Grande do Sul", publicado em 1994. O paradigma da agricultura moderna passa a ser questionado nas suas bases e nos seus resultados por pequenos agricultores, construindo uma agricultura ecologicamente

⁷ O relatório apresentado teve como objetivo, resgatar parte das experiências do produtor rural, com suas diversificações ideológicas, técnicas e de atuação, em contraposição à agricultura convencional. (Programa de Cooperação em Agroecologia – PCA/RS. Prefeitura Municipal de Porto Alegre: 1994)

sustentável e socialmente justa. Atualmente podemos citar entidades e produtores seguindo este processo, dentre os quais CETAP – Centro de Tecnologias Alternativas Populares; CAPA - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor; APRO - Associação dos Produtores Orgânicos de Panambi, Fundação Gaia; ECOFUND - Fundação para o Desenvolvimento Ecologicamente Sustentado, Produtores de Ipê e Antônio Prado; CAE - Centro de Agricultura Ecológica, entre outros, que vêm realizando valiosas experiências, diversificando os cultivos e utilizando força de trabalho familiar ou da cooperação entre os próprios agricultores, neste sentido Almeida (1998) diz:

"A luta pela terra, a resistência que opõem os pequenos agricultores à construção de barragens hidroelétricas que os ameaça de expropriação (...) as críticas e as reivindicações concernentes às políticas agrícolas do Estado, a experimentação mais ou menos sistemática e organizada de que sejam mais adaptadas às necessidades e à situação da pequena agricultura familiar são algumas das orientações que guiam o movimento de contestação/protesto atual". (Almeida, 1998 : 22)

Divisão Geo-econômica

Para fins deste estudo podemos dizer que o Estado do Rio Grande do Sul está dividido em três regiões: a região Sul, de grandes propriedades com monocultura de arroz e pecuária; a região Centro-Oeste, Centro-Nordeste, Noroeste e Leste, caracterizadas por pequenas propriedades destacando-se em alguns lugares a agricultura familiar, e a região nordeste ou Campos de Cima da Serra, com módulos de grandes propriedades, ocupadas principalmente com pecuária e lavouras de soja, milho, trigo e fruticultura (maçã). Esta divisão permite formular questões relativas às diferenças provocadas pelo modelo de desenvolvimento implantado no Estado, que teve seu efeito devastador nas regiões de grandes propriedades, principalmente nas áreas com predominância da pecuária

extensiva. Em contrapartida pode-se observar que a região leste (metropolitana), centro-nordeste ou serrana (Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha) e outros municípios do centro oeste, de pequenas propriedades, são o contraponto à exploração extensiva e de monoculturas.

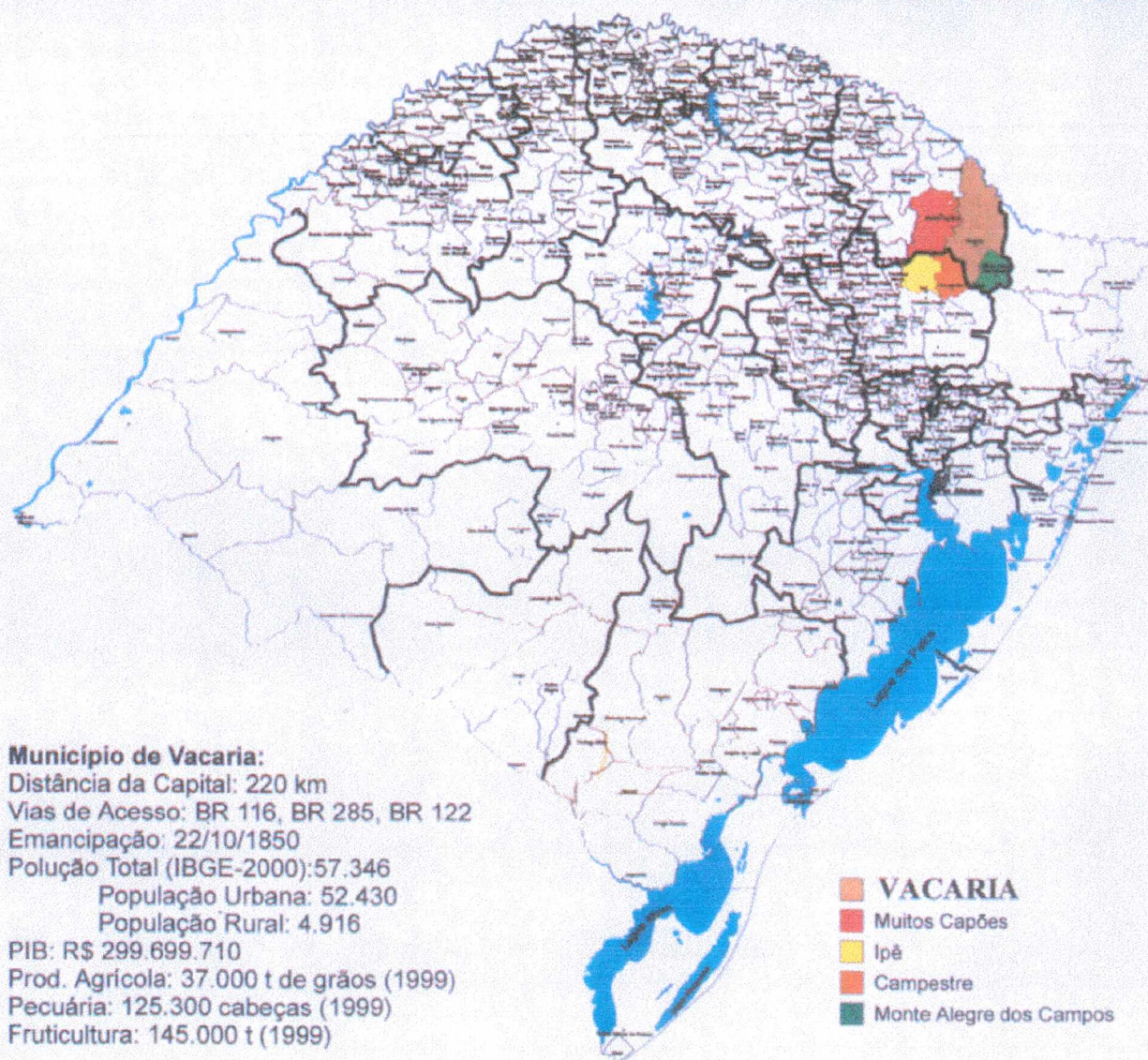
Localização Geográfica do Município de Vacaria

A região de Vacaria, objeto deste estudo, está localizada ao Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul e é conhecida como a região dos Campos de Cima da Serra. Vacaria tem no seu entorno mais de vinte municípios menores, considerado pela sua densidade demográfica como município “pólo”⁸. Em 1850, data da criação do município, Vacaria tinha uma superfície de 16.800 km² da qual foram se desmembrando vários municípios, entre os quais Ipê, Campestre da Serra, e, recentemente Monte Alegre dos Campos e Muitos Capões, ficando em 2000 com aproximadamente 2.000 km² e 57.346 habitantes, conforme mostra o mapa 1.

Ao longo desse processo de povoamento das terras,⁹ a principal atividade econômica foi a criação de gado introduzido pelos jesuítas. No intento de proteger e evitar o extermínio do gado pelos espanhóis, portugueses e índios que praticavam grandes caçadas predatórias, os missionários descobriram grandes extensões de campos naturais tomados pelo pinheiro nativo, "*Araucaria angustifolia*", constituindo-se em lugar

⁸ Denominação dada pela sua localização geográfica no Estado (pelo município passam duas rodovias federais, a BR-116 e BR-285) e pelo número de habitantes, (é a mais populosa da região com 57.346 habitantes), representando um ponto estratégico para as políticas de desenvolvimento a nível estadual.

⁹ Sobre a origem das terras desta região, inicialmente pertencia ao domínio da Coroa Portuguesa, eram dadas em “Sesmarias” a quem as requeresse legalmente. Primeiro foram os posseiros que se instalaram ilegalmente nas terras devolutas. Em 1752 eram concedidas as quatro sesmarias no distrito da serra a militares do governo e português com a intenção de povoar a Vacaria dos Pinhais (Barbosa, F. A Dioese de Vacaria. Caxias do Sul: EDUCS/EST, São Lourenço de Brodes 1984:47).



seguro e onde o gado começou a se multiplicar, por isso denominado mais tarde de “Vacaria dos Pinhais”¹⁰.

A pecuária é a atividade predominante até o ano de 1940, e a partir dessa década inicia-se o ciclo de exploração da madeira com a derrubada do pinheiro nativo. No período de 1940 a 1950 instalaram-se no município de Vacaria centenas de serrarias que, dez anos mais tarde começaram a fechar, terminando melancolicamente o ciclo da madeira, conforme depoimento de Barbosa (1984), sobre o extermínio do pinheiro nativo:

"A árvore de maior porte, beleza e número, a princípio, era o pinheiro-araucária. (...) O território da Diocese de Vacaria possuía a maior reserva florestal desse pinheiro em todo o Brasil. Por ocasião da exploração em grande escala (nas décadas de 50 e 60), funcionavam aqui cerca de mil serrarias. As maiores empresas exportadoras de madeira do sul do Brasil estavam instalados aqui". (Barbosa, 1984:45)

A natureza pródiga tem proporcionado a esta região uma condição climática invejável, própria para a agricultura, permitindo uma grande diversificação de cultivos. Após o ciclo da madeira, o processo de exploração sofre pequenas alterações, mais precisamente com o surgimento do cultivo trigo/soja, Segundo Adams (1983), este binômio passa a ocupar um lugar na exploração tradicional em detrimento da pecuária. Vão configurando-se dois setores produtivos importantes que é o da “pecuária” (principalmente gado de corte) e o de “grãos” (soja, milho, trigo, aveia, cevada). O primeiro seguindo sistemas tradicionais de produção, e o segundo, adotando tecnologia produzida pela chamada “modernização” da agricultura, baseada no uso de agroquímicos e de mecanização intensiva, provocando efeitos deletérios sobre o meio ambiente e, principalmente a degradação do solo, sendo necessária a introdução de novas formas de

¹⁰ Conforme Oliveira: "... o planalto nordestino paragem de difícil acesso, a setenta e oito léguas dos Povos Missionários assegurava a procriação do gado no futuro... o descobrimento da Virgem terra platense, cercada por todos os lados, de serras e de dilatados e espessos bosques, não demoraram os missionários nos aprestos para a nova fundação a que denominaram 'Vacaria dos Pinhais'". (Oliveira, J.F. Rainha do Planalto. Caxias do sul: Ed. São Miguel, 1987:20).

produção, fato que mais tarde ocorre com o desenvolvimento do Plantio Direto no Brasil.. No final da década de 70 do século XX, são introduzidas novas técnicas agrícolas de produção chamadas de “plantio direto”¹¹, cujo objetivo é a preservação de recursos naturais, aumento da produtividade e redução do custo de produção. Embora poucos produtores acreditassem inicialmente nessa tecnologia, com o passar dos anos ele vai consolidando-se como uma das práticas mais conservacionistas do solo, dando maior produtividade e economia para os produtores e sendo adotada por um número maior de agricultores.

Estes dois setores econômicos do município, pecuária e grãos, comandaram a economia e o desenvolvimento da região até o início da década de 80 do século XX, sem provocar significativas transformações sócio-econômicas para a grande maioria da população. Vivia-se numa letargia, sem perspectivas de progresso para o futuro, os jovens eram quase que obrigados a emigrarem para outras regiões mais desenvolvidas. Além disso a concentração de renda e riqueza é privilégio de uma minoria, dos mesmos que detém o poder e o mando seguindo historicamente uma identidade sociocultural e política de dominação sobre a maioria da população. Neste sentido Loiva O. Felix (1987) se refere ao coronelismo gaúcho como sendo produto da própria estruturação da sociedade patriarcal latifundiária e pastoril em meados do século XVIII, com forte acento caudilhista¹².

¹¹ O Plantio Direto é baseado na manutenção de palha na superfície, no aumento da atividade biológica, no menor revolvimento possível do solo durante a semeadura e na compreensão e uso dos recursos naturais para aumentar a produção e reduzir os custos. (Gassen, D.N; Gassen, F. R. Plantio Direto: o caminho do futuro. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996:23).

¹² No Rio Grande do Sul o caudilhismo é identificado com o coronelismo do período imperial, conforme Fernando Díaz, citado por Felix: “o caudilho ou cacique exercia um tipo de dominação ou poder em um grupo social determinado, podendo estar fundamentado no costume ou tradição, na lei ou na graça pessoal ou carisma. O 'caudilho' para obter essa dominação se utiliza do oportunismo político, militar ou religioso, meios econômicos especiais, poder de persuasão, inteligência, machismo, audácia, etc., e, ainda, comandava uma clientela numerosa de diferentes classes sociais, principalmente camponeses que buscavam proteção e ajuda, inclusive parentes, familiares e relações de compadrio, quando não, a orientação de uma bandeira ou partidário político”. Ainda sobre este tema ver Victor Nunes Leal, , “Coronelismo, enxada e voto”.

"(...) com a sedentarização nas estâncias de criação de gado, uma alteração no conteúdo do papel social integrador desempenhado pelo fazendeiro, que passou gradativamente assumir papéis de chefia civil, respaldado por títulos concedidos pela Guarda Nacional, ocorreu o reconhecimento oficial do "Coronel"; o coronel passou não só a ser um elemento significativo na trama de relações sociais e de dominação no seu núcleo básico - a estância -, (...), mas também a fazer-se presente na identificação de seus interesses de classe, através da oligarquia estancieira da qual fazia parte, e a envolver-se no jogo político da província e da nação, resguardando seus interesses econômicos e seu prestígio político". (Felix, 1987 : 55)

A Introdução do Cultivo da Maçã

No final da década de 70, o panorama começa a mudar de forma mais incisiva no *status quo* da população. Com a introdução dos pomares de maçã, o modelo de desenvolvimento muda radicalmente e um novo ciclo começa a se estabelecer. A região de Vacaria vai transformando-se em um dos principais produtores de maçã do país, consolidando esta situação em meados da década de 80. A "pomicultura"¹³ muda completamente a economia da região, passando a ser a principal fonte de arrecadação de ICMS do município de Vacaria. Enquanto isso, a contribuição da pecuária começa a declinar enfrentando uma forte crise no final da década de 80 do século XX. Por sua parte os produtores de grãos passam por um processo de transição na adoção de novas tecnologias como o plantio direto, deixando de lado as práticas convencionais como o uso do arado e de produtos agroquímicos. No início da década de 90, grande parte dos produtores estavam utilizando o plantio direto e retomando seu espaço no PIB do município.

A partir da década de 90 do século XX, Vacaria vai tornando-se o maior produtor de maçã do Estado e segundo maior do Brasil, e passa a contar com uma das melhores tecnologias do mundo na produção de maçã. Esta transformação deve-se ao

¹³ Para efeito de entendimento, a pomicultura abrange cultivos de maçã, pêra e marmelo e, neste estudo, identificamos os pomicultores como fruticultores.

empreendimento e investimento de empresas estrangeiras e de fora do município, porém, não necessariamente ligadas à agricultura, e cuja riqueza produzida concentra-se nas mãos de poucos. Os médios e pequenos produtores têm uma participação discreta na produção total, pois a sazonalidade e a exigência de uma força de trabalho especializada são fatores limitadores desse setor. Em relação aos produtores de grãos pode-se dizer que eles passam a ter uma participação significativa na economia do município, poucos vêm de famílias da oligarquia tradicional do município, alguns têm ascendência italiana, outros vieram de municípios vizinhos, e a maioria não se envolvia com pecuária. A partir de 1995 alguns desses produtores começam a produzir grãos e gado de corte (apenas no engorde), e mais de 98% aderem ao “plantio direto”¹⁴. Mesmo assim a produção de grãos está mais concentrada em grandes extensões de terras, de 100 a 300 ha, em média por propriedade. Grande parte da produção de grãos é armazenada na cooperativa e nos silos particulares dos produtores. Contudo os granjeiros estão atrelados aos fornecedores de insumos e o aporte na arrecadação não contribui no desenvolvimento que a comunidade espera.

A pecuária, outrora uma das principais atividades econômicas da região, passa na década de 90 a ocupar a última posição no PIB do município¹⁵. Essa atividade tem como atores principais, grandes fazendeiros com certo poder de mando na política. Beneficiados em épocas anteriores com subsídios e benesses dos créditos agrícolas, outorgados por governos anteriores, foram perdendo espaço, descapitalizando-se e não conseguindo enquadrar-se aos novos modelos econômicos de produção. No final da década de 80, mais do 60% dos empréstimos destinados à pecuária estavam sendo protestados e executados pelos Bancos, terminando, assim, as facilidades dos financiamentos. Com isso, alguns produtores quebraram, outros porém sobreviveram

¹⁴ Conforme levantamento realizado pelos técnicos da Cooperativa Tritícola de Vacaria.

¹⁵ Os dados são do IBGE, apresentados pela Prefeitura Municipal de Vacaria

graças às grandes extensões de terras de suas propriedades, ainda produzindo com técnicas tradicionais. A contribuição para o município torna-se insignificante se comparada com a de outros setores.

Neste quadro, prevalecem grandes áreas de produção, onde monoculturas como grãos, maçã e a pecuária se sobrepõem às alternativas de diversificação de outros cultivos. Por outro lado, é altamente concentrador de riqueza favorecendo sempre aos grandes produtores enquanto que os médios e pequenos produtores rurais ficam em situação crítica, com dificuldades de enfrentar as contingências de mercado. Este modelo de desenvolvimento ao longo do tempo vem se mostrando social e ambientalmente perverso para uma parcela significativa da população rural, porque ele não atende aos anseios de bem-estar social da maioria e provoca cada vez mais agressão ao meio ambiente.

Esta situação, portanto, esboçada brevemente, situa o processo de desenvolvimento na região de Vacaria, ressaltando alguns fatores determinantes, onde os atores principais nesse processo são as pessoas envolvidas com o setor primário e que formam grupos sociais e produtivos próprios da região, como é o caso dos granjeiros, com grandes extensões de terras implantando monoculturas de soja, milho e trigo. Os pecuaristas, na sua maioria produzem gado de corte de forma extensiva, que é passada de forma tradicional de pai para filho (as “queimadas de campo”). Os fruticultores, principalmente os produtores de maçã, embora sendo um cultivo novo, têm um rendimento por hectare dez vezes maior que a pecuária, ou seja o fruticultor tem um ganho por área na ordem de 10/1em relação ao pecuarista, e além disso, possuem tecnologia de ponta, aumentando a produtividade e a renda *per capita*. E, finalmente, os pequenos produtores, com uma produção diversificada vão se consolidando nesta região, que, embora não produzam soja em grandes áreas, produzem grãos, hortigranjeiros e outros alimentos.

Dentre esses atores, os pecuaristas são os que representam a maior parte da população rural. Estão inseridos na história sociocultural e político-econômica desta região, sendo os que ainda detêm as decisões políticas, ligadas a um modelo de desenvolvimento marcado pelo paternalismo, clientelismo e omissão em detrimento aos ensejos da população, principalmente dos pequenos agricultores que por serem minoria e terem pequeno poder, não são levados em conta nos processos decisórios.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS SOCIO-CULTURAIS DA REGIÃO

A região de Vacaria tem uma vocação agrícola com características peculiares de sua população que ainda reflete uma forte tradição nas suas relações sócio-econômicas e culturais. Ela é formada, na sua maioria, por pecuaristas naturais do lugar, direta ou indiretamente envolvidos com as lidas do campo, cujo lastro patrimonial foi herdado de seus antepassados juntamente com uma identidade cultural que prevalece através dos anos. Fazem parte dessa população os granjeiros, na sua maioria oriundos de outros municípios e caracterizados pelo sotaque italiano e por costumes próprios de sua região de origem. Os fruticultores, que chegaram na região há aproximadamente 20 anos, procedentes de outros países, como Argentina, França, Itália, Áustria, foram os pioneiros na introdução de novas tecnologias nos pomares de maçã, e estabelecendo novas relações sócio-econômicas na região. É importante destacar que a presença de pessoas oriundas de outros países e com culturas diferentes, além de introduzir novas relações socioculturais, estabeleceram uma nova relação de trabalho, entre patrão-empregado. Mais tarde, foram incorporando-se neste setor produtivo pessoas não ligadas à agricultura, ao mesmo tempo em que introduziam novas formas de gerenciamento na propriedade rural produtiva. Finalmente, cabe mencionar os pequenos produtores rurais que embora minoria, estão presentes no contexto produtivo da região.

Identidade Cultural

Uma das características mais importantes na forma de exploração das propriedades existentes na região é o modelo extensivo tradicional extrativista e com monoculturas. Neste sentido, existe um processo histórico de transformação da exploração dos recursos naturais. Segundo Oliveira (1959) *“o processo histórico de exploração se remonta ao século XVII, primeiro com a exploração da pecuária e, segundo, com a imigração italiana, no início do século com a extração do 'pinheiro nativo' (Araucária angustifolia)”*.

A população da região de Vacaria é influenciada por uma formação cultural rural, herdada dos primeiros habitantes na região e que historicamente se processa desde o século XVII, quando os primeiros povoadores estabeleceram-se na região, depois de enfrentar toda sorte de vicissitudes, deixando um legado para as gerações seguintes, de trabalho e crenças por eles conquistados:

“Não havendo senão lares cristãos em Vacaria, durante a quaresma em todos eles se observavam os preceitos da Santa Igreja Católica, a saber: abstinência de carne, ajoelhando-se e beijando o símbolo da cristandade (...), não havendo ambiente para a descrença, tudo era propício ao desenvolvimento da fé, que foi o sustentáculo glorioso dos pioneiros no passado e a garantia da sua permanência vitoriosa no futuro, ainda hoje cenário vivo de muitas tradições pátrias”. (Barbosa, 1984 : 50)

Nos últimos quinze anos, o processo migratório tem influenciado alguns segmentos da sociedade, como é o caso mais recente dos produtores ou empresários da cultura da maçã que vieram do exterior. A participação social e política do fruticultor é muito pequena, porém percebe-se alguma influência significativa deles nas decisões políticas. Os novos valores e costumes trazidos pelos migrantes começaram a abalar a tradição local, tarefa não muito simples, como demonstram os sociólogos.

"A ação tradicional que é ditada pelos hábitos, costumes e crenças, transformada numa segunda natureza que, para agir conforme a tradição, o ator não precisa conceber um objetivo, ou um valor, nem ser impelido por uma emoção, obedece simplesmente a reflexos enraizados por longa prática". (Weber, 1993:22)

A tradição nesse contexto tem uma participação importante na formação das características socioculturais da população regional como processo de ação social, conforme Giddens (1997), tanto as sociedades rurais como urbanas, têm sua própria característica de transformação em paralelo com a "natureza", ambas norteiam ações humanas. Manifesta ainda que as transformações sociais e a destruição do ambiente físico são precedidas pela ação humana, fazendo uma abordagem sobre a complementaridade entre a tradição e a natureza, enfocando o meio ambiente como parâmetro na era moderna¹⁶.

"O meio ambiente, que parece não ser mais um parâmetro independente da existência humana, é realmente o seu oposto: a natureza completamente transfigurada pela intervenção humana (...) Hoje em dia, entre todos os outros términos, podemos falar - em um sentido real - do fim da natureza, uma maneira de referirmos à sua completa socialização (...) A própria invenção da agricultura significa limpar o ecossistema natural de forma a criar um habitat onde os humanos possam plantar ou criar animais da maneira que quiserem". (Giddens, 1997:97)

Atualmente o trabalho no setor rural sofre mudanças provocadas pelas novas relações sócio-econômicas e culturais estabelecidas pelos fruticultores. Se, por um lado abrem-se postos de trabalho e paralelamente se introduzem novas tecnologias em todas as frentes de produção, por outro, as exigências de uma força de trabalho especializada aumentam, e isso têm deixado trabalhadores rurais em uma situação difícil. A degradação humana através dos "bóia-fria" em alguns pomares é um exemplo disso. Castel (1998), analisando uma situação semelhante comenta sobre a questão da sazonalidade que grupos de trabalhadores vivenciam.

¹⁶ Para Giddens a socialização da natureza significa muito mais que apenas o fato de o mundo real estar sendo cada vez mais marcado pela ação humana no ambiente físico.

"(...) uma categoria entre camponeses e urbanos, assalariados e agricultores 'independentes' (...) o trabalho sazonal representa uma necessidade para a sobrevivência nas regiões tenências camponesas (...) a cada ano, vêm à cidade vender seu serviço especializado durante alguns meses, antes de voltarem para cultivar seu pedaço de terra e levar à família um complemento de recursos". (Castel, 1998:193).

Na região de estudo, observa-se a realidade de trabalhadores, sejam estes rurais ou urbanos, à disputa palmo a palmo, por um posto de trabalho nas empresas de maçã durante o período de safra, ficando o problema do desemprego para a entre-safra. Essa nova realidade, mexe com o cotidiano das pessoas e passam a enfrentar novas relações socioculturais.

A Fruticultura e a Agricultura Capitalistas em Vacaria

Na década de 70 inicia-se o ciclo da maçã na região dos Campos de Cima da Serra, graças à política de incentivos fiscais do Governo Federal, embora existissem desde a década de 50 pequenos pomares na região da Serra do Nordeste. É na região de Vacaria que nasce o principal polo de produção de maçã do Estado do Rio Grande do Sul, devido às ótimas condições topográficas de altitude e clima, adequados à implantação dos pomares¹⁷.

Terminando o ciclo extrativista da araucária, a pecuária não conseguia suportar economicamente o crescimento da população. Surge, então, a alternativa do cultivo de frutas de clima temperado, consolidando-se, assim, no fim da década de 70 o novo ciclo econômico da maçã, gerando empregos na proporção de oitenta para um, comparando-se com a pecuária extensiva, para a mesma área ocupada. O crescimento da cultura de maçã, a partir da metade da década de 80 se consolida, em

relação à área plantada, produção e a capacidade de armazenamento, conforme demonstra a tabela 1 e quadro 1.

Tabela 1 – Evolução da cultura da maçã no Rio Grande do Sul

ANO	ÁREA			PRODUÇÃO			CÂMARAS FRIAS		
	RS	VACARIA		RS	VACARIA		RS	VACARIA	
	Há	ha	%RS	Ton.	Ton.	%RS	Ton.	Ton.	%RS
1988	5.583	2.125	38	88.000	35.000	40	62.810	29.770	47
1989	6.327	2.707	43	102.000	43.500	43	75.000	35.100	47
1990	7.559	3.596	48	93.750	39.200	42	80.800	37.100	46
1991	7.911	3.889	49	85.276	35.500	42	80.800	37.100	46
1992	8.285	4.261	51	130.000	65.700	51	85.060	42.100	50
1993	8.773	4.453	51	177.087	90.939	51	99.200	51.240	52
1994	8.913	4.564	51	188.891	103.644	55	119.47	63.990	54
1995	9.067	4.689	52	192.533	105.199	55	135.78	80.500	59
1996	9.410	4.257	45	235.121	124.987	53	141.28	86.000	61
1997	9.858	4.551	46	270.954	136.456	50	165.57	96.240	58
1998	10.772	4.858	45	317.069	160.039	50	171.31	102.90	60
1999	11.443	5.050	44	304.545	145.011	47	192.04	121.55	63

Fonte: AGAPOMI - Associação Gaúcha de Produtores de Maçã, 2000.

Quadro 1 – Maçã – Evolução da produção, importação, exportação e consumo

Ano	População Brasil (1.000 hab)	Produção Nacional (toneladas)	Importação (toneladas)	Exportação (toneladas)	Consumo Aparente (toneladas)	Consumo Kg/Hab p/Ano
1985	134.000	219.555	90.845		310.040	2,31
1986	135.800	247.160	83.930	648	330.442	2,43
1987	137.200	178.000	123.810	851	300.959	2,19
1988	139.800	332.331	97.572	1.517	428.386	3,06
1989	141.200	374.133	130.400	3.071	501.462	3,55
1990	143.100	355.553	112.161	5.582	462.132	3,23
1991	145.200	330.750	94.263	2.277	422.736	2,91
1992	146.800	403.000	52.620	32.656	422.664	2,88
1993	148.300	518.000	48.580	24.270	542.310	3,65
1994	151.200	456.800	87.686	30.146	514.340	3,40
1995	153.500	495.400	245.032	12.085	728.347	4,74
1996	155.800	544.100	324.780	3.308	865.572	5,56
1997	158.000	669.102	120.281	20.715	768.668	4,86
1998	160.000	708.902	126.165	10.702	824.365	5,15

Fonte: ABPM/AGAPOMI- Associação Brasileira de Produtores de Maçã / Assoc. Gaúcha de Produtores de Maçã, 2000.

¹⁷ Os primeiros cultivos de maçã deram-se nas encostas da serra, em propriedades da região colonial italiana, locais estes de difícil operacionalização e expansão, deslocando-se os investimentos para a região de Vacaria onde se encontravam terras nobres ociosas configurando uma paisagem bucólica de campos nativos.

Pode-se observar que no período 1985/1998, a produção nacional de maçã cresceu 222,9%, nesse mesmo período, a região de Vacaria teve um crescimento de 350,0% aproximadamente. E o consumo per capita teve um aumento de 122,9%.

Esses fatores contribuíram para que produtores e empresários do ramo de diferentes regiões e de fora do país, pudessem estabelecer-se em Vacaria, proporcionando novas alternativas econômicas e sociais.

Segundo a AGAPOMI¹⁸, entidade que representa os fruticultores, o crescimento da produção nacional de 1985/1988 é de 223%, representando uma expansão acelerada do cultivo de maçã, (quadro 1). Entretanto, esse crescente desenvolvimento da pomicultura tem gerado opiniões contraditórias entre a população quando analisadas as repercursões sócio-econômicas atribuídas à produção comercial da maçã em Vacaria¹⁹.

As transformações decorrentes da pomicultura são visíveis, o município sai de uma letargia para o crescimento econômico com geração de empregos, diretos e indiretos, aumento na arrecadação de ICMS para o município e adoção de tecnologia de ponta, sendo uma referência nacional. Segundo dados da Fundação de Economia e Estatística do Estado do Rio Grande do Sul – FEE/RS, em 1999 o PIB agropecuário gaúcho teve um crescimento de 11,0%, a maçã teve um crescimento de 46,9% em relação a 1998 ocupando a segunda posição, em crescimento, perdendo somente para o arroz. Atualmente o aporte da maçã na receita do ICMS, no município de Vacaria é de 55,0% e ocupa a primeira posição na formação do PIB de Vacaria. Outros dados podem ser observados na Tabela 2 e Quadro 2.

¹⁸ Dados da Associação Gaúcha de Produtores de Maçã sobre a Evolução de Produção, Importação, Exportação e consumo de Maçã, nas décadas de 80 e 90.

Tabela 2 – A cultura da maçã na participação da economia do município de Vacaria*

Vacaria	Ano 2000	Participação RS	Participação Brasil
Área Plantada	5.575 há	46,1%	18,6%
Produção	182.000 ton.	50,1%	22,2%
Cap. Frigorífica	135.000 ton.	65,6%	28,1%

Fonte: FEE/RS *Previsão para o ano 2000.

Quadro 2 – A cultura de maçã e a geração de mão-de-obra

	Empregos Diretos	Empregos Indiretos	Total
Brasil	33.000	45.000	78.000
Rio Grande do Sul	13.300	18.150	31.450
Vacaria	6.130	8.360	14.490

Fonte: ABPM – Associação Brasileira de Produtos de Maçã, 1999.

Ao analisar esta forma de “desenvolvimento”, algumas questões surgem. O crescimento econômico é altamente concentrador, beneficiando-se apenas as empresas de grande porte; a arrecadação de ICMS não retorna em investimentos para a população mais carente, atendendo as necessidades básicas. A geração de empregos segue uma alternância de “fixos” e “temporários” devido à entre-safra ou sazonalidade, produzida pela própria cultura da maçã. É, sem dúvida um dos grandes problemas da população e, por isso, não há uma forma de proteção social. A disponibilidade de tecnologia de ponta requer altos investimentos, condição que somente um pequeno grupo de grandes empresas dispõe, dificultando o acesso para a maioria de médios e pequenos produtores. Pode ser observado também que a implantação de pomares, em alguns casos, provoca efeitos deletérios sobre o meio ambiente.

¹⁹ Conforme pesquisa realizada pela Universidade de Caxias do Sul – Campus de Vacaria- A pomicultura como Alternativa de Mudanças Sócio-econômicas para Vacaria(Caderno de Pesquisa Universidade de Caxias do Sul, v.7,n.3, 1999).

O desenvolvimento sócio-econômico de Vacaria no ciclo da maçã segue a ordem econômica de mercado, sendo, para tanto, o fator importante a qualidade do produto e o gerenciamento dos setores produtivos e de serviço que buscam a valorização dos seus recursos humanos sob a égide da “qualidade total”.

"El concepto de desarrollo, aunque sigue marcado por su equivalência com la acumulación, la industrialización y el consumo, ha estado cuestionado por el reto de la equidad. El desarrollo rural, em particular, debe buscar la equidad territorial, de género y social, en el acceso a bienes, servicio y demás beneficios del desarrollo". (Peres, 2000:23)

O Desenvolvimento e a Agricultura “Moderna”

No umbral do novo milênio, as transformações socioculturais seguem vertiginosamente as tendências que o processo de globalização impõe aos diferentes extratos da sociedade mundial. O avanço tecnológico e científico, nas diferentes áreas de produção, bem como a “geração de microcomputadores e o acesso a informação na Internet”, norteiam e redefinem o desenvolvimento de uma nação, de uma região, ou de uma comunidade. Diante deste contexto o setor rural não ficou imune e enfrenta uma das mais significativas crises:

"As crises que abalam atualmente a sociedade e a agricultura brasileira colocam em evidência a fraqueza da idéia do moderno como sendo portador de valores ontológicos que corrigiriam naturalmente os desequilíbrios. A crise econômica do padrão de desenvolvimento proposto no Brasil nos últimos 40 anos tem evidenciado a falência desta axioma". (Almeida, 1996:29).

As crises têm porém, vários contornos. Atualmente o setor primário da região de Vacaria passa por uma crise de indefinições quanto aos rumos a serem tomados, dentro de seus segmentos produtivos, diante das transformações que o modelo capitalista da agricultura apresenta.

Durante muitos anos a produção agrícola era baseada em técnicas tradicionais, antes da “revolução verde”, permitindo ao agricultor aplicar seus conhecimentos e experiências adquiridas de seus antepassados e da lida de campo. Algumas dessas práticas tradicionais na agricultura, como a dos índios ou camponeses (pequenos agricultores descendentes de imigrantes italianos, alemães e outros), têm contribuído para a preservação cultural e dos recursos naturais, além de favorecer a biodiversidade. Entretanto, o que se conhece por “tradicional” na região, objeto deste estudo, é o legado deixado pelos fazendeiros do passado, caracterizado por uma prática deletéria sobre o meio ambiente e do próprio desenvolvimento, provocando uma estagnação no crescimento sócio-econômico da população. O que ficou é uma pecuária tradicional que tem no “pasto nativo” sua fonte de riqueza, porém é explorado de forma extensiva na maioria das propriedades e cujo recurso técnico para melhoria da pastagem é o uso da “queima de campo”, prática esta defendida pela maioria dos produtores, que a consideram inerentes à produção e, além do mais, uma prática “centenária”.

A agricultura passou por grandes transformações nas décadas de 1960 e 1970, que resultaram num processo conhecido como “modernização da agricultura” ou agricultura “moderna” sob a égide do modelo capitalista. Esta modernização manteve a estrutura fundiária, baseada na grande propriedade, priorizou o uso de agroquímicos. Para este fim, os agricultores conheceram o crédito agrícola do banco e o “pacote tecnológico”²⁰ imposto como condição para obter crédito, pelo qual passaram a usar o calcário, os adubos, os agrotóxicos e a mecanização. Nesse processo deixaram para trás uma produção mais diversificada e privilegiaram apenas grandes monoculturas, como o trigo e a soja, além das inovações tecnológicas.

²⁰ A geração de riqueza da fruticultura, esta na arrecadação de ICM que é em torno de R\$ 90.000.000,00 sendo responsável por 42,0% do PIB do município. (Caderno de Pesquisa UCS, “A pomicultura como alternativa de mudanças sócio-econômicas para Vacaria”)

No bojo dessa agricultura “moderna”, estabelece-se em Vacaria o cultivo da maçã, dentre as frutas de clima temperado. A fruticultura a partir desse momento passa a estabelecer novas relações de trabalho entre patrão e trabalhadores rurais na fruticultura; incorpora no seu sistema de produção tecnologia de ponta, alicerçado na mecanização, no uso permanente de agrotóxicos e na força de trabalho especializado.

A imagem do "trabalhador rural da maçã" revela condição de “bóia-fria”, deslocando-se para os pomares em condições precárias, geralmente transportados em caminhões sem nenhuma segurança, saindo bem cedo de sua casa para cumprir longas jornadas de trabalho, enfrentando as intempéries do clima e fazendo as refeições a céu aberto, retornando depois de quase doze horas para sua casa.

Nos últimos anos alguma coisa mudou em favor dos trabalhadores devido às leis trabalhistas e principalmente pelas ações de vereadores identificados com os movimentos sociais. Grande parte desses trabalhadores são formadas por pessoas provenientes do interior do município e de outras regiões. O trabalhador urbano somente é lembrado na época da colheita, enquanto que a grande preferência dos empregadores é contar com pequenos grupos de agricultores familiares²¹ e esses, na realidade, são poucos no município.

No caso do trabalhador da pecuária ou “peão”, na maioria dos casos se reduz a uma pessoa e sua família, encarregados dos afazeres da propriedade. A personagem do “peão de fazenda” é configurada por laços tradicionais e culturais identificados com a lida campeira e de subserviência ao patrão; geralmente vivem de salário mínimo e na maioria das vezes não são contemplados com planos de saúde e educação, persistindo a necessidade da melhoria na qualidade de vida desse trabalhador,

²¹ Estes agricultores aproveitam a sazonalidade para vender sua força de trabalho, principalmente na época da colheita, de fevereiro a maio. Em alguns casos, famílias inteiras, em condições legais, partem para os pomares onde são a força de trabalho mais valorizada pelos fruticultores.

que tende a agravar-se na medida em que a pecuária sofre os efeitos da agricultura “moderna”.

O desenvolvimento rural da região baseado nesta agricultura moderna, trouxe muitos resultados negativos, principalmente para os pequenos agricultores. O uso intensivo de máquinas pesadas e adubos estragaram os solos e as águas. A crise das políticas públicas de crédito, preços e seguro deixaram os agricultores descapitalizados, muitos tiveram que abandonar a agricultura e foram para as cidades à procura de emprego. Muitos pecuaristas também tiveram que se desfazer de suas terras para pagar dívidas bancárias, alguns desistiram e outros começaram a plantar grãos, buscando outras alternativas de produção e renda, favorecendo com isso a expansão da monocultura, principalmente de soja e milho para o mercado externo.

“O caminho da tecnificação coloca, necessariamente, os pequenos produtores na concorrência capitalista, tanto no mercado de produtos como no de insumos. E a sua capacidade de sobrevivência passa a ser determinada pela competição intercapitalista nesses mercados. É uma “corrida” cujo ritmo é dado pela acumulação e, por mais que corram, são poucos os que conseguem ao menos manterem-se no mesmo lugar, ou seja, sobreviver como pequenos produtores. A maioria, em situação já desfavorável desde a partida, vai ficando relativamente para trás até que se veja obrigado a abandonar a corrida, confirmando, assim, o caráter excludente da modernização capitalista no campo”.
(Silva, 1999:59)

Nem todos os pecuaristas conseguem entrar nessa nova modalidade de produção, principalmente os pequenos. Os pacotes tecnológicos são bem aceitos pelos “granjeiros”, agricultores que plantam grãos, e fazem parte da cadeia produtiva do setor primário do município e que se constitui na terceira força da economia, entretanto contribui muito pouco na geração de empregos diretos. São agricultores que aderem facilmente aos pacotes tecnológicos de produção ofertados pelo seu fornecedor, seguindo a lógica da maximização da produtividade e do lucro, justificando assim, o uso de sementes “transgênicas”, proibido pelo governo estadual.

A fruticultura como a principal economia do município e grande promotora das transformações sócio-econômicas da região de Vacaria, criou nesses anos todos uma falsa expectativa de melhorar a qualidade de vida, não apenas dos trabalhadores da maçã, como também de uma parcela significativa da população. Se por um lado, gera riqueza e emprego para o município, por outro, provoca o crescimento dos cinturões de miséria nos bairros periféricos da cidade.

As novas tecnologias implicam no uso maciço de agrotóxicos nos pomares, expondo os trabalhadores e o meio ambiente a um perigo constante. Além disso, o atual modelo baseado na agricultura moderna alija os pequenos produtores da concorrência em favor dos grandes. A inovação tecnológica ao invés de servir também aos pequenos, os discrimina, estando disponível apenas para o grande capital, ao mesmo tempo em que torna-se extremamente concentradora de riquezas, conforme Mézáros, segue a dinâmica expansiva dos meios de produção sob a forma da concentração e centralização do capital.

“(...) seguindo a lógica de suas determinações iminentes, a tendência inexorável à concentração e centralização de capital - que emerge originariamente tanto do antagonismo capital/trabalho, quanto das trocas conflitantes de uma grande multiplicidade de capitais competitivos - não prevalece menos do que antes sob condições da manipulação monopolista e de “curto-circuito” de algumas das determinações internas do sistema, ativando e intensificando assim a tendência da taxa de utilização decrescente no plano da utilização do próprio capital. A tão idealizada categoria da “economia de escala” (que no fundo corresponde a pouco mais do que a uma apologética racionalização do insaciável apetite canibalesco do grande capital em devorar seus irmãos e primos menores), bem expõe a crescente inviabilidade não apenas do pequeno, mas também do médio capital, que só os complexos maiores parecem agüentar no presente momento crítico da história” (Mézáros, 1996 : 79).

CAPÍTULO II

ANÁLISE DE DOIS SETORES PRODUTIVOS DE VACARIA

PERFIL DOS PRODUTORES

"Os povos assim como os homens, só são dóceis na juventude, ao envelhecer, tornam-se incorrigíveis; uma vez estabelecidos os costumes e enraizados os preconceitos (...)".
(Rousseau, J. J. 1996:54)

"(...) todo processo social de produção é, portanto, ao mesmo tempo, processo de produção". (Marx, K. 1986:153)

Para a análise do perfil de dois grupos de produtores do município de Vacaria, foram selecionados, aleatoriamente, produtores fruticultores relacionados numa lista da AGAPOMI e produtores pecuaristas, relacionados na lista de sócios do Sindicato e Associação Rural de Vacaria. Estes dois grupos representam, atualmente, formas produtivas que têm muito a ver com o desenvolvimento do município. Embora diferentes, ambos são responsáveis pelas transformações sócio-econômicas, culturais e tecnológicas. São pólos opostos quanto à arrecadação tributária, produtividade por área e geração de emprego. Ambos têm poder e influência nas políticas públicas da comunidade local. São antagônicos nas formas de produção: enquanto a fruticultura se baseia na introdução de novas tecnologias de produção e de força de trabalho especializada, a pecuária segue um sistema de produção calcado nas técnicas tradicionais.

Sobre este prisma desenha-se o perfil dos atores sociais, envolvidos com a produção agrícola dos pecuaristas e dos fruticultores. Neste sentido, alguns aspectos

inicialmente são demonstrados através da tabela 3, como local de nascimento, residência e escolaridade relacionados a pecuaristas e fruticultores.

Tabela 3 – Origem e local de residência de pecuaristas e fruticultores.

Questão	Pecuaristas	Fruticultores
Nasceram em Vacaria	66,7%	33,3%
Originários de outros municípios	33,3%	67,7%
Residem na área urbana	66,7%	93,3%
Residem na propriedade rural	33,0%	6,7%
Escolaridade: 1º grau completo	26,7%	13,4%
2º grau completo	46,6%	26,6%
3º grau completo	26,7%	60,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável. Peña Mujica, F.; 2001.

Os Pecuaristas

A pecuária em Vacaria remonta o século XVIII. Na época, os caçadores de gado aproveitavam apenas o couro e o sebo. Mais tarde, com a implantação das primeiras fazendas, a criação de bovinos acentuou-se à medida que o comércio para as feiras de Sorocaba – SP, constituía-se num bom negócio. A comercialização não era apenas de bovinos, o fazendeiro criava também para este fim eqüinos, mulas e cavalos, chegando alguns a ter manadas ultrapassando o milheiro.

A figura do fazendeiro, desde então, está associada com a do pecuarista, incorpora o legado das lidas campeiras²² de geração para geração, através do tempo e, hoje, a identidade social do pecuarista está de certa forma ligada a essa tradição²³ dos primeiros habitantes de Vacaria. Para conhecer melhor esse personagem, partimos pela identificação do mesmo. Entre os entrevistados, 66,7% nasceram em Vacaria, Muitos Capões ou Monte

²² Conforme Ribeiro (1995) o gaúcho originalmente identificado com as atividades pastoris, não apenas era campeiro e aquerenciador de gado, era também amansador de bois de serviço e grande criador de cavalos e de muares.

Esmeralda²⁴, outros 33,3% em municípios fora da região de Vacaria, como Porto Alegre, Antônio Prado e Carazinho. Considerando seus antepassados 93,4% deles são descendentes de famílias ligadas à produção primária sendo, portanto seus pais produtores rurais. Dos entrevistados apenas 6,7% não são filhos de produtores rurais.

Perguntados sobre o melhor lugar para morar, embora apontem que é o campo, 66,7% moram na cidade. Apenas 33,3% dos entrevistados moram na propriedade rural.

Quanto à formação escolar ou grau de escolaridade, pode-se observar conforme a tabela 3 que 26,7% dos pecuaristas tem 1º grau completo; 46,7% o 2º grau e apenas 26,7% o 3º grau completo, revelando uma escolaridade baixa em relação aos fruticultores.

Segundo a Inspeção Veterinária do Estado do Rio Grande do Sul em Vacaria, existem no município 63.2156 cabeças de gado bovino, 6.906 de ovinos e 2.312 eqüinos (ver quadro 3). O tamanho da propriedade dos entrevistados concentra-se principalmente acima de 500 ha e entre 100 a 200 ha, conforme mostra a tabela 4, apresentando duas situações quanto a área de exploração: uma que concentra, áreas de 50 a 200 ha, com utilização total da área de 75,0% aproximadamente; e a outra de 300 ou mais de 500 ha, com utilização de apenas 25,0% aproximadamente da área total. Aqui pode-se observar que quanto menor o tamanho da propriedade maior a área de exploração. O contrário ocorre com as grandes propriedades, onde apenas um terço da área é aproveitado na exploração agrícola. Cabe destacar ainda que alguns produtores se utilizam do arrendamento dessas áreas, ocorrendo principalmente com os que têm pequenas propriedades entre 50 a 100 ha.

²³ Para Giddens (1997) a tradição é uma orientação para o passado de tal forma que o passado tem uma forte influência sobre o presente e em certo sentido, diz respeito ao futuro.

Quadro 3 - Produção agropecuária do município de Vacaria no ano de 2000

Bovinos	63.215 cabeças
Ovinos	6.906 cabeças
Eqüinos	2.312 cabeças
Caprinos	188 cabeças
Suínos	1.095 cabeças
Bubalinos	96 cabeças

Fonte: Inspeção Veterinária do Estado do Rio Grande do Sul

Os Fruticultores

Entre os fruticultores de Vacaria destacam-se os produtores de maçã. No cenário nacional, o início da pomicultura deu-se no Estado de São Paulo por volta de 1926. A partir de 1928 o Instituto Agrônomo de Campinas dá o passo inicial na pesquisa da macieira no Brasil. No Estado de Santa Catarina, a implantação dos primeiros pomares se deu em Joaçaba. Somente a partir de 1963 o plantio de pomares segue os moldes europeus por intermédio da Sociedade Agrícola Fraiburgo, no município de Fraiburgo²⁵.

No Estado do Rio Grande do Sul, na década de 50 e 60 do século XX, nasce um pólo pioneiro de cultivo de maçã no município de Veranópolis, expandindo-se logo para os outros municípios da Serra Gaúcha. Os pioneiros iniciaram o cultivo da maçã nas encostas da serra, em locais de difícil operacionalização e de expansão. A partir da década de 70 voltam-se os olhos para os Campos de Cima da Serra, onde se encontram as melhores condições climáticas, de altitude e topografia adequadas para a implantação de pomares, nascendo assim o pólo de Vacaria²⁶.

²⁴ Além de Esmeralda, Muitos Capões e Monte Alegre dos Campos são municípios que se emanciparam recentemente de Vacaria.

²⁵ Além de Fraiburgo, as Estações Experimentais de Caçador, São Joaquim e Videira, junto com a EMPASC (Empresa Catarinense de Pesquisa Agropecuária S.A) contribuíram em muito para o desenvolvimento da pomicultura.

²⁶ Quando da implantação de grandes pomares no município de Vacaria, já estavam presentes pequenos produtores.

A implantação dos primeiros pomares em grande escala²⁷ em Vacaria se dá-se praticamente a partir da década de 80, sendo os pioneiros grupos estrangeiros como *franceses* (Mudelândia), *argentinos* (Agriflor e Rubifrut) *italianos* (Valentino), que impulsionam a expansão do cultivo juntamente com um grupo de Caxias do Sul (Rasip) e de Canoas (Gala). Vários empreendimentos de pequeno, médio e grande porte foram concretizados ao longo de 20 anos, com destaque para o grupo de Vacaria (Schio Agropecuária) que desponta como um dos maiores da região.

O fruticultor, ao contrário do pecuarista, tem suas raízes fora do município. Segundo os entrevistados, 66,7% nasceram fora da região de Vacaria e apenas 33,3% são naturais desta região. Entre eles, 53,3% afirmaram serem filhos de produtores rurais, e 46,7% não.

A maioria afirma ser indiferente quanto à preferência de morar na zona rural ou urbana. Entretanto, quase todos, 93,3%, residem na zona urbana e apenas 6,7% disseram morar na propriedade de zona rural.

Quanto à escolaridade, 60,0% dos fruticultores têm curso superior completo, destacando-se os agrônomos, advogados e administradores; 26,6% disseram ter o 2º grau completo e 13,4% apenas têm o 1º grau. Esses dados podem ser observados na tabela 3, conferindo algumas diferenças entre os pecuaristas e fruticultores, dando ênfase ao nível de escolaridade entre ambos.

Os fruticultores, quanto ao tamanho da propriedade, apresentam-se em três grupos: o primeiro, onde se concentram aproximadamente 40,0% dos produtores com áreas intermediárias de 50 a 300 ha; o segundo, caracterizando grandes extensões de áreas com mais de 300 ha e o terceiro, identificando pequenas propriedades com até 50 ha. De uma maneira geral pode-se observar que na exploração agrícola dessas propriedades, a

²⁷ Os pomares implantados ultrapassavam os 300ha e todos os grupos acima citados, construíram modernas

maioria dos fruticultores utilizam mais de 70,0% da área na produção, se comparados com os pecuaristas que têm áreas maiores a 500 ha e menos da metade dessa área é explorada (ver tabela 4).

Tabela 4 – Tamanho da propriedade e área de exploração agrícola de produtores ligados à pecuária e à fruticultura

ÁREA (ha)	Pecuaristas		Fruticultores	
	Tamanho da Propriedade	Área Explorada	Tamanho da Propriedade	Área Explorada
Até 50	6,7%	50 ha	26,6%	15 ha
De 50 – 100	6,7%	70 ha	13,3%	65 ha
De 100 – 200	26,6%	100 ha	20,0%	87 ha
De 200 – 300	6,7%	30 ha	6,7%	80 ha
De 300 – 500	6,7%	90 ha	6,7%	150 ha
Mais de 500	46,6%	178 ha	26,7%	750 ha

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável - Peña Mujica, F.; 2001.

Formação Profissional

Quanto à qualificação dos produtores²⁸, perguntamos aos pecuaristas bem como aos fruticultores o que é necessário para ser agricultor, hoje. Entre os pecuaristas 26,7% responderam que é necessário ter curso técnico, e entre os fruticultores 40,0% afirmam que não é necessário. Uma outra opção levantada foi a necessidade de um curso superior. Entre os pecuaristas 26,7% se posicionaram afirmativamente e entre os fruticultores 20,0%. É importante destacar que uma parcela significativa de pecuaristas 33,3% disseram que bastava saber ler e escrever, e que o importante é a prática²⁹.

centrais de classificação e embalagens e câmaras frias para trabalhar e armazenar a produção.

²⁸ Nesta questão teve-se a intenção de perceber a preocupação dos entrevistados em relação a sua capacitação como produtor rural.

²⁹ A partir da década de 1950 a agricultura brasileira entra em processo de modernização, baseado na mecanização e na tecnificação da lavoura e na intensa aplicação de insumos químicos. As benesses dos financiamentos teve seu auge na década de 70, quando a partir dos anos de 1980, esse modelo agrícola depende do estado e entra em colapso. (Brum, A J.; Desenvolvimento econômico brasileiro, Ijuí: Vozes, 1998:538).

A preocupação com a formação profissional dos atores envolvidos é praticamente a mesma, a prioridade para eles é estudar, justificando que para crescer na profissão o importante é estudar. Da mesma forma, acreditam também ser importante uma oportunidade de trabalho.

Uma outra questão que predomina hoje nos debates no setor da produção primária é a qualificação da força de trabalho. Para muitos, ela deve atender as exigências do mercado, alicerçado na qualidade e na produtividade. Portanto, a qualificação ou capacitação profissional dos produtores rurais, tornam-se muito importantes, e neste sentido, tanto pecuaristas como fruticultores têm buscado alguns meios para este fim, conforme pode-se observar na tabela 5. Entre os pecuaristas 28,5% disseram que procuram cursos ou palestras para se qualificarem, já entre os fruticultores, 50,0% têm procurado eventos técnicos de curta duração. Chama a atenção que 23,8% dos pecuaristas responderam que não procuraram nenhum meio para qualificar-se por razões pessoais. Entretanto, os que procuram qualificar-se buscam outros meios e opções, como a universidade, leitura e viagens técnicas.

Tabela 5 – Formação Profissional: meios de qualificação procurados por pecuaristas e fruticultores

Eventos	Pecuaristas	Fruticultores
Cursos/palestras	28,5%	25,0%
Eventos técnicos de curta duração	24,0%	50,0%
Cursos de técnicos da EMATER	4,7%	Sem informação
Nenhum	23,8%	Sem informação
Outros	19,0%	25,0%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável – Peña Mujica, F.; 2001.

Pode-se observar ainda, que existe uma preocupação maior por parte do fruticultor em atualizar seus conhecimentos técnicos em relação ao pecuarista. A preocupação em adquirir conhecimento não fica apenas com o fruticultor, este oportuniza

também seus técnicos. Esta diferença se deve sem dúvida, à escolaridade mais elevada dos fruticultores.

Captação de Recursos e Investimento

A agricultura brasileira teve um período (da década de 50 até a década de 70) em que a atividade produtiva – aquisição de máquinas, implementos e insumos, formação da lavoura e custeio, colheita armazenagem e comercialização – foi alavancada com financiamentos fortemente subsidiados pelo governo federal³⁰. No início de 1981, o Estado brasileiro começa progressivamente a retirar os generosos subsídios ao crédito agrícola, passando a uma situação de financiamento a juros reais. Ainda ao longo da década de 80, em meio aos fracassos de estabilização econômica, os produtores rurais alimentam a esperança da volta aos bons tempos do passado, em que o Estado pagava a conta em caso de eventuais prejuízos Brum (1998).

A realidade muda e o tempo das grandes facilidades para o subsídio na agricultura ficaram para trás. Hoje essa nova realidade para muitos produtores rurais significa dificuldades a enfrentar, reproduzindo, assim, uma situação crítica da agricultura brasileira.

Os pecuaristas e fruticultores, neste caso, refletem de certa forma esta situação, onde mais de 50% dos pecuaristas dizem que a situação sócio-econômica para eles piorou nos últimos 5 anos, enquanto que para 46,7% dos fruticultores a situação sócio-econômica melhorou pouco. Observa-se entretanto na tabela 6, que para alguns fruticultores a situação permaneceu igual ou piorou. Pode-se observar ainda que a situação

³⁰ Essa situação, criou num determinado tempo, uma cultura paternalista entre os produtores agrícolas que beneficiavam-se com as políticas governamentais da época. Atualmente faz-se necessário rever essa situação.

sócio-econômica dos últimos cinco anos para a maioria dos pecuaristas foi realmente ruim. Em contrapartida para uma parcela significativa dos fruticultores foi boa.

Tabela 6 – Situação sócio-econômica dos agricultores nos últimos 5 anos.

	Pecuaristas	Fruticultores
Melhorou	13,3%	13,3%
Melhorou pouco	26,7%	46,7%
Permaneceu igual	Sem informação	20,0%
Piorou	53,0%	20,0%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável – Peña Mujica, F.; 2001.

Em relação à captação de recursos para financiar a produção agrícola, 73,3% dos pecuaristas dizem recorrer normalmente a recursos próprios e apenas 33,3% procuram o estabelecimento bancário, enquanto que a maioria dos fruticultores 52,6% recorrem ao Banco e outra parcela, 47,4% recorre normalmente a recursos próprios, conforme tabela 7. Quando recorrem ao agente financiador, uma parcela significativa de pecuaristas obtém o crédito com dificuldade, por esse motivo alguns não querem saber de banco para financiar sua produção. Em contra partida, para a maioria dos fruticultores o crédito é obtido sem problemas e com relativa facilidade.

Tabela 7 – Agente financiador a quem normalmente recorrem os produtores para financiar a produção

Agente Financiador	Pecuaristas	Fruticultores
Banco	33,3%	52,6%
Cooperativa	6,7%	Sem informação
Sindicato ou Associação	Sem informação	Sem informação
Recursos próprios	73,3%	47,4%
Outros	6,7%	Sem informação
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável – Peña Mujica, F.; 2001

Quanto ao investimento de receitas disponíveis pelo produtor, a maioria os aplica principalmente na agricultura e na propriedade. Outras prioridades de investimento surgem entre os entrevistados, dependendo da situação de cada um, por exemplo: 73,3% dos pecuaristas investem na agricultura e outros 20,0% compram terra. Entre os fruticultores o investimento dos recursos disponíveis é mais diluído, 50,0% priorizam a agricultura, 11,2% investem em bens urbanos, 16,6% compram terra e outros 16,6% em uso pessoal, conforme tabela 8.

Tabela 8 – Preferência de aplicação dos recursos disponíveis

	Pecuaristas	Fruticultores
Na agricultura	73,3%	50,0%
Bens urbanos	Sem informação	11,2%
Compra de terra	20,0%	16,6%
Poupança, aplicação no banco	6,7%	5,6%
Uso pessoal (carro, moto, estudo, etc)	Sem informação	16,6%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural sustentável – Peña Mujica, F.; 2001.

O investimento a longo prazo também segue a lógica das prioridades. A maioria entre pecuaristas e fruticultores demonstra preocupação em primeiro lugar com a propriedade agrícola³¹, em segundo lugar com a educação dos filhos. Neste sentido os planos de investimentos na propriedade e na agricultura a longo prazo são de 60,0% aproximadamente entre os pecuaristas e de 32,0% na educação dos filhos, enquanto que entre os fruticultores esta questão é mais contundente, aproximadamente 65,0% priorizam a propriedade e a agricultura e cerca de 30,0% dão preferência a educação dos filhos, ver tabela 9. Neste caso pode-se observar, que tanto pecuaristas como fruticultores relegam a educação dos filhos ao segundo plano, sendo mais importante os investimentos nas suas unidades produtivas.

Tabela 9 – Planos de investimentos a longo prazo

	Pecuaristas	Fruticultores
Investir na propriedade	26,4%	40,7%
Investir na agricultura	31,6%	25,9%
Investir na educação dos filhos	31,6%	29,6%
Sem projetos	5,2%	Sem informação
Outros	5,2%	3,8%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável – Peña Mujica, F.; 2001.

³¹ O investimento na propriedade refere-se à infraestrutura física, melhorias, benfeitorias, reparos e ampliações.

DESENVOLVIMENTO³² E ADOÇÃO DE NOVAS TECNOLOGIAS

Dentro deste estudo, foram formuladas questões relativas ao desenvolvimento e adoção de novas tecnologias por parte dos pecuaristas e fruticultores.

O progresso técnico na agricultura tem suas especificidades³³, que limitam a sua difusão nas atividades agropecuárias, da mesma forma a questão cultural local, também tem suas implicações no processo cognitivo dos autores sociais. Por isso, o posicionamento dos produtores rurais sobre inovações tecnológicas e desenvolvimento, expressa o ponto de vista pessoal, neste caso expresso pelos pecuaristas e fruticultores.

O Papel da EMATER-RS em Vacaria

A EMATER-RS presta assistência técnica à maioria dos municípios do Estado do Rio Grande do Sul e, segundo orientação do atual governo estadual, está comprometida com o desenvolvimento sustentável, priorizando o pequeno e médio produtor e principalmente a agricultura familiar. Neste sentido, achamos importante ter o

³² Neste caso, para ter acesso às informações tanto dos pecuaristas como dos fruticultores, usamos a noção que o senso comum determina para o desenvolvimento.

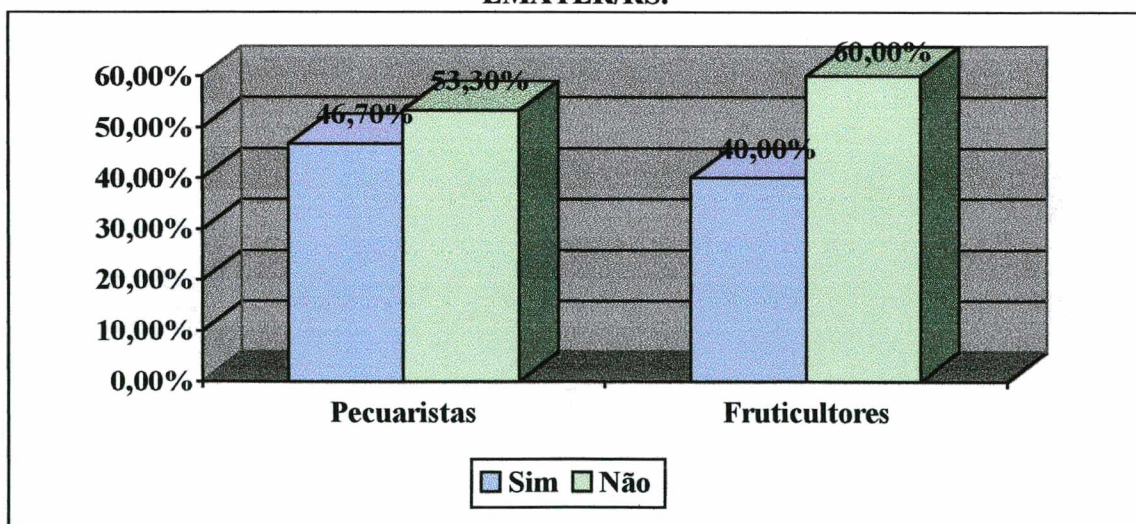
³⁴ Na agricultura a difusão do processo técnico é dificultada pelas características específicas de que se reveste a produção desse setor, apresentados em processos biológicos que interagem com as forças da natureza. (Graziano da Silva J.; Tecnologia e Agricultura Familiar. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999).

posicionamento dos entrevistados em relação ao papel da EMATER-RS no município de Vacaria, se ele é importante no desenvolvimento da região³⁴.

Para para obtermos as respostas, perguntamos aos entrevistados se já precisaram ou precisam da EMATER-RS. Entre os pecuaristas 53,3% disseram que não, sem justificar o porquê, e 46,7% responderam afirmativamente dizendo que precisam para elaborar projetos de financiamento. Para 60,0% dos fruticultores, não é necessário e não precisam da assistência da EMATER-RS porque têm assistência ou assessoria técnica particular e 40,0% disseram que precisam das orientações técnicas (ver gráfico 1).

Ainda para contarmos com a opinião dos entrevistados em relação à EMATER perguntamos se era importante o papel da EMATER-RS para o desenvolvimento regional. Por unanimidade tanto pecuaristas como fruticultores afirmaram que realmente era importante. Entretanto, na observação dos pecuaristas, a EMATER é fundamental desde que desempenhe orientação sem política. Na opinião dos fruticultores, a EMATER apenas é importante para os pequenos produtores.

Gráfico 1 – Pecuaristas e fruticultores que precisam ou já precisaram da EMATER/RS.



Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F.; 2001

³⁴ Cave ressaltar que em 1999 o Prefeito de Vacaria dispensou os serviços de assistência técnica da

Percepção sobre Agricultura Familiar

Perguntamos aos pecuaristas e fruticultores qual a opinião sobre os diferentes setores da sociedade organizada, o que pensam dos sem-moradia, sem-trabalho, sem-terra, agricultores sem crédito. Aproximadamente 40% dos pecuaristas não responderam à pergunta, e 60,0% manifestaram-se contrários aos movimentos rurais e sociais. Na opinião deles, são massa de manobra de partidos de esquerda dispostos a provocar desordens e culpam os governantes pela falta de autoridade e garantias de segurança para a propriedade.

Entre os fruticultores 86,6% responderam à pergunta, dos quais 61,5% aproximadamente manifestaram-se favoráveis a esses movimentos, justificando como a principal causa para o surgimento desses setores organizados a má distribuição de renda. Outros 38,5% manifestaram-se contrários a esses movimentos sociais, e a exemplo de alguns pecuaristas, justificam que esses movimentos são massa de manobra de políticos e são formados por "agitadores" e "baderneiros".³⁵

A idéia de que esses movimentos sociais são integrados por "agitadores políticos" e "baderneiros", está no senso comum de uma parcela da população, aqui refletida por alguns produtores, chamando-os ainda de "vagabundos" e "proveitadores".

Fora essas concepções sobre agricultura familiar, tanto pecuaristas como fruticultores, manifestaram ser importante essa forma de produção para manter a família no campo ou na propriedade. Particularmente, na opinião dos pecuaristas, ela é indispensável para pequenos produtores e deveria contar com o apoio da prefeitura e do governo federal.

EMATER-RS, alegando motivos políticos contrários ao estabelecido pelo Governo Municipal.

³⁵ Essa percepção é de alguns pecuaristas radicalmente contrários aos movimentos sociais, por entenderem que todo é manipulação dos comunistas e do MST.

Para os fruticultores, além de a agricultura familiar segurar o homem no campo, ela assegura a subsistência, de pequenos agricultores.

Bases para o Desenvolvimento Rural

Em relação aos problemas da agricultura enfrentados em Vacaria 33,4% dos pecuaristas reconheceu que para solucionar os problemas da agricultura do município eles (os pecuaristas) deveriam receber mais crédito, incentivos fiscais e recursos financeiros para alavancar a produção; 20,0% dos entrevistados percebem que precisam do apoio do Poder Público.

Aproximadamente um terço dos fruticultores afirmam que o setor precisa de financiamentos com prazos de 8 a 10 anos; uma boa parcela afirma que a saída é a agroindústria para pequenos produtores, e acreditam principalmente que o investimento em pesquisa de novas tecnologias é o caminho (tabela 10).

Tabela 10 - Soluções para os problemas da agricultura de Vacaria, na opinião de pecuaristas e fruticultores.

Questões	Pecuaristas	Fruticultores
Incentivos fiscais / Crédito	33,4%	26,7%
Assistência técnica / Pesquisa	20,0%	0%
Agroindústria	Sem informação	20,0%
Pesquisa em tecnologias produtivas	Sem informação	20,0%
Apoio do governo	20,0%	Sem informação
Não responderam	13,3%	13,3%
Outras	13,3%	20,0%
Total:	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F.; 2001

Quanto à percepção sobre o melhor modelo de desenvolvimento para Vacaria, a opinião de aproximadamente 30,0% dos pecuaristas aponta a agroindústria (de

carne)³⁶ como sendo a melhor alternativa; mais de 30,0% apostam na transformação do setor primário e no investimento na pecuária, turismo e fruticultura e outros revelaram opiniões diversas conforme mostra a tabela 11. Entre os fruticultores, mais de 40,0% também percebem que é a agroindústria (de frutas) a melhor opção para o desenvolvimento e devem ser implantadas unidades processadoras de suco e derivados da maçã e outras frutas; em segundo lugar, cerca de 30,0% dos fruticultores são favoráveis a investimento em projetos de agroturismo e agricultura diversificada.

Tabela 11 – Melhor modelo de desenvolvimento para Vacaria, na opinião de pecuaristas e fruticultores.

Questões	Pecuaristas	Fruticultores
Desenvolver agroindústria	26,7%	46,7%
Transformação do setor primário	20,0%	Sem informação
Agroturismo	13,3%	26,7%
Investir em educação e agricultura	Sem informação	13,3%
Não responderam	13,3%	13,3%
Outros	26,7%	Sem informação
Total:	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F.; 2001

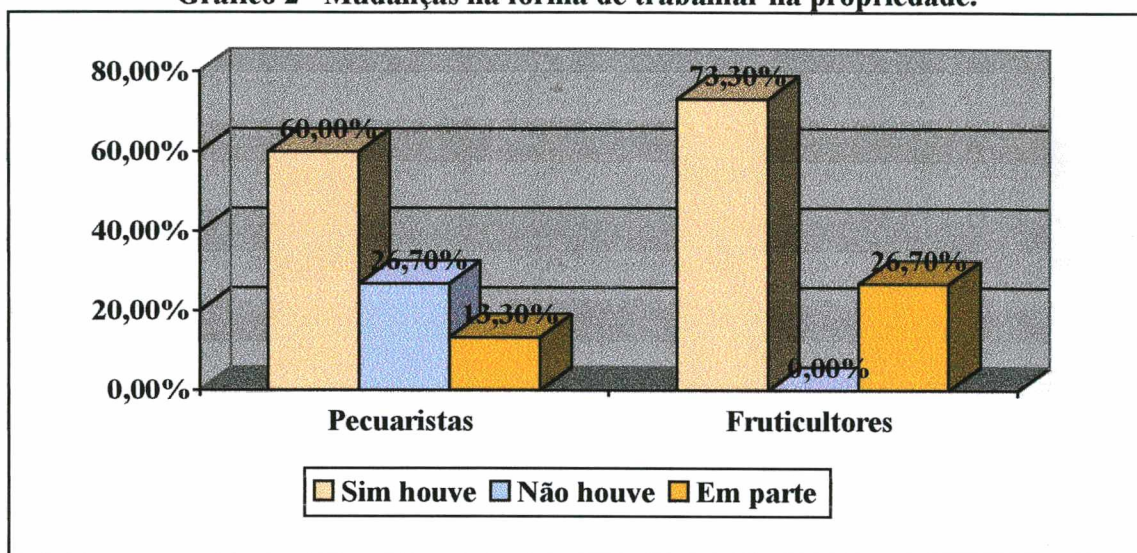
Adoção de Novas Tecnologias

Indagando se houve mudanças na forma de trabalhar na propriedade, 60,0% dos pecuaristas responderam afirmativamente. Na preocupação de melhorar e aumentar a produtividade, alguns aplicam novas técnicas de manejo. Outros capacitam os empregados ou introduzem uma nova gestão administrativa; 26,7% não responderam à questão. Entre os fruticultores, a maioria, 73,3% afirmam que houve mudanças na forma de trabalhar, indicando a qualificação da força de trabalho como um aspecto importante de transformação e adoção de novas tecnologias, e da mesma forma modelos mais avançados

³⁶ Para a maioria dos pecuaristas a agroindústria deve desenvolver produtos de origem animal.

de gerenciamento nos seus empreendimentos; aproximadamente um terço respondeu “em parte” considerando que primeiro é preciso fazer um teste e observar novas formas de trabalhar, ver gráfico 2.

Gráfico 2 – Mudanças na forma de trabalhar na propriedade.



Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F.; 2001

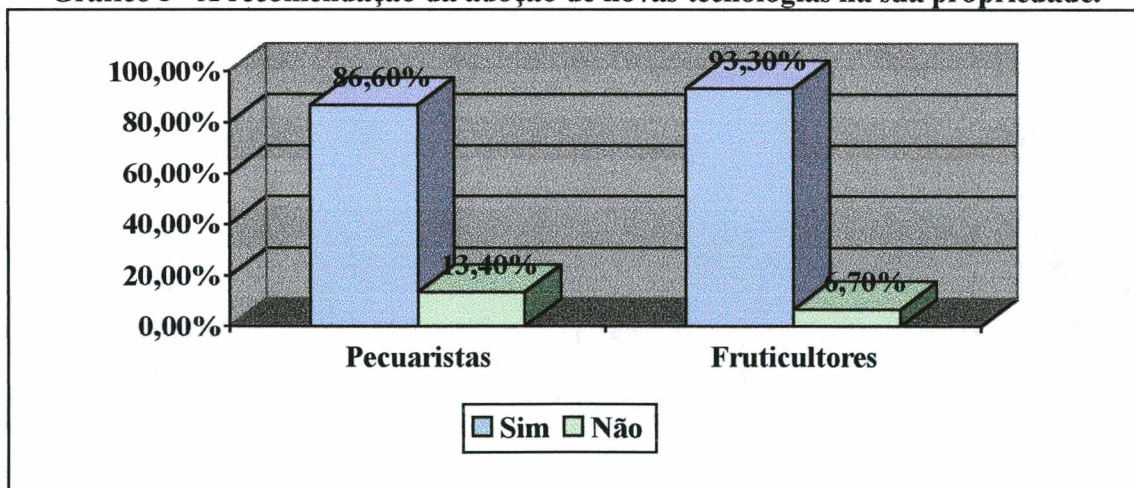
A mudança na forma de trabalhar é considerada como o primeiro passo a adotar novas tecnologias. Segundo os entrevistados, essas tecnologias requerem conhecimento e especialização na forma de trabalhar, maximizando a produtividade e o lucro. Para os pecuaristas as novas técnicas estão relacionadas principalmente com o melhoramento genético do animal e no gerenciamento da propriedade, ao passo que para os fruticultores significa a introdução de máquinas modernas na aplicação de produtos químicos, no plantio de mudas, na colheita e na classificação, além de técnicas de plantio, tratos culturais e produção de mudas.

Em relação à adoção de novas tecnologias na propriedade, 86,6% dos pecuaristas recomendam a seu emprego, uma vez que para eles se constitui fundamentalmente no aumento da produtividade, sendo uma questão de sobrevivência para

muitos produtores. Entretanto, cabe fazer uma observação neste sentido: embora a maioria dos pecuaristas sejam favoráveis a adoção de novas tecnologias, existe uma grande diferença entre recomendar e empregar. Pelo que se sabe, grande parte dos pecuaristas ainda usam técnicas tradicionais de produção. O investimento está restrito na manutenção de propriedade e somente alguns produtores investem no melhoramento genético do rebanho.

Entre os fruticultores, 93,3% recomendam a adoção de novas tecnologias, afirmando que é necessário para competir no mercado. Isso serve como suporte para melhorar os resultados de produção e permite também baixar custos. Alguns dos fruticultores recomendam que primeiro a tecnologia disponível deve estar testada e aprovada (ver gráfico 3). Para a maioria dos produtores, os investimentos são direcionados para a aquisição de maquinários, ampliação da área plantada e construção de câmara frigorífica.

Gráfico 3 – A recomendação da adoção de novas tecnologias na sua propriedade.



Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F.; 2001.

Em relação à questão de adoção de novas tecnologias, os entrevistados, de uma maneira geral, seguem a visão reducionista de desenvolvimento, baseada apenas

naquela que a "modernização" agrícola impõe através do pacote tecnológico com o objetivo de satisfazer somente o mercado. Neste sentido percebe-se, portanto, conforme tabela 12, que tanto pecuaristas quanto fruticultores são favoráveis às novas tecnologias. Embora com visões diferentes, ambos seguem o critério da maximização dos lucros e da produtividade. A EMATER, neste caso, serve apenas para encaminhar projetos de financiamento para o banco.

Tabela 12 – Adoção de novas tecnologias

Questões	Pecuaristas	Fruticultores
Houve mudanças na forma de trabalhar na propriedade	60,0%	73,3%
Recomendação de uso de novas tecnologias	86,0%	93,0%
Precisam da EMATER	46,7%	40,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável. Peña Mujica, F.; 2000.

MEIO AMBIENTE E AGRICULTURA

A questão do meio ambiente e sua estreita interação com a agricultura, desenvolve um processo de formação ideológica da relação sociedade/natureza, e que, em nosso meio, baseia-se em vínculos com raízes culturais e formas tradicionais de vida.

E entre os ambientalistas tem-se gerado muitas discussões, sobretudo quanto às conseqüências do uso de tecnologias que afetam os recursos naturais. A partir do encontro de Estocolmo, em 1972, e mais recentemente do Rio, em 1992, esses movimentos ambientalistas, têm despertado a consciência da questão ambiental.

O modelo de exploração dos recursos naturais herdado do período colonial, observado ainda hoje na agricultura é considerado como uma das práticas mais predatórias. Entre os problemas podemos citar o desmatamento inadequado para atividades agrossilvopastoris, sistemas intensivos de cultivos provocando a erosão do solo; comprometimento dos recursos hídricos, contaminação provocada por resíduos químicos oriundos de produtos aplicados na agricultura. Além disso pode-se considerar a perda de numerosas variedades geneticamente adaptadas a um determinado microclima.

Nesta pesquisa procuramos identificar se algumas ações ambientalistas são adotadas por parte dos pecuaristas e fruticultores entrevistados. Como em relação às embalagens de produtos químicos (agrotóxicos), a questão das queimadas de campo, e ainda se de alguma forma participam de discussões sobre o meio ambiente.

O Lixo Produzido por Embalagens de Agrotóxicos

Um dos grandes problemas mencionados pelos produtores rurais nos últimos tempos são as embalagens de agrotóxicos. Segundo levantamento realizado pela AGAPOMI e EMATER, aproximadamente 30 toneladas/ano são produzidas pelo uso de produtos químicos na agricultura desta região. Neste sentido cerca de um terço dos pecuaristas afirmaram que as embalagens são enterradas dentro da propriedade, juntamente com o lixo doméstico produzido na fazenda; outros retiram as embalagens da propriedade, sem explicar o que fazem com ela, e a maioria as deposita em lugar seguro³⁷, sem precisar exatamente onde. Entre os fruticultores que manipulam um volume muito grande de produtos químicos no tratamento fitossanitário da maçã, mais da metade afirmam que as embalagens são depositadas em lugar seguro, como por exemplo os galpões existentes nos pomares, para mais tarde serem retiradas para fora do pomar tendo com destino as usinas de reciclagem. Entretanto alguns fruticultores responderam que são enterrados em algum lugar dentro do pomar, conforme demonstra a tabela 13. Pode-se observar que tanto pecuaristas como fruticultores se interessam em recolher as embalagens. Apenas os fruticultores parecem estar mais organizados em dar o melhor destino final a esse material.

Tabela 13 – Destino dado às embalagens de agrotóxicos na propriedade rural

Ação	Pecuaristas	Fruticultores
Aterrado	33,3%	13,3%
Retirado para fora da propriedade	26,7%	20,0%
Depositado em algum lugar seguro	40,0%	66,7%
Total:	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável – Peña Mujica, F.; 2001.

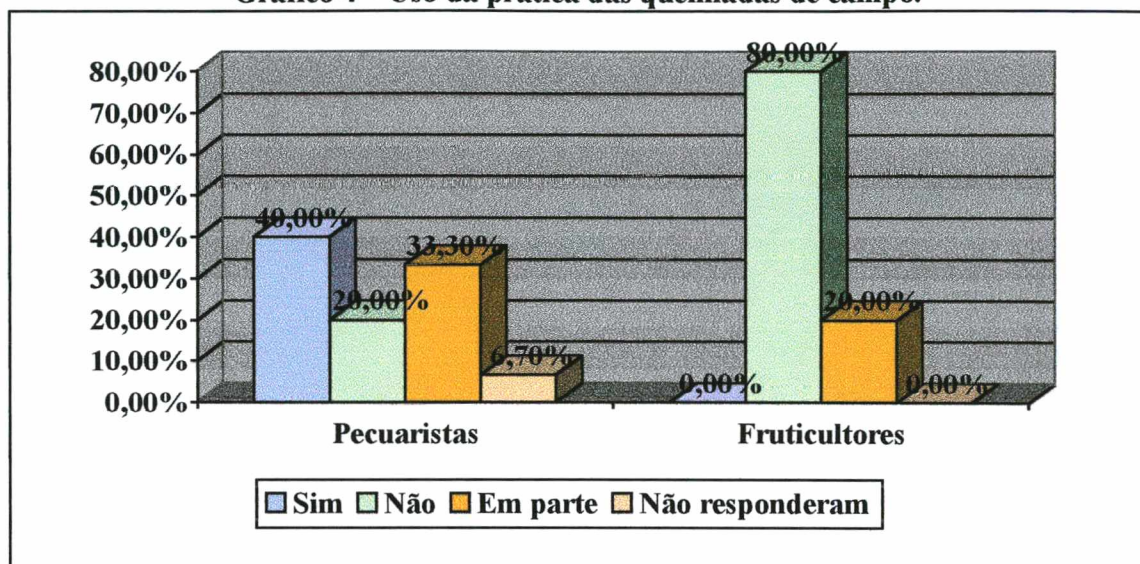
³⁷ Não justificaram o que realmente se entendia por lugar seguro, já que na região não existe um depósito oficial de armazenamento do material (embalagens) produzidas pelas indústrias químicas de pesticidas, inclusive a própria ANDEF – Associação Nacional de Defensivos Agrícolas, estão interessados em construir um lugar específico para as embalagens.

Queimadas de Campo

Uma das práticas mais tradicionais no manejo de campo são as queimadas, principalmente aquelas destinadas ao pastoreio de gado. Muitas discussões têm-se travado em torno da legalidade dessa prática. Por um lado os produtores rurais e do outro, os ambientalistas que são contra as queimadas, amparados pelo art. 28 do Código Florestal Estadual que diz: "*É proibido o uso do fogo ou queimadas nas florestas e demais formas de vegetação*"³⁸. Porém, busca-se através dos debates convencer no meio rural a necessidade de se continuar com a prática das queimadas. São os pecuaristas os maiores defensores da liberação das queimadas de campo.

Na região de Vacaria esse debate está muito presente, principalmente entre alguns pecuaristas que não abrem mão dessa prática. Aproximadamente 80,0% dos entrevistados afirmam empregar o uso de queimadas de campo periódica ou eventualmente e apenas 20,0% não fazem uso dessa prática. Entre os fruticultores essa questão aparece invertida, pois 80,0% afirmam não queimar o campo, e 20,0% afirmam que esta prática é feita esporadicamente, conforme mostra o gráfico 4. A prática das queimadas é essencial para alguns pecuaristas que não vêem outra alternativa de exploração de suas propriedades. Para os fruticultores não há necessidade e defendem essa prática apenas quando precisam limpar uma área para plantio.

³⁸ A pena para esta infração é, prisão simples de 3 meses a 1 ano ou multa de 1 a 100 salários mínimos, e ainda, dentro dos aspectos legais, a Constituição Estadual no seu art. 251 diz: "*Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo, preservá-lo para as presentes e futuras gerações, cabendo a todos exigir do Poder Público a adoção de medidas nesse sentido*". Por sua parte o Código Penal no seu art. 250 expressa que causar incêndio, expondo o perigo a vida, a integridade física ou patrimônio de outrem – Pena : reclusão de 3 a 6 anos e multa.(Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Alternativas às Queimadas de Campo, Ed. Comissão de Saúde e Meio Ambiente, 1996.)

Gráfico 4 – Uso da prática das queimadas de campo.

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F.; 2001

Percepção dos Pecuaristas e Fruticultores sobre Agroecologia

A agricultura não se compõe apenas de agrossistemas de produção, ela possui componentes técnico-produtivos, político, sociais e ambientais. Considerando isso, pode-se afirmar que é necessário que a sociedade envolvida participe de ações coletivas na busca de soluções para os problemas emergentes.

A proposição agroecológica implica numa outra forma de agricultura e desenvolvimento, e é vista também como o processo de introdução de novas práticas. Segundo Almeida (1998) esta é defendida por estar de acordo com o novo paradigma da sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável, apoiado no uso potencial da diversidade social e dos sistemas agrícolas³⁹.

³⁹ Nos últimos 40 ou 50 anos a inovação na agricultura tem sido impulsionada principalmente pela ênfase em altos rendimentos e no lucro da unidade produtiva, resultando em retornos notáveis mas, também, numa ampla gama de efeitos colaterais ambientalmente negativos, (Gleissman, S. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade – UFRGS, 2000:571).

Entretanto, apesar de suas virtudes teóricas e morais a proposição agroecológica tem encontrado algumas dificuldades para acontecer, uma vez que os aspectos culturais e técnico-produtivos seguem a lógica do padrão dominante.

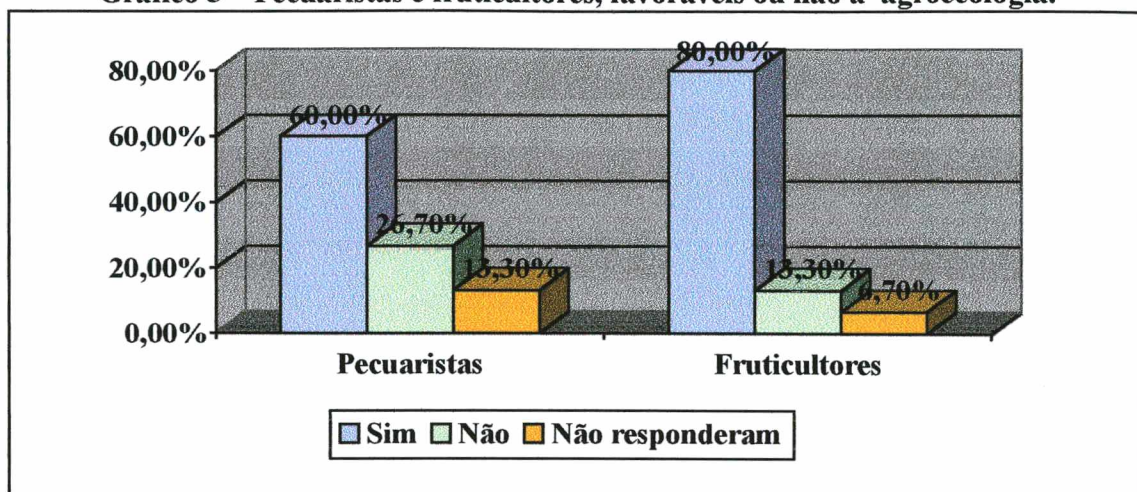
Considerando essa perspectiva indagamos a posição dos entrevistados sobre a substituição de insumos químicos por orgânicos na produção agrícola. Entre os pecuaristas a metade dos entrevistados afirmam que não substituem e uma boa parcela responderam que o fazem em parte. Entre os fruticultores a substituição de insumos químicos por práticas de controle biológico e orgânica, ocorre apenas com uma minoria, menos de um terço dos entrevistados. Porém a maioria - mais da metade - afirmam que é feito em parte de forma integrada, ou seja, combinando na medida do possível o controle químico com o biológico, desde que exista segurança.

Nesta mesma linha de raciocínio, perguntamos sobre a possibilidade de se produzir sem o uso de agroquímicos. Uma grande parcela dos pecuaristas percebem que essa prática é possível de ser feita, porém em parte. Aproximadamente um terço defendem esta prática, porém não aderem e outro terço responderam negativamente. Na percepção dos fruticultores, a maioria afirma ser perfeitamente possível⁴⁰ e apenas alguns produtores disseram que não é possível.

Indagados se eram favoráveis a uma agricultura agroecológica como uma nova alternativa de desenvolvimento para a região de Vacaria, 60,0% dos pecuaristas reconheceram a sua importância no desenvolvimento, porém 26,7% manifestaram-se contrários e 13,3% não responderam a questão. Entre os fruticultores, 80,0% se mostraram favoráveis à agroecologia, e 13,3% afirmaram que não são favoráveis, conforme demonstra o gráfico 5.

⁴⁰ Alguns produtores de maçã fazem parte de um Programa de Produção Integrada (PI) que tem como base o monitoramento de pragas e o uso racional de agrotóxicos.

Gráfico 5 – Pecuáristas e fruticultores, favoráveis ou não à agroecologia.



Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F.; 2001.

A Questão Ambiental

A questão do meio ambiente segundo Jollivet (1994), é também um campo que toca profundamente o imaginário, as representações e o sistema de valores sociais, porque obriga a repensar as relações entre sociedade, técnica e natureza e, portanto, tudo que rege as relações na organização social.

Caracterizando a questão ambiental de modo genérico, principalmente na agricultura, isso só terá sentido se inserido no debate global da sociedade sobre meio ambiente, permitindo um novo campo para debate social e político constituído⁴¹.

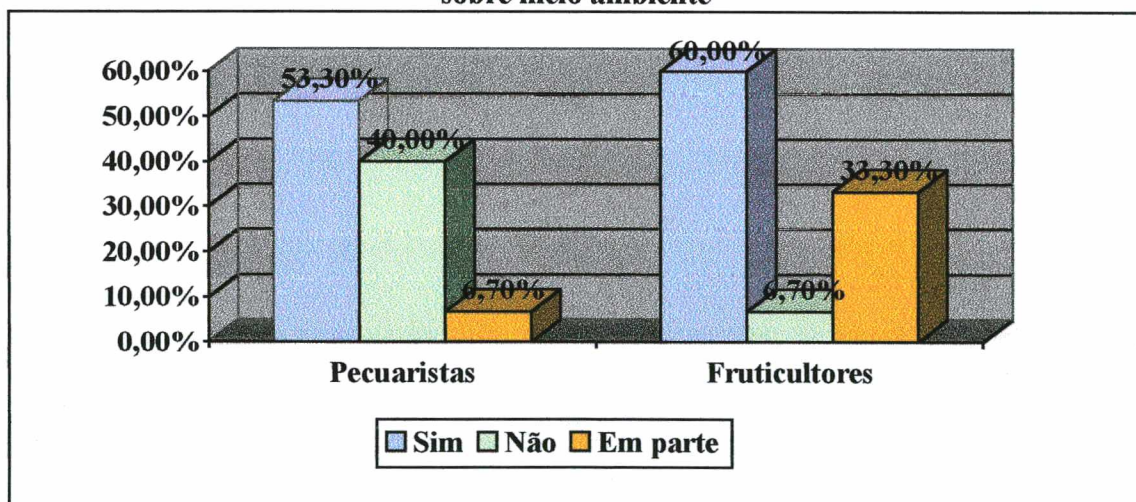
"La perspectiva ambiental del desarrollo replantea las formas de incorporación de la población en la vida económica e política através de la distribución del poder y de la riqueza (...) El ambientalismo promueve la participación democrática de la sociedad em el aprovechamiento de sus recursos productivos, tanto los actuales como los potenciales, para satisfacer las necesidades y aspiraciones de las mayorías que pueblan el mundo actual, asumiendo un compromiso son las que habrán de habitarlo en las geraciones futuras" (Leff, 1992)⁴².

⁴¹ Certamente a questão ambiental torna-se um componente maior do debate social, e quando se trata de agricultura é importante ver a situação dos agricultores (Jollivet, 1994).

A sensibilização ecológica dos atores sociais torna-se importante para promover ações ambientalistas que permitam mudar a ordem do desenvolvimento vigente nos sistemas produtivos da agricultura, utilizando tecnologias intermediárias centradas na dimensão política cultural de uma comunidade. O movimento ambiental permite a reivindicação das demandas tradicionais de justiça social, através da participação popular na gestão dos recursos produtivos.

Em relação à questão ambiental os entrevistados foram indagados sobre a participação deles em discussões ou debates que abordam o meio ambiente, e 53,3% dos pecuaristas responderam afirmativamente, enquanto 40,0% responderam que não se interessavam e nem participavam. Entre os fruticultores, 60,0% responderam que participam efetivamente e outros 33,3% esporadicamente, 6,7% responderam negativamente, conforme demonstra o gráfico 6.

Gráfico 6 – Participação dos pecuaristas e fruticultores em discussões sobre meio ambiente



Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F.; 2001

⁴² Leff E. Cultura Democrática, *Gestión ambiental y desarrollo sustentable en América Latina*. In Ecología Política, n. 4, Barcelona: Icaria, 1992.

Geralmente a maioria das discussões sobre meio ambiente, segundo os pecuaristas, ocorre na Associação Rural e por intermédio da FARSUL (Federação de Agricultores do Rio Grande do Sul), através de palestras que são realizadas durante o ano, enfocando principalmente a produção agrícola de forma genérica e seguindo uma orientação de defender acima de todo, os interesses dos associados. Por sua parte os fruticultores indicam a EMBRAPA, técnicos e amigos, como palco de suas discussões sobre meio ambiente. Esses dados expressam algumas diferenças sobre o olhar ambiental.

Agricultura Sustentável

Perguntamos aos entrevistados qual era, no seu entendimento, o significado de agricultura sustentável; 40,0% dos pecuaristas se abstiveram de responder a questão, 20,0% afirmam que é produzir sem agredir o meio ambiente; para outros 20,0% é manter a produção e produtividade sem agredir o meio ambiente; para 13,3% é agricultura que gera lucro. A mesma questão para 33,4% dos fruticultores é concebida como uma agricultura que produz sem agredir o meio ambiente; nessa mesma linha, 13,3% percebem-na como uma agricultura agroecológica com rentabilidade, entretanto para 20,0% é a produção em dobro com geração de lucros para aplicar no local; e para 13,3% é plantar para o próprio sustento ou consumo, conforme pode-se observar na tabela 14.

Nesta questão evidencia-se um certo paradoxo, embora tanto pecuaristas como fruticultores tenham uma percepção genérica sobre agricultura sustentável. A maioria dos entrevistados a relaciona a produção sem agredir o meio ambiente. Esta percepção, entretanto, contrapõe-se às práticas desenvolvidas por ambos nas suas unidades de produção onde são usados regularmente adubos químicos e agrotóxicos.

Tabela 14 – Pecuaristas, fruticultores e agricultura sustentável.

Opinião	Pecuaristas	Fruticultores
Produzir sem agredir o meio ambiente	20,0%	33,4%
Manter produção e produtividade sem agredir o meio ambiente	20,0%	Sem informação
Agricultura que gere lucro	13,3%	Sem informação
Agricultura agroecológica com rentabilidade	Sem informação	13,3%
Plantar para o próprio sustento	Sem informação	13,3%
Produzir dobrado com geração de lucros para aplicar no local	Sem informação	20,0%
Sem resposta	40,0%	20,0%
Não sabem	6,7%	Sem informação
Total:	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável – Peña Mujica, F. 2001

Com relação ainda à agricultura sustentável, a interação do meio ambiente com o progresso tecnológico é um aspecto de relevância para os produtores agrícolas de tal forma que além da preservação dos agrossistemas considera-se a relação dos homens com o meio ambiente e dos homens entre si⁴³ como um dos fatores para a produção agrícola.

A relação dos pecuaristas e fruticultores com o meio ambiente pode ser caracterizada de forma resumida por algumas ações envolvendo práticas em suas unidades de produção demonstradas na tabela 15, que apontam diferenças entre os entrevistados, principalmente na questão de queimadas de campo e no destino dado às embalagens de agrotóxicos. Entretanto, paradoxalmente ambos manifestam-se favoráveis a uma agricultura agroecológica.

⁴³ Para alguns autores como Guivant, J. a agricultura sustentável pode ser vista como: "um padrão técnico de produção que prioriza a rentabilidade econômica, reduzindo o uso de insumos e energia externa à propriedade e relevando o uso de recursos internos, bem como o manejo de recursos naturais". (Guivant, J. A agricultura sustentável na perspectiva das ciências sociais. In: Meio-ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais. São Paulo: Cotez; Florianópolis; Universidade Federal de Santa Catarina, 1995)

Tabela 15 – Meio ambiente e agroecologia

Questões	Pecuaristas	Fruticultores
Embalagens de agrotóxicos enterradas na propriedade	33,3%	13,3%
Praticam as queimadas de campo	77,0%	20,0%
Não substituem insumos químicos por práticas orgânicas	53,0%	73,0%
São favoráveis à agricultura agroecológica	60,0%	80,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável. Peña Mujica, F.; 2001.

OS PRODUTORES E OS VALORES TRADICIONAIS

A identificação dos produtores, além dos aspectos técnico-produtivos envolve também questões importantes sobre o *modus vivendi*. Fatores como educação, cultura e política, são essenciais na caracterização sociocultural de uma comunidade, cuja dimensão está refletida no comportamento de indivíduos em um determinado espaço social.⁴⁴

Cultura e Educação

A questão cultural, neste caso específico, está relacionada aos valores tradicionais que envolvem a família e a formação dos indivíduos para a sociedade. Nessa ótica, a educação⁴⁵ desenvolve um papel preponderante para sua transformação.⁴⁶

⁴⁴ Para Bourdieu, as particularidades dessas relações na vida cotidiana é a representação dos hábitos das pessoas, é "o conhecimento adquirido através da prática cumulativa, do conjunto de saberes e do saber-fazer acumulados em todos os atos de conhecimento, no passado e no presente". (Bourdieu, P.; *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998).

⁴⁵ A educação, considerada mola propulsora do desenvolvimento na nossa região, tem-se moldado através do tempo, aos interesses do poder dominante seguindo um modelo didático-pedagógico tradicional. A maioria das escolas, sejam estas da rede estadual ou municipal, seguem enquadradas num modelo tradicional de ensino, onde os professores são meros repassadores de "conteúdos".

⁴⁶ A educação socializa a cultura e além de suscitar e difundir a inovação não produz apenas "coisas"; ela também produz homens, modificando as atitudes destes, suas relações, o nível de suas aspirações, facilitando sua adesão e sua participação no processo de mudança (Malassis, L. *Educación e éveloppement agrícola*. *Revice Internationale des Sciences des Sociales*, v.2, 1989).

Dentro dessa ótica procuramos saber entre os entrevistados, o que pesou mais na formação humana ou como cidadãos. Para 70,0% dos pecuaristas a família teve um peso relevante; para 20,0% a escola teve muito a ver e apenas 10,0% afirmam que o grupo social teve grande importância na sua formação. Entre os fruticultores 54,5% dos entrevistados apontaram a família; 22,7% indicaram a escola e 18,3% o grupo social, conforme demonstra a tabela 16.

Tabela 16 – A formação social dos pecuaristas e fruticultores

Origem	Pecuaristas	Fruticultores
A família	70,0%	54,5%
A escola	20,0%	22,7%
O grupo social	10,0%	18,3%
Outro	Sem informação	4,5%
Total:	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F. 2000.

Em relação à educação dos filhos dos entrevistados foi indagado se na educação escolar dos seus filhos está faltando alguma coisa. Para 40,0% dos pecuaristas não falta nada e está bom como está, entretanto para 26,7% está faltando empenho por parte de alguns professores e que o ensino deveria estar mais voltado para a realidade local. Outros 20,0% responderam que faltam cursos técnico-profissionalizantes. Entre os fruticultores 53,3% responderam que não falta nada e estavam conformes, 26,7% afirmaram que está faltando melhor qualificação da escola, sendo que ela deveria desenvolver a criticidade dos alunos; 20,0% dos fruticultores não responderam. Na percepção da maioria dos pecuaristas e principalmente dos fruticultores a educação escolar dos seus filhos não os preocupa, argumentando que o atual modelo de ensino está bom. Esse posicionamento, por parte dos entrevistados abre margem para uma série de

conjeturas, em relação a qualidade de educação de seus filhos, uma vez que, a maioria das escolas da região segue um modelo tradicional de ensino e com deficiências estruturais.

Poder de Decisão na Economia Familiar

Indagando sobre quem toma as decisões no gerenciamento econômico da família, vimos que entre os pecuaristas aproximadamente a metade responderam que as decisões são tomadas pelo chefe da família depois de conversar com a família. Um pouco mais de um terço afirmam que é pelo chefe da família e cônjuge e um quarto dos entrevistados afirmam que é decidido apenas pelo chefe da família. No caso dos fruticultores, mais da metade afirmam que as decisões são tomadas pelo chefe da família e cônjuge; para um terço, as decisões são tomadas pelo chefe da família depois de conversar com a família e para alguns produtores é o administrador da empresa da família. Pode-se observar que o poder decisório gira quase sempre em torno do chefe de família, tanto entre os pecuaristas como entre os fruticultores, retratando uma questão cultural do poder tradicional que é muito forte e persiste na região.

Embora todos os entrevistados estejam filiados às suas entidades de classe, neste caso à Associação Rural (pecuaristas) e AGAPOMI (fruticultores), é verificado a participação dos mesmos em outros segmentos representativos da comunidade, sejam estes ligados à produção agrícola ou a entidades sociais. Neste sentido, uma parcela significativa dos pecuaristas responderam que são associados também à COOPerval (cooperativa de grãos), e um pouco mais de que um terço a entidades ou clubes sociais. Entre os fruticultores, uma pequena parcela são associados à COOPerval e a grande maioria participam e estão associados a uma outra entidade ou clube social. Sobre esta questão é

importante observar a participação significativa dos pecuaristas na cooperativa de grãos,⁴⁷ demonstrando uma flexibilização de alguns produtores que além da pecuária produzem também grãos enquanto que a participação dos fruticultores é mais significativa em entidades e clubes sociais⁴⁸ do município.

Para saber qual a posição dos entrevistados em relação ao trabalho coletivo indagamos de que forma obtém-se melhorias na qualidade de vida de sua comunidade. Entre os pecuaristas 48,2% afirmam ser através da organização comunitária; para 37,0% através da influência de um político, enquanto que para 46,6% dos fruticultores obtém-se através da organização comunitária; 30,0% através de políticos influentes e 20,0% pela luta individual das pessoas, demonstrada na tabela 17. Pode-se observar também que se uma parcela significativa dos entrevistados têm uma percepção favorável ao espírito coletivo de trabalho, a outra fica na dependência de favores dos políticos que, na maioria dos casos, favorecem apenas os interesses de poucos.

Tabela 17 – Percepção sobre a melhoria na qualidade de vida.

Através de	Pecuaristas	Fruticultores
Organização comunitária	48,2%	46,6%
Políticos influentes	37,0%	30,0%
Luta individual	7,4%	20,0%
Não adianta querer melhorar	7,4%	3,4%
Total:	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável. Peña Mujica, F. 2001

⁴⁷ Esta situação, em outras épocas era contestada porque existia uma rivalidade entre granjeiros e pecuaristas, a Cooperativa era somente de granjeiros e a Associação Rural de pecuaristas, um produtor não produzia o que o outro produzia.

Sucessão Patrimonial

Quanto à questão do processo da sucessão patrimonial este tem-se apresentado como um dos fatores limitadores⁴⁹ na permanência da família ou membros dela na propriedade, dando continuidade à exploração agrícola. A distribuição dos bens e principalmente da terra segue características socioculturais tradicionais no setor rural e, neste caso específico, dos pecuaristas e fruticultores.

Neste sentido, perguntamos aos pecuaristas sobre qual a origem de sua propriedade 40,0% responderam que é sede da propriedade dos pais e que recebeu como herança; 20,0% afirmaram que uma parte veio da herança da mulher e a outra recebeu dos pais; e 15,0% é herança da esposa. Entre os fruticultores o quadro é bem diferente, 53,3% respondem que as terras da propriedade foram compradas por eles, e 33,3% foram compradas pela família, conforme tabela 18.

Tabela 18 – A origem de sua propriedade

Origem	Pecuaristas	Fruticultores
Propriedade dos pais	40,0%	6,7%
Comprada pela família	15,0%	33,3%
Herança da esposa	15,0%	Sem informação
Parte recebeu da família e parte veio da herança da esposa	20,0%	Sem informação
Comprada apenas por eles	10,0%	53,3%
Não deram resposta	0,0%	6,7%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F. 2001.

Uma das grandes diferenças observadas entre pecuaristas e fruticultores é a origem da terra ou da propriedade, cuja exploração segue um processo tradicional de

⁴⁸ Entre as entidades e clubes, podem ser citados: o Rotary Club, o Lions Club, CTGs, Jokey Club, Clube Guarani e Clube do Comércio entre outros.

⁴⁹ Segundo informações do Cartório de Registro de Imóveis de Vacaria/RS: famílias tradicionais com grandes extensões de campo não realizavam a partilha dos bens antes da morte do chefe da família, quando muito, os filhos tinham somente o usufruto. A posse da terra, dentro do processo sucessório e legalmente reconhecido em cartório, tem-se apresentado uma entrave na permanência dos filhos na exploração da propriedade.

família (no caso dos pecuaristas), ou independe da interferências dos antepassados (no caso dos fruticultores).

Esses dados são reforçados pelo posicionamento dos entrevistados em relação à herança recebida entre seus irmãos, onde 53,3% dos pecuaristas disseram que todos os seus irmãos receberam terra, 13,3% apenas os homens receberam e 20,0% ninguém recebeu. Entre os fruticultores, 53,3% afirmam que ninguém recebeu terra e dos que receberam 26,6% manifestaram que todos os irmãos receberam terra.

Procuramos saber se nas famílias de cada produtor a sucessão patrimonial estava definida. Para a maioria dos pecuaristas, 46,6%, essa questão não foi pensada ainda, 20,0% afirmam que é muito cedo para ser definido; entretanto, para 20,0% essa questão está definida e registrada em cartório, conforme tabela 16. A posição entre os fruticultores, sobre essa questão, é mais ou menos parecida à dos pecuaristas, para 40,0% deles, a definição da sucessão patrimonial não foi pensada ainda, e para 26,7% era muito cedo para essa questão ser definida; em contra partida para 13,3% está definida, porém ainda não registrada em cartório, e 20,0% dos fruticultores fizeram a distribuição entre seus filhos e registrada em cartório.

Tabela 19 – A sucessão patrimonial

Situação definida	Pecuaristas	Fruticultores
Sim, registrado em cartório	20,0%	20,0%
Sim, ainda não registrado em cartório	6,7%	13,3%
Não, é muito cedo	20,0%	26,7%
Não, não pensaram ainda	46,6%	44,0%
Outro	6,7%	Sem informação
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável, Peña Mujica, F. 2000.

Além da partilha dos bens, procurou-se saber se alguns dos filhos administra a propriedade. Entre os pecuaristas 66,7% responderam que não e 33,3% afirmativamente.

Entre os fruticultores, a maioria, 73,3% responderam negativamente e 20,0% abstiveram-se de responder.

A Questão Política

De uma maneira geral, as entidades de classe com mais prestígio segundo os pecuaristas e fruticultores são a FARSUL e AGAPOMI em nível regional e a CNA em nível nacional. Estas têm defendido os produtores rurais com apoio de alguns deputados federais. Mais especificamente sobre o município, procurou-se saber através da percepção dos entrevistados, quem domina a política em Vacaria. Entre os pecuaristas 40,0% afirmam que a política é dominada pelo poder econômico; 20,0% pelo prefeito e 13,4% por um deputado estadual, conforme mostra a tabela 17. Enquanto que para 40,0% dos fruticultores os partidos tradicionais da direita são os que dominam a política no município; para 20,0% é o poder econômico e, 33,3% não quiseram se manifestar.

Tabela 20 - Quem domina a política em Vacaria?

Percepção	Pecuaristas	Fruticultores
Poder Econômico	40,0%	20,0%
Prefeito (PPB)	20,0%	Sem informação
Partidos tradicionais de direita	Sem informação	40,0%
Deputado Estadual (PPB)	13,3%	Sem informação
Ninguém	Sem informação	6,7%
Sem resposta	26,7%	33,3%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável. Peña Mujica, F.; 2001.

Na opinião de ambos, a força política do município está centrada no poder econômico, e segundo os fruticultores também nos partidos tradicionais de direita como o PPB que é também apontado pelos pecuaristas.

Perguntamos que governo seria melhor para o Brasil: entre os pecuaristas 33,3% responderam que é melhor um governo militar ou ditadura de mão firme; 26,7% um governo popular democrático, e uma minoria apontou o parlamentarismo e presidencialismo, ambos com 6,7% conforme mostra a tabela 18. Para 26,7% o parlamentarismo é o melhor; 20,0% percebe que o governo atual de FHC é realmente o melhor para o Brasil, outros apontam a social democracia, o governo popular democrático e o presidencialismo como sendo o melhor.

Tabela 21 – O melhor governo para o Brasil

Percepção	Pecuaristas	Fruticultores
Militar	33,3%	Sem informação
Parlamentarismo	6,7%	26,7%
Popular democrático	26,7%	13,3%
Atual (FHC)	Sem informação	20,0%
Social democracia	Sem informação	13,3%
Presidencialismo	6,7%	6,7%
Outros	13,3%	6,7%
Sem resposta	13,3%	13,3%
Total	100,0%	100,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável. Peña Mujica, F.; 2001.

Pode-se observar que embora uma parcela dos pecuaristas seja favorável ao governo militar, uma outra não menos representativa, encara isso de forma absolutamente contrária optando por um governo popular democrático, dando margem para uma reflexão futura sobre este assunto.

Sobre as pessoas mais influentes na política do município, tanto os pecuaristas como os fruticultores indicam três pessoas: o atual prefeito (PPB), que é agropecuarista e presidente da COOPERVAL, um empresário de maçã e um deputado estadual (PPB), este ex-bancário e radialista, sem vínculo com o setor de produção agrícola.

Os valores tradicionais neste contexto demonstram alguns aspectos importantes na configuração do perfil dos entrevistados. Conforme Tabela 22, algumas questões levantadas identificam diferenças entre pecuaristas e fruticultores, principalmente em relação à origem da propriedade e grau de escolaridade. A comparação dos dados permite analisar a formação sociocultural dos atores envolvidos nesta pesquisa.

Tabela 22 – Valores tradicionais, educação e cultura.

Questões	Pecuaristas	Fruticultores
Estão satisfeitos com a educação escolar de seus filhos	40,0%	53,3%
A família foi responsável pela formação como cidadão	70,0%	54,0%
O gerenciamento econômico da família é decidido pelo chefe da família	46,7%	53,3%
A propriedade provém de herança	75,0%	6,7%
A sucessão patrimonial já está definida e registrada em cartório	20,0%	20,0%
Possuem curso superior	26,7%	60,0%

Fonte: Desenvolvimento Rural Sustentável. Peña Mujica, F.; 2001.

CAPÍTULO III

DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL

NOÇÕES DE DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

"O conhecimento está ligado, por todos os lados, à estrutura da cultura, à organização social, à práxis histórica. Ele não é apenas condicionado, determinado e produzido, mas é também condicionante, determinante e produtor". (Morin, E. 1998:31)

Para uma melhor compreensão sobre desenvolvimento sustentável, faz-se necessário uma abordagem teórica dos principais aspectos que norteiam a construção ou definição de conceitos, embora complexos, as noções de desenvolvimento e sustentabilidade que tem gerado controvérsias e muita discussão no mundo acadêmico para chegar a um significado de consenso. A abrangência desses termos são realmente muito complexas, envolve o campo social, econômico e tecnológico. Estabelecer uma definição única para o desenvolvimento é um tanto difícil sobretudo porque nos últimos anos houve um grande aprofundamento de conceitos devido à gravidade da produção destrutiva. Segundo Almeida, (1997)⁵⁰, a partir da década de 50 o desenvolvimento se balisa por princípios econômicos, ou seja, o crescimento econômico norteando o desenvolvimento, principalmente de países do terceiro mundo sob a égide da modernização. Entretanto, nos últimos 20 anos, uma nova discussão tem estabelecido alternativas de desenvolvimento, como contraponto a esse modelo.

Pode-se dizer, também, que a relação do desenvolvimento, crescimento econômico, progresso e modernização, pautam essencialmente a ordem econômica, onde a produtividade, a eficiência, a inovação tecnológica, a rentabilidade e o lucro seriam as chaves para a economia (Brandenburg, 1999). A crise da modernidade traz à tona problemas sociais resultantes dos modelos econômicos que priorizam a concentração de riquezas, a internacionalização dos mercados, a exclusão social, o desemprego, e a robotização do trabalho, provocando, entre outras, uma crise social, econômica e ambiental.

As idéias de desenvolvimento conforme Almeida, (1997) são reduzidas a uma visão de modernização, provocando uma certa confusão ao relacioná-la à noção de desenvolvimento, cuja diferenciação está em que a modernização é um processo e o desenvolvimento uma política.

Noção de Desenvolvimento

A abrangência da noção de desenvolvimento como política tem permitido enfoque muitas vezes divergentes por parte da literatura especializada. Pode-se dizer que o desenvolvimento assim como a modernidade são categorias filiadas a um tipo de universo ideacional de uma elasticidade tamanha que até faz crer se estar diante de uma caixa preta ou de uma noção vazia, (Ribeiro, 1991) ao mesmo tempo em que desempenha um papel importante na organização das relações sociais, políticas e econômicas.

Após a Segunda Guerra Mundial, algumas organizações como o BM - Banco Mundial, FMI - Fundo Monetário Internacional; BIRD - Banco Internacional para

⁵⁰ Almeida citando Morin (1997) enfoca duas teorias de desenvolvimentistas baseadas no (neo) liberalismo e marxismo ambas inspiradas nas sociedades ocidentais, propondo modelos para o mundo sob o paradigma humanista ocidental.

Reconstrução e Desenvolvimento; GATT - *General Agreement on Trade and Tariffs*, hoje OMC – Organização Mundial do Comércio; CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e a ONU - Organização das Nações Unidas, começam a gestar novas teorias de desenvolvimento, baseados no capitalismo e como uma das soluções para a humanidade, estabelecendo mecanismos para se operar, em nível global e indicadores para medir performance e desenvolvimento, como o Produto Interno Bruto por exemplo.

“As avaliações quantitativas e qualitativas dos resultados das modalidades de desenvolvimento, como foram executados no mundo todo, mostram que o crescimento e desenvolvimento econômico não levam necessariamente ao desenvolvimento humano. O escândalo da miséria, das enormes desigualdades sociais, da vida não-humana de milhares de seres humanos, nos cinco continentes, estão aí para comprovar o argumento. A distribuição de renda não é consequência automática de seu crescimento” (Wanderley, 1993 : 129)

O desenvolvimento passa também a ser relacionado com as transformações da sociedade capitalista que tem, no seu seio, a inter-relação com suas identidades culturais e suas tradições diante dos paradigmas que a modernidade ocidental impõe, nesse sentido o conceito de desenvolvimento passa pela idéia de crescimento econômico valizados pelos padrões de vida e consumo alcançados pelas nações ocidentais industrializadas, esse processo pode ser focalizado no espaço e vida rural, uma vez que a exploração da agricultura segue diferentes processos sob a ótica da tradição e a modernidade Toledo, (1998)⁵¹.

Através dessa dicotomia, tradição e modernidade, pode-se inserir a noção de desenvolvimento rural, que pode ser vista sobre uma base social, econômica, cultural e ambientalmente adaptada a uma determinada região, impulsionadas pelo grande avanço

⁵¹ *Para el análisis sectorial o normal de los espacios rurales la visión de desarrollo se encuentra cautiva al paradigma que impone la modernización occidental, el cual establece como único referente el esquema bipolar entre tradición y modernidad.* (Toledo, V. M.; *Estudiar lo rural desde una perspectiva interdisciplinaria: el enfoque ecológico-sociológico.* In: *Globalización, Crisis y Desarrollo Rural en America Latina.* Mexico: V Congreso Latinoamericano de Sociología Rural, 1998 : 174)

tecnológico em todos os campos. Neste sentido não se pode negar que a modernização da agricultura trouxe mudanças importantes no contexto global, com o crescimento econômico e a tecnificação da produção de alimentos. Porém, deve-se observar também que essa modernização da agricultura conhecida como a “revolução verde”⁵² no final do século, torna-se dependente das indústrias químicas e em consequência do capital financeiro, vendendo ao agricultor o famoso “pacote tecnológico”. Nessas condições, a industrialização torna-se sinônimo de progresso e modernidade na sociedade industrial, Almeida, (1997).

A discussão do Desenvolvimento Rural leva-nos a pensar sobre os elementos históricos e sócio-econômicos que se processam na vida dos atores, tanto rurais como urbanos, da mesma forma a inter-relação comercial e industrial na transformação de suas estruturas. Dentro de uma realidade rural a introdução de novas tecnologias em projetos de desenvolvimento rural, vai provocar rupturas na concepção de uma tecnologia tradicional, gerada, adaptada e transmitida de geração em geração e que as transformações processadas se darão lentamente em sociedades tradicionais orientadas por valores e estilos de vida da sociedade moderna⁵³.

A noção de desenvolvimento rural e agrícola no Brasil segundo Almeida, (1997) segue um modelo dominante⁵⁴ conforme os cânones da modernização e para isso os órgãos oficiais têm contribuído na difusão de tecnologias, consideradas únicas para alcançar o progresso, em detrimento de sistemas alternativos de produção e diversificação.

⁵² A revolução verde a partir de 1960 caracterizou-se pela formação de “pacotes tecnológicos” com a intenção de ser aplicada nível mundial, mediante uso intensivo de mecanização, de fertilizantes e pesticidas da mesma forma a criação de cultivares insensíveis ao fotoperíodo, muito eficientes quanto a transformação de nutrientes em grão, resistência ao acamamento e algumas doenças predominantes (Diaz e Perzecauski).

⁵³ Conforme trabalho desenvolvido com pequenos produtores rurais argentinos, demonstra que a concepção de tecnologia por eles manifestadas é influenciada pela idéia de modernidade e que, os conceitos de conforto, eficiência e modernidade apareceram cada vez mais ligada à idéia de tecnologia (Cáceres D. et al, *Las Representaciones de pequeños productores agropecuarios de Argentina Central*, In. *Revista de Desarrollo Rural y Cooperativismo Agrario*, 1999).

Nesse processo de modernização, grande parte da população ficou excluída, muitos produtores tiveram de abandonar suas terras e unidades produtivas, ou ainda colocar-se a serviço dos agentes de produção, envolvidos pelas promessas de aumento de produtividade, pelas facilidades de crédito barato e pela possibilidade de incluírem-se no “moderno” padrão de desenvolvimento.

Conforme alguns autores, Viola, (1990), Yarley, (1991), Sousa Santos, (1994), Sachs (1993), a modernização da agricultura, no bojo da globalização da economia trouxe conseqüências desastrosas tanto em termos sociais quanto ambientais.

"No Brasil a globalização da agricultura trouxe como seus correlatos, por um lado o desenvolvimento técnico e o progresso econômico, e por outro, a degradação e o esgotamento dos recursos naturais, a desigualdade, a pobreza, a exclusão e a violência, bem como a concentração fundiária e de renda (...). Estas são questões importantes a serem refletidas quando tratamos o rural como cenário onde realizam-se interações entre indivíduos/sociedade/natureza (...)" (Duarte, 1996 : 2)⁵⁵.

Outro aspecto que a discussão do desenvolvimento rural tem levantado é em relação ao meio ambiente, enfocando de forma mais ampla o processo de desenvolvimento da agricultura brasileira, cuja trajetória histórica é, conforme Brandenburg, (1995:72)⁵⁶ a história da degradação dos seus recursos naturais e de um empobrecimento gradual de seu potencial produtivo, devido à incorporação de sistemas de exploração inadequados a seus ecossistemas. Essa alteração ou depredação da natureza tem como conseqüência uma reflexão sobre o modelo de desenvolvimento vigente e suas interações com os atores sociais no espaço rural. Diante disso, surgem novas orientações teóricas que propõem o uso de conceitos mais abrangentes, tais como o “desenvolvimento com equidade” e o

⁵⁴ Trata-se do modelo vigente de desenvolvimento, sustentado no capitalismo, na tecnificação, no sistema financeiro e nas práticas das políticas públicas.

⁵⁵ Duarte, L. M. G. Globalização e Desenvolvimento Sustentável: A Agricultura no Limiar do Século XXI, (Mimeo) IX Internacional Congresso of Rural Sociology/IRSA, em Romênia 1996.

⁵⁶ Branderburg, A. Agricultura Familiar, ONGs e Desenvolvimento Sustentável. Curitiba: Ed. UFPR, 1999

“ecodesenvolvimento”, ao mesmo tempo em que nascem correntes ou enfoques de sustentabilidade como contraponto aos resultados destrutivos do modelo capitalista.

Noção de Sustentabilidade

Paralelamente à discussão sobre desenvolvimento, a noção de sustentabilidade têm provocado um exaustivo debate para entender o significado e suas implicações dentro da ótica de desenvolvimento, embora as definições sejam muitas e exista uma quantidade considerável de dados, a maioria é direcionada à busca de um novo conjunto de valores para a sociedade, com grande ênfase sociológica e respeito ao meio ambiente.

Nesse sentido, o termo vem sendo debatido desde o início da década de 80, quando se levantou a necessidade de um “desenvolvimento sustentável”, sendo esta a primeira vez a se usar o termo sustentabilidade. A partir daí vários encontros foram realizados para tratar assuntos relacionados a esse tema. Em 1983 é formada a CMMAD - Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, que mais tarde irá publicar seu relatório (Relatório Brundtland: “Nosso Futuro Comum”) em 1987. A partir de então é difundido e passa a ser politicamente correto falar em sustentabilidade (Marzall, 1999).

Para muitos autores, o debate sobre sustentabilidade parte da preocupação com o meio ambiente. A crise ambiental é decorrente da lógica de acumulação do capital, do superdesenvolvimento industrial e o conseqüente modo de uso da natureza (Acsehrad, 1993; Fernandez, 1995), havendo a necessidade de gerar um novo paradigma. Para isso é importante uma mudança no sistema de valores éticos, que são determinantes do comportamento (Allen, 1993). A complexidade da idéia de sustentabilidade e sua interação entre diferentes dimensões, sociocultural, ambiental, econômica e política, requer ações

mais integradas, envolvendo a diversidade não apenas ambiental, mas de valores e práticas, bem como de resolver os problemas observados (Pretty, 1996).

"O critério de "sustentabilidade da natureza enquanto recurso para a produção" só tem sentido se acoplado ao princípio da sustentabilidade da vida e da diversidade, como paradigma das relações entre os homens e destes com a natureza. O meio ambiente só tem sentido se o epicentro for o homem e a satisfação de suas necessidades sociais".
(Wanderley, 1993 : 134)

Para alguns autores como Fernandez (1995)⁵⁷, a sustentabilidade é mais do que a simples conservação da diversidade genético-cultural ao longo do tempo. É um projeto social, que se opõe às tendências históricas que determinam a uniformização ecológica, cultural e tecnológica dos povos e a unificação positivista do conhecimento, que tem se mostrado necessária para o aumento da produtividade dentro da lógica capitalista de produção. A observação que fica portanto é que a noção de sustentabilidade além ser construída em torno da questão ambiental, só tem sentido quando considerada relativamente ao ser humano.

Pode-se, ainda, considerar que a sustentabilidade está relacionada ao desenvolvimento e sobre essa ótica alguns programas têm sido orientados⁵⁸, e em alguns casos estabelecer princípios básicos para o significado da sustentabilidade, adequados à realidade local de cada região ou país. Pode-se dizer ainda que a sustentabilidade não é algo estático ou fechado em si mesmo, mas faz parte de um processo de busca permanente de estratégias de desenvolvimento que qualifiquem a ação e a interação humana nos ecossistemas. Alguns autores têm trabalhado nesse sentido, entre eles podemos citar Bojanic, que faz uma abordagem sobre esse tema.

⁵⁷ Citado por Marzall, 1999.

⁵⁸ Neste sentido as Nações Unidas, através da Agenda 21, recomendam: "é preciso desenvolver indicadores do desenvolvimento sustentável que sirvam de base sólida para a tomada de decisões em todos os níveis e que

"La sostenibilidad se caracteriza por su multidimensionalidad e interconexión entre factores de carácter socio-ambiental, económico (...) tiene como principio fundamental procurar mejorar la calidad de vida, es decir, la búsqueda permanente de modelos de desarrollo que primeramente consideren la dimensión humana, teniendo como objetivos satisfacer las necesidades básicas, brindar igualmente de oportunidades a los miembros de una comunidad, insentivar la activa participación social en la toma de decisiones de gobierno, y atenerse a principios elementales para una vida plena". (Bojanic, 1999)⁵⁹.

Desenvolvimento Rural Sustentável

A noção de desenvolvimento (rural) sustentável nasce, portanto, das concepções heterogêneas e visões de mundo alicerçadas no reconhecimento da inadequação econômica, social e ambiental no padrão de desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Portanto, a análise e compreensão desses pressupostos teóricos acima citados e sua estreita relação com os atores sociais ligados à produção agrícola e suas nuances sócio-econômicas ambientais tornam-se importantes.

Na visão da FAO por exemplo, o termo "sustentável" aparece associado à questão sócio-ambiental e à produção de alimentos, cujo objetivo é atender às necessidades das gerações futuras, conforme trabalho apresentado pelo GCIAI⁶⁰, a sustentabilidade da produção agrícola está alicerçada pela interação dos fatores biológicos, físicos e sócio-econômicos os quais formam a base de todos os sistemas de produção.

Essa noção de desenvolvimento (rural) sustentável vai-se afirmando à medida em que novas discussões e estudos vão surgindo diante das limitações dos recursos naturais e das injustiças sociais provocadas pelo modelo de desenvolvimento vigente (Almeida, 1997). Para termos uma idéia, esses debates são impulsionados

contribuam para uma sustentabilidade auto-regulada dos sistemas integrados de meio ambiente e desenvolvimento.

⁵⁹ Trabalho retirado da Internet, *La sostenibilidad del proceso de desarrollo en Bolivia*, 1999. Publicado pelo PNUD. Disponível on-line em <http://gug.pnud.bol/claves1/bjanic.htm>

⁶⁰ GCIAI – Grupo Consultivo sobre Investigação Agrícola Internacional – elaborou uma monografia sobre Produção Agrícola Sustentável, apresentada a FAO em 1986.

historicamente por questões sócio-ambientais, dentre as principais e como ponto de partida podemos destacar o livro de Rachel Carson, “*A Primavera Silenciosa*” (1962), no qual ela trata da perda da qualidade de vida produzida pelo uso indiscriminado e excessivo dos produtos químicos e os efeitos dessa utilização sobre os recursos ambientais.

A seguir, a Conferência de Estocolmo, 1972, realizada pela ONU, levanta a realidade dos recursos naturais limitados, sendo preciso instituir programas de conservação e, pela primeira vez, observa-se o chamamento à conservação de recursos para atender às necessidades de gerações futuras.

Mais tarde, com a publicação da CMMAD, do Relatório de Brundtland em 1987, sob o título de “*Nosso Futuro Comum*”⁶¹, tem-se a primeira formulação da noção sobre Desenvolvimento Sustentável e o mesmo é considerado o ponto de partida da conceituação de desenvolvimento sustentável. Embora muito genérica, é de uma maneira geral aceita e discutida por diferentes autores e estudiosos desse tema, entre os quais os que criticam a “Revolução Verde” e os defensores da uma agricultura moderna ou capitalista.

“O atendimento das necessidades básicas requer não só uma nova era de crescimento econômico para as nações cuja maioria da população é pobre, como a garantia de que esses pobres receberão uma parcela justa dos recursos necessários para manter esse crescimento(...). Para que haja um desenvolvimento global sustentável é necessário que os mais ricos adotem estilos de vida compatíveis com os recursos ecológicos do planeta quanto ao consumo de energia, por exemplo(...). O desenvolvimento sustentável não é um estado de harmonia, mas um processo de mudança na qual a exploração dos recursos, a orientação dos investimentos, os rumos do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional estão de acordo com as necessidades atuais e futuras. (Nosso Futuro comum, 1988)⁶².

⁶¹ Este relatório define desenvolvimento sustentável como sendo aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades (Nosso Futuro Comum) 1991, p. 46 citado por Brandenburg.

⁶² Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. *Nosso Futuro Comum*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

Este conceito parece buscar a integração sistêmica entre a exploração dos recursos naturais, o desenvolvimento tecnológico e a mudança social. Entretanto é preciso conceber que um desenvolvimento tenha nas prioridades sociais sua razão primeira, transformando, via participação política, excluídos e marginalizados em cidadãos, (Almeida, 1997 : 52).

No marco dos debates mais importantes sobre desenvolvimento sustentável, a ECO-92⁶³ incorpora o Relatório de Brundtland no seu discurso para elaborar uma agenda de trabalho para o século XXI, a "Agenda 21"⁶⁴, recomendando a implementação e execução do desenvolvimento sustentável em nível global por parte dos governos locais. No Capítulo 14 estabelece-se a Promoção do Desenvolvimento Rural e Agrícola Sustentável que tem como objetivo, em primeiro lugar, aumentar a produção agrícola de forma sustentável para assegurar que todas as pessoas tenham acesso aos alimentos de que necessitam; em segundo lugar, melhorar o bem-estar das pessoas de acordo com suas aspirações sociais e culturais, e, em terceiro lugar, proteger e preservar a base da capacidade dos recursos naturais para seguir proporcionando serviços de produção ambientais e culturais (FAO, 1997).

Através desse retrospecto, pode-se dizer que a consecução do Desenvolvimento Rural Sustentável é um processo lento e deve manter necessariamente uma relação estreita com as questões sociais, econômicas e técnicas. Alguns avanços tem-se conseguido neste sentido, programas e estudos realizados pela CNUMAD, FAO, PNUD, PNUMA com organismos co-patrocinadores, como ONGs, grupos de agricultores,

⁶³ Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e o Meio Ambiente realizado no Rio de Janeiro, em 1992.

⁶⁴ O documento da Agenda 21 fundamenta-se no reconhecimento de que ao mundo desenvolvido corresponde responsabilidade maior e diferenciada na busca de soluções dos problemas ambientais, por outro lado, a ECO-92 estabeleceu uma Comissão de Desenvolvimento Sustentável integrada por demais órgãos da ONU e recomenda a criação de estruturas nacionais para definir estratégias, na sua maioria.

governos nacionais e locais que lograram estabelecer um permanente debate em torno a esse tema. No entanto, o Relatório Brudtland que tem norteado a noção de desenvolvimento sustentável, tem gerado também, controvérsias e críticas por parte de alguns autores e ONGs. Vieira (1998), vê no Relatório uma visão contrária às reais necessidades humanas e pelo fato de ignorar as relações desiguais que impõem aos países em desenvolvimento os custos sociais e ambientais do crescimento dos países desenvolvidos. Acrescenta ainda, que o relatório ignora as contradições internas nos países em desenvolvimento onde as elites dominantes mantêm o padrão atual de crescimento, predatório ecologicamente e injusto socialmente. Além disso permeia a crença nas forças de mercado para resolver os problemas ambientais. Para Sunkel (1990), o desenvolvimento sustentável assegura a continuidade da base natural da produção econômica.

A noção de Desenvolvimento Rural Sustentável requer, portanto, a compreensão de desenvolvimento e sustentabilidade que tem por base a ética, a multidimensionalidade e a interconexão entre fatores de caráter social, ambiental e econômico, constituindo-se num desafio para mudar o atual padrão de desenvolvimento e buscar uma nova forma de fazer agricultura.

MODELOS ALTERNATIVOS

Os modelos alternativos apresentados neste trabalho, têm a intenção de reproduzir algumas experiências e estudos que vêm sendo discutidos nos diferentes setores ligados à produção agrícola sob a premissa do desenvolvimento rural sustentável, podendo servir de referência para alternativas de mudança. Diante do paradigma atual de desenvolvimento e dos problemas existentes no meio rural algumas propostas têm surgido na construção de novos modelos produtivos, enfocando a realidade local e o conhecimento tradicional de agricultores envolvidos nos sistemas de produção. Conforme Altieri (1991) há necessidade de modelos de agricultura sustentável que combinem elementos de conhecimento tradicional com o modelo científico. No Brasil a adoção de novos modelos alternativos ou a contestação aos modelos vigentes seguem um processo histórico de muita luta no espaço agrícola e rural, onde os atores sociais⁶⁵ passam a debater além das questões da reforma agrária, os termos relativos ao meio ambiente, à modernização agrícola e à implementação de projetos ligados a uma tecnologia alternativa apropriada e sustentável.

Neste sentido, vários trabalhos têm sido realizados pelos atores sociais envolvidos na produção na busca de um novo modelo de organização política, econômica, social e técnico-produtiva, adaptados aos diferentes modos tradicionais de vida e produção.

"Essas idéias e proposições contestadoras têm, em comum, o fato de tenderem a repensar a realização da agricultura e o espaço rural – e de aqueles que neles vivem e trabalham – com o meio ambiente natural e seus recursos. Isso permite elaborar e afirmar um tipo de discurso cujos princípios gerais giram em torno da maneira de utilizar esses recursos no meio agrícola e rural". (Kaimowitz, 1998 :62).

A necessidade da adoção de novos modelos alternativos está fundamentada na incorporação de elementos ecológicos na agricultura sem esquecer as dimensões sociais e econômicas. As ONGs⁶⁶ desenvolveram várias propostas alternativas de produção alicerçadas no desenvolvimento sustentável e em oposição à agricultura convencional. Destaca-se a Agricultura Alternativa⁶⁷, que engloba algumas das propostas de desenvolvimento integrado, com resultados econômicos e verdadeira preservação do meio ambiente⁶⁸.

"A necessidade urgente de combater-se a miséria no setor rural, e de se recuperarem os recursos básicos das pequenas propriedades, incentivou um número de organizações não-governamentais na região a buscar novos tipos de desenvolvimento agrícola e estratégias de gerência de recursos que, com base na participação local, nas técnicas e nos recursos, proporcionasse a produtividade enquanto conservasse os recursos de base". (Altieri e Masera 1997 :88).

Agroecologia

Dentre os modelos de "agricultura alternativa" pode-se dizer que a Agroecologia é a que pode-nos levar a produzir de forma mais sustentável. Ela procura bases científicas para suas propostas técnicas além de tentar valorizar os aspectos socioculturais da produção agrícola. Conforme (Ehlers, 1996) os diferentes conjuntos de

⁶⁵ Na sua maioria formado por agricultores ligados aos movimentos de base, que se organizaram para contestar a forma de exploração da agricultura e dos próprios trabalhadores rurais.

⁶⁶ Organizações não-governamentais desempenham um papel articulador dos novos modelos de desenvolvimento sustentável, enfocando os múltiplos aspectos que vão da interdisciplinaridade até a articulação de níveis de organização social (Ribeiro, 1997).

⁶⁷ Para melhor compreensão, a agricultura alternativa neste estudo representa as diferentes formas de agricultura contestadoras à agricultura convencional e a rejeição à insumos industrializados. Elas são qualificadas como "agricultura" sustentável, biodinâmica, orgânica, ecológica ou ainda Agroecológica.

técnicas que caracterizam as “agriculturas alternativas” são estudados dentro da agroecologia, procurando entender suas bases científicas como melhorá-las e torná-las mais eficientes e adaptadas às reais necessidades.

A agroecologia contrapõe-se à agricultura convencional ou “moderna” instituídas pela “Revolução Verde”, seguindo princípios ecológicos na formatação de projetos e no manejo de agrossistemas, priorizando a biodiversidade local (Quadro 4). A agricultura convencional, por sua vez, está construída em torno de dois objetivos: a maximização da produção e o lucro. Para alcançar essas metas algumas práticas têm sido desenvolvidas sem cuidar suas conseqüências a longo prazo, nem considerar a dinâmica ecológica dos agrossistemas. Entre as práticas que formam a espinha dorsal da agricultura moderna podem citar-se: cultivo intensivo do solo, monocultura, irrigação, aplicação de fertilizantes inorgânicos, controle químico de pragas e manipulação genética de plantas cultivadas. Cada uma é usada por sua contribuição individual à produtividade, mas, como um todo, formam um sistema no qual cada uma depende da outra e reforça a necessidade de usá-las (Gliessman, 2000:34).

As forças produtivas da região de Vacaria têm se identificado com a agricultura moderna, visando apenas a produtividade e o lucro, ignorando as relações sociais de solidariedade e de preservação dos recursos naturais que o sistema capitalista ignora. Ou seja, pouco importa a destruição de agrossistemas através do uso intensivo de máquina e agroquímicos nas grandes monoculturas; a redução da biodiversidade; a produção de milhares de “bóias-frias” na fruticultura; o desemprego sazonal por mais de três meses durante a entre-safra de maçã; a concentração de renda e terra, cada vez maior entre poucos, provoca o aumento da pobreza de trabalhadores rurais, estas, são apenas algumas

⁶⁸ Agricultura Alternativa: Um Enfrentamento à Agricultura Química. (Zamserlan & Froncheti, 1994).

Quadro 4: Comparação entre a "Revolução Verde" e as Tecnologias Agroecológicas

Características	"Revolução Verde"	Agroecologia
<u>TÉCNICAS</u>		
Safras afetadas	Trigo, milho, soja, arroz e outros	Todos os cultivos
Áreas afetadas	A maioria, planícies e áreas irrigadas	Todas as áreas, especialmente marginais (chuvosas, encostas)
Sistema Dominante de plantio.	Monoculturas uniformes geneticamente	Policulturas geneticamente heterogêneas
Insumo dominante.	Agroquímicos, maquinário; alta dependência de insumos externos e combustível de origem fóssil	Fixação de nitrogênio, controle biológico de pragas, reparos orgânicos, alta confiança nos recursos locais não-renováveis
<u>AMBIENTAIS</u>		
Impactos e riscos à saúde.	Médios a altos (Poluição química, erosão, salinização, resistência a pesticidas, etc.). Riscos à saúde na aplicação dos pesticidas e resíduos destes nos alimentos.	Baixos a médios (lixiviação de nutrientes através de adubo).
Cultivos deslocados	Na maioria, variedades tradicionais e típicas.	Nenhum
<u>ECONÔMICAS</u>		
Custos das pesquisas	Relativamente alto.	Relativamente baixo
Necessidades financeiras	Alta – Todos os inputs devem ser procurados no mercado.	Baixa – A maioria dos inputs estão disponíveis no local.
Retorno financeiro	Alto – Resultados rápidos. Alta produtividade	Média – Necessita de tempo para atingir maior rendimento. Baixa as médias de produtividade.
<u>INSTITUCIONAIS</u>		
Desenvolvimento tecnológico.	Setor semi-público, companhias privadas.	Em grande parte, público. Grande envolvimento de ONGs
Considerações sobre patentes.	Variedade e produtos patenteáveis e protegidos por interesses privados.	Variedades e tecnologias sob controle do agricultor.
<u>SOCIOCULTURAIS</u>		
Técnicas de pesquisa Necessárias.	Plantação convencional e outras técnicas agrícolas.	Especialização em ecologia e multidisciplinar.
Participação	Baixa (na maioria, métodos "de cima para baixo"). Utilizados para determinar barreiras à adoção de tecnologias.	Alta. Socialmente ativa, induzindo o envolvimento da comunidade.
Integração cultural	Muito baixa.	Alta. Uso extensivo de conhecimento tradicional e formas locais de organização.

Fonte: Altieri & Masera, 1998.

ilustrações desse desenvolvimento. O papel da agroecologia⁶⁹, neste caso, é mostrar outras formas de produção através de uma agricultura ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável (Gliessman, 2000). Para Altieri (1998), a agroecologia possibilita a compreensão profunda tanto da natureza dos agrossistemas como seu funcionamento, ou seja, enfoca os princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos, além do impacto das tecnologias sobre sistemas agrícolas e a sociedade, dessa forma, a agroecologia busca promover outros padrões de desenvolvimento econômico e social.

Essa linha de pensamento é também conhecida como “agricultura sustentável”, que busca através de diferentes técnicas estabelecer um novo padrão produtivo que não agrida o ambiente e que mantenha as características dos agrossistemas por longos períodos. Segundo Ehlers (1994), é mais provável que esse novo padrão permita abrigar desde aqueles que se contentam com simples ajustes, combinando práticas convencionais com alternativas, até aqueles que vêem a possibilidade de mudanças estruturais a longo prazo, não apenas na produção agrícola, mas em toda a sociedade.

Esses modelos alternativos certamente contribuem para o debate, objetivando transformações, não apenas do conjunto tecnológico dos sistemas produtivos, mas principalmente nos campos econômico, político, sociocultural e ambiental. É preciso considerar a democratização do uso da terra, a erradicação da fome e da miséria e a promoção de uma melhoria na qualidade de vida de toda a humanidade (Ehlers, 1994).

Dentro dessa nova visão, pode-se dizer que tanto a agroecologia como a agricultura sustentável estão na vanguarda dos movimentos contestadores ao modelo vigente, incorporando nas suas ações a questão cultural e identitária local. Alguns

⁶⁹ Conforme Gliessman, a agroecologia abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre conhecimento e sua aplicação. Valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade (Gliessman S. R. Agroecologia: Processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade, /UFRGS, 2000;54).

trabalhos identificados com essa linha de pensamento têm demonstrado claramente que as transformações são um processo lento e precisam de muito esforço. Mesmo assim, esses movimentos, através de modelos alternativos, conseguiram criar uma consciência social nova sobre a produção no seu sentido mais amplo e de contestação ao modelo convencional desenvolvido pelo sistema capitalista, *“a importância desse movimento por uma agricultura alternativa não está no nível da produção da produção, mas da produção da consciência”* (Silva, 1999:55).⁷⁰

Entre os movimentos contestadores da agricultura convencional destacam-se algumas ONGs e principalmente a organização dos pequenos agricultores, ambos, têm contribuído para construir a noção de um modelo de agricultura alternativa neste sentido, podemos citar a APRO – Associação de Produtores Orgânicos em Panambi/RS; CETAP – Centro de Tecnologias Alternativas Populares no Rio Grande do Sul; CAPA – Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, ligado à IELB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil trabalhando em diferentes municípios do Rio Grande do Sul; CVEP – Centro de Educação Popular, em Lages-SC, ligado diretamente à Comissão Pastoral da Terra (CPT); ASSESOAR, Associação de Estudo, Orientação e Assistência Rural, trabalhando em 27 municípios da região sudoeste do Paraná; RURECO – Fundação para o Desenvolvimento Econômico e Rural da Região Centro-oeste do Paraná; ASPTA – Assistência e serviços a Projetos de Agricultura Alternativa, com trabalhos em nível nacional⁷¹. Na região de Vacaria, recentemente pequenos agricultores têm-se organizado e criado a Associação de Produtores Ecológicos, poder-se-ia relacionar muitos outros movimentos espalhados dentro e fora do Brasil.

⁷⁰ A questão da “produção da consciência” não trata apenas de gerar outras técnicas ou novas tecnologias ditas “alternativas”. Trata isso sim, de gerar outra consciência, de gerar novas formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas e filosóficas... Enfim trata-se de produzir, novas formas ideológicas. (Silva, J. Graziano. Tecnologia e Agricultura Familiar Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999:55).

⁷¹ Ver mais sobre esse assunto em Almeida (1998, p.65).

Agricultura Familiar

Na busca permanente de estratégias que possibilitem a construção de contextos de sustentabilidade, a agricultura familiar aparece como uma das principais formas de produção e cujo processo de desenvolvimento, se incorpora de certa forma ao paradigma de uma agricultura alternativa. Entretanto faz-se importante salientar que trata-se de uma unidade de produção, de consumo e de reprodução.

Embora na região de Vacaria o número de agricultores familiares seja pequeno, existem grupos remanescentes engajados no fortalecimento de uma agricultura alternativa, possibilitando mudanças consistentes diante do atual modelo de desenvolvimento. Nesse sentido, neste capítulo reforçamos a discussão sobre agricultura familiar por entender que é uma alternativa viável, não apenas para a região em estudo como também, para outras comunidades rurais.

Nos últimos vinte anos vários trabalhos têm focado a questão da agricultura familiar procurando adequar tipologias que permitissem formular conceituações, de modo que a imagem da noção de “familiar” não apareça como algo frágil e sem poder econômico. Agricultura familiar não é necessariamente sinônimo de precário ou de pequena produção, conforme demonstram trabalhos em alguns países da Europa, Estados Unidos, Canadá e no Sul do Brasil⁷².

Esta problemática decorrente do processo histórico das políticas agrícolas são estudadas no campo sociológico e a complexidade da agricultura familiar recentemente adquiriu legitimidade acadêmica no Brasil⁷³. Entretanto, essas discussões e trabalhos de

⁷² Esta questão é aprofundada em "Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão". Abramovay, E.; São Paulo: Hucitec, 1992.

⁷³ Conforme trabalho publicado por Ivaldo Gehlen, Agricultura Familiar de Subsistência Comercial: Identidade Cabocla e Inclusão Social, Departamento de Sociologia e Pós-Graduação da UFRGS.

pesquisa têm sido realizados por instituições, organizações não governamentais e oficiais, ligadas à questão agrária.

"A agricultura familiar caracteriza uma forma de organização da produção em que os critérios utilizados para orientar as decisões relativas a exploração não são vistas unicamente pelo ângulo da produção/rentabilidade econômica, mas considera também as necessidades e objetivos da família. Ao contrário do modelo patronal, no qual há completa separação entre gestão e trabalho, no modelo familiar estes fatores estão intimamente relacionados". (EMBRAPA, Pesquisa em Agricultura Familiar – IN. G 18).

Por outro lado, grande parte das discussões levantadas sobre o papel da pequena produção nos anos setenta, foi prejudicada pela falta de clareza. Entretanto, dois estereótipos se firmaram: o do produtor de subsistência, que se caracterizava pelo tamanho e forma da terra, onde praticamente todos os custos eram flexíveis, e o da propriedade familiar mais eficiente, que respondia a pressão dos custos com aumento da produtividade apoiado nas políticas públicas de subsídio. Recentemente, um terceiro tipo passa a fazer parte da discussão: o do produtor com pluriatividade, caracterizado pela ocupação agrícola e não-agrícola entre os membros da sua família, diversificando suas fontes de renda principalmente via mercado de trabalho e externalizando parte significativa de suas atividades operacionais Silva (1999). Cada um desses três tipos tem mecanismos de diferenciação quanto à decomposição social e de produção⁷⁴.

Portanto, o conceito de Agricultura Familiar é muito amplo, mas pode-se resumir como *"aquela onde a propriedade, a gestão e a maior parte do trabalho vem de pessoas que mantêm entre si vínculos de sangue ou de casamento"* Abramovay (2000)⁷⁵.

⁷⁴ No caso do produtor de subsistência, os mecanismos de diferenciação mais importantes estiveram associados ao seu tamanho e forma de posse da terra (se proprietário ou não). No caso da propriedade familiar, a grande diferença está no papel de suporte à sua produção por parte das políticas públicas ditas produtivas, com os subsídios o refinanciamento da dívida, etc. E no caso na flexibilidade dos mercados de trabalho e nas políticas de infra-estrutura e políticas agrárias de cunho não-produtivista, como a de previdência social a exemplo (Silva, J. G. Tecnologia e Agricultura Familiar. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999:210).

⁷⁵ Entrevista dado ao GIPAF em 04.2000 disponível on-line em <http://www.cria.org.br>

Este conceito é reforçado por alguns critérios mais flexíveis, propostos por Gasson⁷⁶ no sentido de responder à questão da produção familiar apontando três pontos básicos:

- a) Os membros estão relacionados por parentesco ou casamento;
- b) A propriedade dos negócios é usualmente combinada com controle gerencial;
- c) O controle é transmitido de uma geração para outra dentro da mesma família.

A Dimensão de um Novo Paradigma

Segundo o censo Agropecuário de 1996, no Brasil os agricultores familiares representam 85,5% do total dos estabelecimentos rurais ocupando 30,5% da área e são responsáveis por 37,9% do Valor Bruto da Produção Agropecuária Nacional (VPB), apesar de receberem apenas 23,5% do financiamento destinado à agricultura.

A agricultura familiar vem sendo amplamente debatida no meio acadêmico. Alguns conceitos como pluriatividade e multifuncionalidade surgem das experiências e necessidades das famílias agrícolas na busca de enfrentar a crise, evitando a marginalização e a exclusão social e econômica. A questão da pluralidade aparece com mais frequência nos debates da década de 90 e abrange a discussão sobre a renda que não vem da produção agrícola ou do agricultor em tempo parcial, ou ainda captar recursos de fora do sistema produtivo como turismo, agroindústria, emprego e outras atividades, conforme trabalhos apresentados por Abramovay (2000), Wilkinson (2000) e Gehlen (1996).

A pluriatividade tende a ser cada vez mais importante, embora não substitua a agricultura. Esta pode garantir a subsistência familiar e a melhoria da qualidade de vida

⁷⁶ Citado por Abramovay, R. Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão: A Agricultura Familiar no

ou estratégia de investimento, Gehlen (1996). Pesquisa realizada por Graziano Silva conclui que somente com acesso a ocupações não-agrícolas seria possível estabilizar e elevar as rendas das famílias rurais⁷⁷.

"Os trabalhos sobre pluralidade focalizam precisamente a fragilidade precisamente a fragilidade agrícola da família rural tanto nos mercados tradicionais como novos e o papel estratégico da diversificação dos mercados de trabalho no meio rural. Esta corrente, porém, tende a subestimar as oportunidades agrícolas para a família rural, tanto na manutenção de mercados atuais como na conquista de espaços nos mercados novos, bem como o potencial para uma valorização da agricultura familiar decorrente das crescentes crises afetando o modelo produtivista dominante". (Wilkinson, 2000:27).

Em relação à multifuncionalidade da agricultura familiar, o debate extrapola a função pura e simples da produção primária, ela se readequa às contingências do mercado econômico, ou seja, outras atividades não necessariamente ligadas a produção agrícola são incorporados no espaço rural, este fato, assim como a pluriatividade, tem gerado discussões em nível de Organização Mundial do Comércio (OMC), sendo reconhecido o aspecto multifuncional da agricultura, essencialmente envolvido com a segurança alimentar e desenvolvimento sustentável. Na Agenda 21, Capítulo 14. a OECD, declara em 1998, que além da produção primária, a atividade agrícola pode também moldar a paisagem, prover benefícios ambientais, gestão sustentável dos recursos naturais renováveis, preservação da biodiversidade e contribuir para a viabilidade sócio-econômica em várias áreas rurais.

O enfoque dado à multifuncionalidade está relacionado ao conceito de agricultura e desenvolvimento rural sustentável, permitindo analisar a importância dos sistemas agrícolas e suas relações com outros setores da economia e, principalmente,

País dos Landlords. São Paulo: Hucitec. 1992:166.

⁷⁷ Graziano mostrou que, as rendas não agrícolas são substancialmente maiores que as rendas agrícolas, portanto a criação de empregos não agrícolas, é a única maneira de estancar o êxodo e elevar a renda.

analisar de que forma as políticas públicas se relacionam com as múltiplas funções da agricultura familiar⁷⁸.

"O reconhecimento da multifuncionalidade da agricultura familiar pode significar que seu tratamento não pode ser unicamente comercial, ou de mercado. A agricultura familiar provê um conjunto de serviços e bens públicos, tangíveis e intangíveis, de elevado valor para a sociedade em geral. Os meros instrumentos de mercado não são suficiente para dar conta da complexidade do desenvolvimento da agricultura familiar em seus diversos aspectos". (Soares, 2000:47).

Evolução e Perspectivas

Nos últimos anos a discussão sobre a compreensão da Agricultura Familiar tem tido como base o enfoque de uma agricultura de caráter ecológico, sustentado por um debate ambiental, onde a questão social, política e de recursos naturais pautaram a organização dos pequenos agricultores assim como das ONG's e dos movimentos sociais, não apenas no Brasil como, principalmente, nos países do terceiro mundo.

A relação "meio ambiente e agricultura", "meio ambiente e agricultores" conforme Jollivet (1994)⁷⁹, leva a reflexão ao conjunto da população e das sociedades rurais conforme suas necessidades, sejam estas locais ou no sentido global.

Sob este prisma a Agricultura Familiar vem crescendo e se consolidando em algumas regiões do Brasil principalmente na região Sul, onde o caráter familiar da produção se evidencia não apenas no processo de organização do trabalho mas também nos

⁷⁸ Em relação às funções múltiplas da agricultura algumas funções-chave da agricultura são identificadas por alguns autores como: à segurança alimentar; à função ambiental; função econômica e função social. (Soares, A.; Multifuncionalidade da Agricultura Familiar. Artigo em PROPOSTA n° 87, 2000. Revista de debates da FASE).

⁷⁹ Sobre agricultura e meio ambiente Jollivet questiona por exemplo dos desmatamentos maciços da Amazônia e as queimadas dos cerrados, modificando sensivelmente o ciclo do CO₂. Já no caso da agricultura francesa não ocorre mais isto devido a liberação de terras para reflorestamento. Para ele Meio ambiente não é uma moda que passará com o tempo, e que ao contrário é o campo que toca profundamente o imaginário, as representações e o sistema de valores sociais, obrigando-nos a repensar as relações entre sociedade, técnica e natureza e, portanto, tudo o que rege essas relações na organização social.

processos de transferência hereditária e sucessão profissional, podendo ser competitiva em relação àquele que se apoiam no trabalho assalariado⁸⁰.

É importante ressaltar que, nos dez últimos anos, distintos enfoques permearam o debate da agricultura familiar, com destaque na questão da reforma agrária, pluriatividade e agroindústria, contribuindo de alguma forma para o estabelecimento de um modelo de produção familiar, atendendo às necessidades de desenvolvimento rural e regional *“de todas as correntes convergem na necessidade de estratégias e políticas que visam ao desenvolvimento do espaço rural com a diversificação e a densificação dos mercados de trabalho e de produtos no meio rural”*.⁸¹

Por outro lado, pode-se observar a existência de algumas políticas públicas como o PRONAF⁸², que tem um papel preponderante no acesso de muitos agricultores ao crédito, ou seja ao sistema bancário. Embora seja extremamente concentrado em poucos produtores e atenda a uma camada menos empobrecida, o PRONAF⁸³ tem contribuído para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Um dos aspectos marcantes desse sistema de produção está, como dissemos antes, alicerçado na produção ecológica ou na “agricultura alternativa”, transformando o paradigma científico da agricultura convencional⁸⁴, para um modelo onde o agricultor prima pela sua liberdade e autonomia, fazendo de sua propriedade um projeto de

⁸⁰ Abramovay, GIPAF, 2000. Disponível em www.cria.org.br.

⁸¹ Wilkinson, J.; Distintos enfoques e debates sobre a produção familiar no meio rural. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, v. 1, n. 3, 2000.

⁸² Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar que surge como uma alternativa para superar a crise de 1995, com vistas a atenuar o problema social, buscando aumentar a eficiência, para assegurar a rentabilidade e a oferta de produtos saudáveis e baratos a população (Brum, 1997:542).

⁸³ Conforme Abramovay, o PRONAF é um programa bem concebido, não apenas pelas suas principais frentes de trabalho (crédito; aplicações nos municípios e formação), como também se baseia numa equipe técnica extremamente ágil, flexível e que funciona em rede.

⁸⁴ A agricultura convencional caracteriza-se pela concentração e automatização dos sistemas de produção, alto grau tecnológico e de especialização, grande utilização de insumos químicos de origem sintética, exploração da mão-de-obra e atrelado ao mercado, seguindo um desenvolvimento capitalista de produção.

exploração equilibrada dos recursos naturais, articulando-se com a agroindústria e a pluriatividade⁸⁵, fazendo com que técnica e economicamente atenda aos interesses do bem-estar da família, Brandenburg (1999).

"Para a grande maioria da população do meio rural, as transformações estruturais das últimas décadas tem sido problemáticas e por isso tem interesse em outras alternativas, desde que portadoras de soluções para os problemas relativos à sua qualidade de vida, ao acesso e condições de trabalho e, desde que respeitadoras das identidades e garantidoras da participação cidadã". (Gehlen, 1996)⁸⁶.

Neste sentido, levando em conta as questões sociocultural, valores e tradição, juntamente com as políticas públicas é criada uma perspectiva de consolidação da agricultura familiar de modo a concretizar a qualidade de vida e a inclusão uma vez que o meio rural detém os piores indicadores de qualidade de vida. Segundo Ricardo Abramovay é fundamental que se mude o ambiente educacional existente no meio rural, a fim de que no futuro os jovens fiquem nas propriedades rurais. Por outro lado, o papel da pesquisa, da extensão e dos poderes públicos locais são decisivos.

Entretanto, pode-se observar que a participação do governo federal, tem-se mostrado muito tímida na geração de políticas que contribuam ao fortalecimento da agricultura familiar, deixando transparecer dois ministérios da agricultura, um voltado principalmente para a produção de exportação atendendo as demandas dos grandes produtores, como créditos e incentivos fiscais, um outro, voltado para os pequenos agricultores com políticas inconsistentes de apoio, de financiamento e/ou salvaguardas para a produção, sem falar na reforma agrária.

Porém, algumas ações da EMBRAPA e EMATER, tem contribuído para o fortalecimento da agricultura familiar nos diversos cantos do país. Dentro dessa visão a EMBRAPA criou o Programa de Sistemas de Produção da Agricultura Familiar, com o

⁸⁵ Pluriatividade significa uma estratégia de enfrentamento de crise para evitar a marginalização e a exclusão social e econômica, quanto ao aproveitamento de oportunidades novas.

objetivo de geração e/ou adaptação de tecnologias e conhecimentos capazes de subsidiar o processo de desenvolvimento para melhoria das condições de estabilidade e produtividade das unidades agrícolas familiares. Da mesma forma, algumas experiências na EMATER⁸⁷ também estão desenvolvendo programas de apoio à agricultura familiar, principalmente no Estado do Rio Grande do Sul com apoio do Governo Estadual.

A agricultura familiar é na verdade um referencial para que novas alternativas de desenvolvimento sejam pensadas e que os agricultores realmente passem engajar-se na transformação de sua comunidade.

⁸⁶ Gehlen, Ivaldo. Agricultura Familiar de Subsistência-Comercial: Identidade Cabocla e Inclusão Social.

⁸⁷ A EMATER/RS está vinculada a Secretaria da Agricultura e Abastecimento, responsável pela execução das políticas do Governo do Estado para o meio Rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do Desenvolvimento Rural Sustentável, embora se encontre em debate permanente nos meios acadêmicos, ainda não está presente na discussão de uma parcela significativa da população rural. As dificuldades encontradas na percepção deste tema por parte dos atores envolvidos nesta pesquisa evidenciam a necessidade de serem incorporados nos projetos de desenvolvimento, facilitando a compreensão através de um enfoque interdisciplinar da base epistemológica. Nesse sentido, a abordagem do modelo de desenvolvimento representado pela agricultura “moderna” e a alternativa de adoção de uma agricultura sustentável trouxe algumas contribuições para o entendimento deste tema.

A relevância deste trabalho permitiu focalizar no contexto local os problemas advindos do atual modelo capitalista de desenvolvimento alicerçado na “modernização” agrícola. Permite, também, equacionar novas alternativas de desenvolvimento relacionadas à produção agrícola, neste caso, enfatizando o desenvolvimento rural sustentável através da agroecologia e da agricultura familiar, debatendo as dificuldades de sua não adoção pelos atores envolvidos. A decisão de mudança para novas alternativas de desenvolvimento, são obstáculos de ordem estrutural e técnico próprios da região. Neste sentido, esse processo decisório não é uma questão

apenas de critérios racionais e práticos, senão que envolve outros fatores, como a questão cultural e o interesse do próprio agricultor⁸⁸

Tendo como base a formação socio-cultural inerente a população da região de Vacaria, atrevemo-nos dizer que o fator cultural joga um papel decisivo na adoção de novas alternativas transformadoras e contestadoras ao senso comum, sejam estas tecnológicas, culturais, políticas e econômicas. A questão, portanto, é problemática, pois não adianta estarem disponíveis alternativas de desenvolvimento ou uma agricultura sustentável se a população não participa conscientemente desse movimento, porque provavelmente a questão cultural tradicional pesa mais⁸⁹.

Nesse contexto, este trabalho focaliza essa problemática através dos depoimentos de pecuaristas e fruticultores, sobre questões relativas à adoção de novas tecnologias, dos valores tradicionais e meio ambiente, que permitiram desenhar um quadro efetivamente localizado na região de Vacaria e a possibilidade de adoção de novas alternativas de desenvolvimento.

A primeira questão a ser analisada é a percepção de pecuaristas e fruticultores em relação à adoção de novas tecnologias. Praticamente não se evidenciam diferenças quanto à sua recomendação e uso, todos são favoráveis, seguindo a lógica da agricultura "moderna" capitalista, porém não houve nenhum questionamento sobre que tipo de tecnologia seria melhor para o conjunto da sociedade. Da mesma forma, as

⁸⁸ Nesse sentido Guivant salienta que "(...) os agricultores encontram-se influenciados por uma ampla lista de objetivos como por exemplo, obter a seguridade familiar, conseguir uma renda satisfatória e pertencer à comunidade rural (...) tal como alcançar maior lucratividade ou manter a situação de segurança. Efetivamente, as decisões sobre adoção e administração resultam de múltiplos sinais emanados dos membros da família, da comunidade, do mercado, dos extensionistas rurais, dos vendedores de companhias de sementes e insumos químicos e também de políticas públicas". (Guivant 1995:125)

⁸⁹ Conforme Graziano J. Silva " (...) a principal contribuição desse movimento não está na criação de novas tecnologias ditas alternativas ou sustentáveis; mas na criação de uma nova consciência social a respeito das relações homem/natureza; na produção de novos valores filosóficos, morais e até mesmo religiosos; e na gestão de novas formas políticas e ideológicas". (Silva, 1998:106)

mudanças na maneira de trabalhar seguem a ordem da maximização de lucros, orientada pelo mercado. Os fruticultores são os que mais aderem a essa lógica de desenvolvimento. Em ambos os casos nota-se a falta de sensibilidade tanto de pecuaristas quanto de fruticultores em relação as alternativas sustentáveis disponíveis.

A ausência de uma nova consciência de valores sociais e ambientais é um dos fatores que interferem na discussão de novas alternativas de desenvolvimento. Observa-se claramente na região a dicotomia modernidade/tradição interferindo nas decisões locais, sejam estas favoráveis ou não às aspirações da população.⁹⁰

A sociedade moderna convive com esta dicotomia que se transforma num instrumento para que os agentes envolvidos no crescimento de uma comunidade, ou das próprias instituições governamentais, decidam adotar políticas de desenvolvimento ditas modernas, baseadas apenas no campo tecnológico, sem levar em conta ou esquecendo a questão sociocultural, ambiental e da própria tradição da comunidade local.

No meio rural, essa situação muda e aumenta as dificuldades, na medida em que setores da sociedade que mantêm o poder historicamente, opõem-se ao processo de construção ou adoção de novos paradigmas⁹¹. Nos dias de hoje esse processo é mais dinâmico na medida em que novos descobrimentos científicos ocorrem⁹². Faz-se necessário, portanto, maior envolvimento dos produtores rurais na identificação dos

⁹⁰ Conforme trabalhos realizados pela EMATER/RS, nota-se dificuldades no processo de transição de uma agricultura convencional para uma nova alternativa sustentável, sendo necessário considerar múltiplas dimensões.

⁹¹ Neste caso, produtores ligados à pecuária têm demonstrado ao longo da história uma certa resistência as transformações decorrentes das inovações tecnológicas. Passados mais de 150 anos o processo de produção e dominação ainda persistem.

⁹² Para Duarte (1996), No Brasil a globalização da agricultura trouxe como seus correlatos, por um lado o desenvolvimento técnico e o progresso econômico, e por outro, a degradação e o esgotamento dos recursos humanos, a desigualdade, a pobreza, a exclusão e a violência, bem como a concentração fundiária e de renda.

problemas advindos do atual modelo de desenvolvimento dimensionando assim, novas alternativas.

Uma segunda questão analisada e que trata pontualmente da influência sócio-cultural no desenvolvimento regional, é a percepção dos valores tradicionais, como educação e cultura por parte dos pecuaristas e fruticultores, configurando uma base para a compreensão da realidade e adoção de um modelo de desenvolvimento sustentável. Os resultados mostram categoricamente pequenas diferenças quanto à formação cultural dos entrevistados, deixando para trás nossa principal hipótese, que era encontrar grandes diferenças. Comprovamos por exemplo, uma parcela significativa de ambos diz-se satisfeita e não há o que se preocupar com a melhoria na educação escolar dos filhos, essa afirmação demonstra que, tanto pecuaristas como fruticultores deixam em segundo plano a qualidade de ensino recebida pelo seus filhos e mais do que isso revelam um conformismo pelas coisas já estabelecidas na escola ou na própria sociedade.

Em relação a formação como cidadão, ela é refletida pelos laços de família, principalmente entre os pecuaristas que detêm uma cultura mais arraigada à tradição regional. Observa-se ainda, que tanto entre pecuaristas como fruticultores, o gerenciamento econômico da família é decidido unilateralmente pelo homem ou chefe de família, em ambos, o comando patriarcal impõe-se também nas decisões políticas e culturais da família. Um dos pontos que chama a atenção e que consideramos ser a única diferença significativa é que, para a maioria dos pecuaristas a sua propriedade provém de herança, enquanto que para uma parcela significativa dos fruticultores, foi comprada. Este fato possibilita um diferencial de valores em relação ao patrimônio.

Embora a maioria dos entrevistados não demonstre preocupação com a sucessão patrimonial, isto é, não há interesse na distribuição ou partilha dos bens com os

filhos, e a educação dos seus filhos se encontre em segundo plano; a qualidade de vida dos mesmos e de suas gerações futuras será direta ou indiretamente influenciada pelas atitudes tomadas no presente.

A percepção dos valores tradicionais regionais certamente contribui para constituir uma base epistemológica para a discussão sobre o modelo dominante de desenvolvimento, que perpassa fronteiras, obedecendo uma política capitalista que impõe as regras de crescimento econômico e social de uma nação, priorizando o mercado de “livre concorrência”, com conseqüências conhecidas pela maioria da população⁹³.

Neste sentido, acreditamos que a questão ambiental como elemento transformador passa a desempenhar um papel significativo na nova ordem social, econômica, política e cultural, no âmbito global, e principalmente, regional, onde a sociedade organizada começa a contestar o modelo dominante vigente. Neste enfoque, Almeida faz um estudo amplo sobre o surgimento dos movimentos sociais contestadores, na perspectiva de uma construção social e de uma nova agricultura no sul do Brasil. Outros exemplos podem ser citados, a fim de possibilitar a compreensão e conhecimento de que outras formas de desenvolvimento são possíveis, como a de Lizi Vieira sobre a formação de comitês representantes da sociedade civil na cidade de Santos-SP, com o intuito de elaborar políticas, planos, projetos e discutir orçamento⁹⁴.

⁹³ Conforme Enrique Leff: "El desarrollo progresivo de las fuerzas productivas (y destructivas) guiado por el objetivo de maximizar las ganancias en las economías capitalistas y los excedentes en las economías socialistas, há generado, junto com el incremento de la producción y el consumo, una destrucción sem precedentes de la base de recursos de la humanidad, así como desequilibrios ecológicos de escala planetaria y procesos de degradación ambiental que amenazan el desarrollo equitativo y sostenido en la comunidad de naciones". (LEEF, E. Cultura Democrática, Gestión Ambiental y Desarrollo Sostenible en América Latina. Ecología Política. n.º 4. Barcelona: Ed, Icaria, 1992:51).

⁹⁴ Nesse sentido, Vieira fundamenta que: "Existe consciência crescente de que é necessário substituir o atual padrão de desenvolvimento por outro que passa reduzir o desperdício, reciclar materiais, empregar recursos e energias renováveis, assegurando uma produtividade sustentada de longo prazo e promovendo a seleção de objetivos sociais de crescimento, sem prejuízo de uma modernização tecnológica e de uma inserção autônoma no processo de globalização econômica e política". (Vieira, 1998:129)

A adoção de alternativas de desenvolvimento emergente dos movimentos sociais está ligada quase que necessariamente à ecologia e a uma consciência ambiental. O conhecimento científico e tecnológico tem sido a base para as transformações no campo ambiental e suas inter-relações nos processos materiais e sociais, requerendo cada vez mais o conhecimento e o saber da problemática ambiental⁹⁵.

Levando em conta a questão ambiental, a mesma que permite uma reorientação do conhecimento, e na tentativa de buscar caminhos para uma transformação de paradigmas, levantamos a terceira questão, analisando a percepção dos pecuaristas e fruticultores sobre meio ambiente e agroecologia com o intuito de podermos identificar o grau de sensibilização dos mesmos sobre práticas de preservação ambiental.

Percebe-se, entre os entrevistados neste trabalho, uma diferença de atitudes em relação ao meio ambiente; por um lado, a maioria dos pecuaristas afirma que enterram ou queimam as embalagens de agrotóxicos na propriedade e quase todos praticam as queimadas de campo; por outro, uma parcela significativa dos fruticultores procede ao recolhimento das embalagens e os retiram para fora da propriedade, e apenas esporadicamente praticam queimadas. Essa diferença de atitudes não significa necessariamente que alguns fruticultores tenham maior consciência ambiental, é que o sistema de produção é mais organizado do que dos pecuaristas, diminuindo desta forma o impacto ambiental nas suas propriedades. Entretanto, é importante destacar neste caso que, em relação à agroecologia os depoimentos tanto de pecuaristas e fruticultores mostram-se incoerentes e no mínimo contraditórios. Se por um lado, são favoráveis a uma

⁹⁵ "La cuestión ambiental aparece como una problemática social y ecológica generalizada de alcance planetario, que trastoca todos los ámbitos de la organización social, a los aparatos del Estado, y a todos los grupos y clases sociales. Ello induce un amplio y complejo proceso de reorientación y transformaciones del saber y del conocimiento, de las ideologías teóricas y prácticas, de los paradigmas científicos y las prácticas de la investigación". (LEEF, E. Sociología y Ambiente: Sobre el concepto de racionalidad ambiental y las transformaciones del conocimiento. Ref. In: As Ciências Sociais e a Questão Ambiental: Rumo à Interdisciplinaridade, EPEO; Rio de Janeiro: Ed. Univ. do Pará, 1993:117).

agricultura agroecológica, por outro não abrem mão do uso de agrotóxicos por práticas orgânicas.

Considerando a possibilidade de uma transição de um modelo baseado na agricultura “moderna” ou convencional para uma agricultura sustentável, faz-se necessário levar em conta questões levantadas neste trabalho e outras que deverão contribuir, com certeza, na discussão sobre o desenvolvimento rural sustentável no município de Vacaria e região, buscando propostas e caminhos para a sustentabilidade.

Nessa perspectiva de levantar uma proposta nova de desenvolvimento regional, é mister desenhar e avaliar soluções agronômicas que incorporem alternativas agroecológicas que favoreçam um rendimento sustentável no tempo e resultem no uso preservacionista dos recursos naturais. Dentro deste contexto, a relação entre recursos naturais ainda disponíveis e demandas sociais por alimentos e por uma melhor qualidade de vida, dificilmente são equacionados, uma vez que os modelos tradicionais de política e desenvolvimento seguem a ordem capitalista. Para isso, *“precisamos de modelos de agricultura sustentável que combinem elementos de ambos os conhecimentos, o tradicional e o modelo científico”* Altieri (1991), permitindo a transição para sistemas mais avançados de sustentabilidade econômica, social e ambiental⁹⁶.

O processo de transição certamente é o mais complexo porque mexe com vários fatores inerentes à formação dos produtores, a transição para uma agricultura sustentável conforme Branderburg (1999)⁹⁷, requer que seja elaborada em conjunto com os agricultores, estratégias que permitam levar aos interessados uma organização produtiva

⁹⁶ Para Mediros (1994), A busca de uma perfeita sintonia entre novas técnicas de produção, políticas agrícolas e condições agroecológicas representa o melhor e mais seguro caminho para evitar desperdícios de recursos e perdas de produção, reduzir custos e, ainda, promover convivência sustentável do homem com a natureza”.

⁹⁷ Com base nas observações de campo, Branderburg afirma que de um modo geral os agricultores praticam uma agricultura com elementos definidores de uma agricultura sustentável. (Brandenburg, A.; "Agricultura familiar: ONGs e desenvolvimento sustentável". Curitiba: Ed. Da UFPR, 1999)

com rendimentos satisfatórios, combinada com uma gestão equilibrada dos recursos naturais e produtivos.

De acordo com os depoimentos dos pecuaristas e fruticultores, o processo de mudança requer muita discussão e principalmente a comunidade toda deve estar engajada nos projetos que visem um novo modelo de desenvolvimento. Alguns trabalhos mostram que um modelo alternativo de desenvolvimento é possível como os realizados pela CETAP⁹⁸ e o RURECO⁹⁹ que têm contribuído efetivamente para a conversão de uma agricultura convencional para a alternativa sustentável¹⁰⁰.

A construção, portanto, de uma proposta de agricultura sustentável para o município de Vacaria região, requer no mínimo um conhecimento claro sobre a proposição a ser gestada; da discussão de alternativas sustentáveis que possibilitem melhores condições de crescimento sócioeconômico com qualidade de vida, preservando a identidade cultural e o meio ambiente. Por outro lado, o processo de fácil adoção dos pacotes tecnológicos produzidos pela agricultura moderna capitalista, por parte de uma parcela significativa dos produtores rurais, deve ser considerada como um dos principais entraves na construção de propostas sustentáveis. Infelizmente, a maioria dos agricultores

⁹⁸ O Centro de Tecnologias Alternativas Populares – CETAP, vem desenvolvendo desde sua fundação em 1986, atividades de experimentação, formação, assessoria e acompanhamento a grupos organizados de pequenos agricultores no Estado do Rio Grande do Sul. Dentro da construção de uma metodologia de trabalho para viabilizar o desenvolvimento rural sustentável, alguns princípios norteiam as ações dos técnicos extensionistas, na busca de uma produção de alimentos para a população com sustentabilidade ambiental e com equidade social.

⁹⁹ A pesquisa desenvolvida pela RURECO apontando elementos de conversibilidade para a agricultura sustentável, compreende duas ordens a saber: Uma de caráter social e político, que diz respeito a um suporte organizacional, que ao mesmo tempo articula apoio interno ao movimento e participa na sociedade no âmbito dos sistemas organizados; outra de caráter técnico organizativo, cuja estratégia deve ser organizada a partir de um diagnóstico da situação que permita combinar rendimentos econômicos e equilíbrio na gestão de recursos naturais.

¹⁰⁰ Para alguns produtores da CETAP, "(...) uma agricultura sustentável requer analisar a atividade agrícola na sua totalidade, na qual interagem componentes biológicos, técnicos, culturais e sócio-econômicos. É necessário apoiar-se na inter-relação entre conhecimento científico e o dos agricultores". (Retirado do texto apresentado na Conferência Inyternacional Tecnologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre, setembro de 1995)

não conhece outra forma de produzir senão, aquela instituída pela revolução verde, dependente dos insumos químicos e do mercado.

Essa forma de produção, baseada no modelo de desenvolvimento capitalista, tem demonstrado, ao longo do tempo, os efeitos deletérios nos agrossistemas e na vida de muitos agricultores. Por isso, faz-se necessário que os próprios atores envolvidos nesse processo passem a redimensionar e a discutir em âmbito local, os problemas decorrentes desse modelo nos últimos vinte anos, como é por exemplo, a concentração de renda e a precarização da força de trabalho.

A fruticultura na região de Vacaria, além do crescimento econômico trouxe também o aumento das desigualdades sociais, no bojo da “modernização”, muitos trabalhadores rurais perderam seus postos de trabalho para as novas tecnologias introduzidas nos pomares. Por outro lado, a sazonalidade, e a falta de qualificação principalmente dos trabalhadores urbanos, têm contribuído para engrossar o contingente de desempregados e aumentar o cinturão de miséria nos bairros marginais da cidade. A cada ano, miles de trabalhadores são recrutados de todos cantos do estado e fora dele, apenas para a colheita da maçã.

Consideramos portanto, que o caminho da transição para um modelo de desenvolvimento sustentável que priorize a sustentabilidade de agrossistemas, agroecológicos, é uma tarefa difícil, precisa de um conjunto de esforços realizados em várias direções e desde diferentes perspectivas, e por intermédio da atuação não apenas dos agricultores, como também dos setores públicos e privados. Neste sentido, podemos citar três pontos que consideramos requisitos importantes para lograr o desenvolvimento sustentável¹⁰¹: a) desenvolver e concretizar atitudes que privilegiem o longo prazo

¹⁰¹ Bojanic, A. , faz uma abordagem sobre alguns aspectos básicos para conseguir o desenvolvimento sustentável. Retirado da Iternet. La sostenibilidad del proceso de desarrollo en Bolivia. 1999.

superando perspectivas imediatistas, que buscam satisfazer de qualquer jeito necessidades básicas ou ganâncias rápidas. Superar estas atitudes através da educação ambiental; b) para garantir a sustentabilidade é preciso erradicar ou ao menos amenizar os níveis de pobreza, já que os pobres são ao mesmo tempo, vítimas e agentes causais da degradação ambiental; c) contar com modelos econômicos que assinem seu verdadeiro valor aos recursos naturais, no que se refere a disponibilidade e ao custo, de reposição, e não apenas aos preços do mercado.

Os caminhos para a sustentabilidade, certamente envolvem a diversidade não apenas ambiental, como também cultural, privilegiando valores e práticas desenvolvidas pelos atores envolvidos, considerando as diferentes formas de ver a realidade e da mesma forma resolvê-los. Por outro lado, as ações do ser humano têm conseqüências a longo prazo, sendo necessário considerar o passado (valores culturais) e o futuro (intergeracionalidade), efetivando um novo entendimento de desenvolvimento. Para que isso aconteça é fundamental que haja a disposição da sociedade em ceder e aceitar mudanças Marzall, (1999).

O presente trabalho, acreditamos, constitui-se no ponto de partida para futuros estudos envolvendo este tema. A proposição de um modelo de Desenvolvimento Rural Sustentável como alternativa para Vacaria, é baseado nos princípios teóricos e nas experiências desenvolvidas mundo afora, e serve também, como referencial e desafio para futuros projetos de desenvolvimento dos municípios da região, não esquecendo logicamente, de suas especificidades sócio-culturais e do papel que desempenha a classe dominante nas decisões políticas. O perfil de pessoas ligadas à pecuária e fruticultura contribui, sem dúvida, para dar os primeiros passos, na busca de alternativas de desenvolvimento e permite, ao mesmo tempo, condições para que se processem discussões

visando mudanças paradigmáticas e ontológicas no seio dos atores envolvidos com a produção primária.

Finalmente, acreditamos que outros trabalhos neste sentido fortalecerão o debate, oportunizando para um futuro próximo, sejam tomadas atitudes mais efetivas em relação à adoção de uma alternativa de desenvolvimento rural sustentável para a região de Vacaria, valorizando o potencial sócio-cultural e agrícola existentes.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

ABRAMOVAY, R. *Paradigma do capitalismo agrário em questão*. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. *Agricultura familiar*. GIPAF, 04/2000 (Entrevista) Disponível on-line [file:///A/GIPAF – entrevistas.htm](file:///A/GIPAF-entrevistas.htm)

ACSELRAD, H. *Desenvolvimento sustentável: a luta por um conceito*. Proposta. Rio de Janeiro, n 56. 1993.

ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, Rio de Janeiro:1995.

ALIER, J. M. *De la economla ecologica al ecologismo popular*. Barcelona: Ed. Icaria, 1994.

ALMEIDA, J. A *Construção Social de uma Nova Agricultura Tecnologia Agrícola e Movimentos Sociais no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____. *Da ideologia do Progresso à idéia de Desenvolvimento (rural) Sustentável*. In: Almeida, J.; Navarro, Z. *Reconstruindo a agricultura: idéia e idéias na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

ALONSO, J. A. F.; BANDEIRA, P. S. *Crescimento Interregional no Rio Grande do Sul nos anos 80*.

ALTIERI, M.; MESERA, D. *Desenvolvimento Rural Sustentável na América Latina: Construindo de baixo para cima*. In *Reconstruindo a agricultura org*. Almeida, J. e Navarro, Z. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1998.

ALTIERI, M.A. *La agroecologia y el desarrollo rural sostenible en America Latina*. *Agroecologia y Desarrollo*, v.1, 1991.

ARON, R. *As Etapas do Pensamento Sociológico*. 4ª ed. Tradução de Sérgio bath. São Paulo: Martins Afonso, 1993.

- BARBOSA, F. **A diocese de Vacaria**. Caxias do Sul: EDUCS – EST. São Lourenço de Brodes, 1984.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BECKER, D. F. **Sustentabilidade: um novo (velho) paradigma de desenvolvimento regional**. In: BECKER, D.F. (org). *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?* Santa Cruz: EDUNICS, 1997.
- BOJANIC, A. *La sostenibilidad del proceso de desarrollo e Bolívia*. 1999. Disponível on line em [http:// gwf. pnud. bo/ claves 1/ btanic. Htm](http://gwf.pnud.bo/claves/1/btanic.Htm).
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRANDERBURG, A. **Agricultura familiar, ONGs e desenvolvimento Sustentável**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1999.
- BRUM, J. A. **Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 19ª Edição, 1997.
- BRUYNE, P. de SCHOUTHEETE, M. de; **Dinâmica da Pesquisa Social: os Polos da Prática Metodológica**. 2ª. ed. Tradução de Ruth Joffilu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- Cadernos de Pesquisa. **A pomicultura como alternativa de mudanças sócio-econômicas para Vacaria**. Universidade de Caxias do Sul. v. 7, n. 3, 1999
- CÁCERES, D.; SILVESTTI, F.; SOTO, G.; FERRER, G. *Las representaciones tecnológicas de pequeños productores agropecuarios de Argentina central*. Revista de Desarrollo Rural y Cooperativismo Agrario. Zaragoza, n. 3, 1999.
- CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- CARVALHO, H. M. *Padrões de sustentabilidade: uma medida para o desenvolvimento sustentável*. Curitiba, 1993 (Mimeo).
- CASTEL, R. **Metamorfose da questão social**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COELHO, T. **O que é Indústria Cultural**. 17ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CORAGIO, J. L. **Desenvolvimento Humano e Educação: o papel das ONGs Latino Americanas na iniciativa da educação para todos**. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1996.
- COSTABEBER, J. A. *Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Rio Grande do Sul, Brasil*. Córdoba: 1998, 422 p. (Tese de Doutorado) Programa de Doctorado en Agroecologia, campesinado e história, ISEC – ETSIAN, Universidade de Córdoba España, 1998.

DIAZ, A. & Perelanski, I. *Educación para el desarrollo de una agricultura sustentable*. Uruguay:1996 (Mimeo).

DUARTE, L. M. G. **Globalização e Desenvolvimento Sustentável: a agricultura no limiar do século XXI**. Brasília (DF): Universidade de Brasília, 1996, 20 p. Trabalho apresentado no 9th *International Congress of Rural Sociology / IRSA – International Rural Sociological Association*, Romênia, 1996.

Globalização e Desenvolvimento Sustentável: A agricultura no limiar do século XXI. Trabalho apresentado no 9th *International Congress of Rural Sociology / IRSA – Romênia*, 1996.

DUQUE, L. *La educación y la crisis de la modernidade*. PAIDÓS, Barcelona, Buenos Aires, México, 1997.

EHLERS, E. M. **O que se entende por agricultura Sustentável?**. São Paulo: USP, 1994. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental).

FAO. *Producción agrícola sostenible: consecuencias para la investigación agraria internacional. Estudio FAO Investigación y Tecnología*. Roma, 1991.

FAO. *Fomento de la agricultura y desarrollo sostenible*. 1997. Disponível on line em <http://www.fao.org/waicent/faoinfo/sustdev/spdirect/epreo033.htm>.

FÉLIX, L. O. **Coronelismo borgismo e captação política**. 2^a ed. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 1996.

GEHLEN, I. **Agricultura familiar de subsistência comercial. Identidade cabocla e inclusão social**. Porto Alegre: Departamento de Sociologia e Programa de pós-graduação em Sociologia, UFRGS, junho 1996.(Mimeo)

Centralidade do Trabalho e Exclusão Identitária no Meio Rural. Porto Alegre: UFRGS, 1999. Trabalho apresentado no IX Congresso Brasileiro de Sociologia: A Sociologia para o Século XXI. Agosto-set, 1999.

GLIESSMAN, S. "A agricultura sustentável". Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre: v. 1, n. 3, jul/set.2000.

Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 2000.

GIDDENS, A. **A Constituição da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

A Vida e uma sociedade Pós-Industrial. São Paulo: UNES, 1997.

GUARESCHI, P. **Sociologia crítica: alternativas de mudança social**. 33^a ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1995.

- GUIVANT, J. **Agricultura Sustentável na Perspectiva das Ciências Sociais**. In: Meio Ambiente, Desenvolvimento e Cidadania: desafio para as ciências sociais. São Paulo: Cortez; Florianópolis; UFSC, 1995.
- GUZMÁN, E. S. **Origem, evolução e perspectivas do desenvolvimento sustentável**. In: **Reconstruindo a agricultura: Idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento sustentável**. Org. por ALMEIDA, J. e NAVARRO, Z. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- HOBSBAM, E. **Era dos extremos. O breve século XX, 1914 – 1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- IANNI, O. **A Sociologia e as questões sociais na perspectiva do século XXI**. In: A Sociologia para o século XXI. Org. por SANTOS, J. V. T. dos e GUGLIANO, A. A; Pelotas: Educat, 1999.
- JOLLIVET, M. **Agricultura e Meio Ambiente: Reflexões Sociológicas**. In: Estudos Econômicos, IPE – USP, v. 24, nº especial, 1994.
- KAIMOWITZ, D. **O avanço da agricultura sustentável na América Latina**. In: Almeida, J.; Navarro, Z. **Reconstruindo a agricultura: idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável**. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade? UFRGS, 1998.
- KILPATRICK, W. H. **Educação para uma civilização em mudança**. 13ª ed. Tradução de Noemy S. L. Rudolfer. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- LEFF, E. *Sociologia y Ambiente: Sobre el concepto de racionalidade ambiental y las transformaciones del conocimiento*. Ref. In: As Ciências Sociais e a Questão Ambiental: Rumo à Interdisciplinaridade, APEO; Rio de Janeiro: Ed. Universidade do Pará, 1993.
- _____. *Cultura Democrática, Gestión Ambiental y Desarrollo Sostenible en América Latina*. Ecología Política. nº 4 . Barcelona: Ed. Icaria, 1992.
- MALASSIS, L. *Education e eveloppement agrícola. Revue Internationale des Sciences de Sociates*. v. 2, 1989.
- MARTINS, J. S. **O poder do atraso: ensaio de sociologia da história lenta**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MARZALL, K. **Indicadores de Sustentabilidade para Agrossistemas**. Dissertação de Mestrado em Fitotecnia, UFRGS, Porto Alegre (208f.) 1999.
- MÉSZÁROS, I. **A necessidade do controle social**. São Paulo: Ensaio, 1987.
- MÉDA, D. *El Trabajo*. Barcelona: Gedisa, 1998.

- MELLO, C. J. **Meio Ambiente, Educação e Desenvolvimento.** Coleção INTERAME – OEA, 1996.
- MORAES, R. de **Cultura brasileira e educação. Estudo histórico-filosófico.** Campinas/SP: Papirus, 1989.
- MORIN, E. **O método 4: As idéias, habitat, vida, costumes, organização.** Porto Alegre: Sulina, 1998.
- NAVARRO, Z. **Democracia, cidadania e representação: os movimentos sociais rurais no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. 1978-1990.** In: NAVARRO, Z. (Org.) *Política protesto e cidadania no campo.* Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.
- OLIVEIRA, J. F. **Rainha do Planalto.** Caxias do Sul: Ed. São Miguel, 1987.
- PÉREZ, E. *Hacia una nueva visión rural. In: Una Nueva Ruralidade en America Latina?* CALCSO, 2000.
- RAÍZES DE VACARIA I. **Encontro dos Municípios Originários de Santo Antônio da Patrulha.** Porto Alegre: EST, 1996.
- RAYNAUT, C. *Le développement et les logiques du changement: la nécessité d'une approche holistique. In: société, développement. France: Editeurs Scientiphiques,* 1994.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, G. L. **Ambientalismo e Desenvolvimento Sustentado. Nova Ideologia / Utopia de Desenvolvimento.** Revista de Antropologia. São Paulo: USP, n. 34, 1991.
- SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI.** In: BURZSZTYN, M, (org.). *Para pensar o desenvolvimento sustentável.* São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização: Pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- _____. **Ocupação da força de trabalho na agricultura gaúcha: Uma análise a partir da pesquisa rural da EMATER/RS de 1992.** In: *Extensão Rural/UFSM.* Santa Maria: DCEAER. n. 1, jan/dez., 1993.
- SILVA, J.G. de. **Agricultura Sustentável: Um novo paradigma ou um novo movimento social?** In: *Reconstruindo a agricultura.* Org. Almeida, J. e Navarro, Z. 2ª edição, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- _____. **Tecnologia & Agricultura Familiar.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

- SOUZA SANTOS, B. **Pela mão de Alice: O social e o Político na pós-modernidade.** Porto: Afrontamento, 1994.
- SUNKEL, O. *"El desarrollo sustentable: del marco conceptual a una propuesta operacional para Chile"*. Ifda Dossier, 1990.
- TOLEDO, V. M. *Estudiar lo rural dese una perspectiva interdisciplinaria: el enfoque ecológico-sociológico.* In: *Globalización, Crisis y Desarrollo Rura en America Latina. ALASRU. V Congreso Latinoamericano de Sociologia Rural.* Mexico: UACH, 1998.
- VEIGA, J. E. **A fase rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.
- VIEIRA, L. **Cidadania e globalização.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- VIOLA, E. J. e BOEIRA, S. **"A emergência do ambientalismo complexo multisetorial no Brasil nos anos 80"**. In: Vários autores: *Universidade e socialidade face à política ambiental brasileira.* Brasília: IBAMA, 1990.
- WANDERLEY, M. B. **Metamorfose do desenvolvimento de comunidade e suas relações com o serviço social.** São Paulo: Cortez, 1993.
- WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Brasília: UnB, 1981.
- WILKINSON, J. **Distintos enfoques e debates sobre a produção familiar no meio rural.** Revista: *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável.* Porto Alegre: v. 1, n. 3, p. 21-29, jul/set. 2000.
- YARLEY, S. **A causa verde: uma sociologia das questões ecológicas.** Oeiras: Celta Editora, 1991.

ANEXO 1
INSTRUMENTO

Identificação:

1. Lugar de nascimento:.....
2. Profissão.....
3. Estado civil: 1() Casado 2 ()Solteiro 3 ()Viuvo 4()Desquitado
4. Sexo M() F()
5. Idade:.....
6. N° de filhos.....
7. Local de residência: 1 () na propriedade (zona rural)
2 () na cidade (zona urbana)
8. Escolaridade:
 - 1 () 1° Grau completo
 - 2 () 1° Grau incompleto
 - 3 () 2° Grau completo
 - 4 () 2° Grau incompleto
 - 5 () 3° Grau completo
 - 6 () 3° grau incompleto
9. Seus pais são produtores rurais?
 - 1() Sim 2() Não 3 ()Foram
10. Sua propriedade tem:
 - 1 () menos de 20 ha
 - 2 () de 20 a 50 ha
 - 3 () de 50 a 100 ha
 - 4 () de 100 a 200 ha
 - 5 () de 200 a 300 ha
 - 6 () de 300 a 400 ha
 - 7 () mais de 500 ha

QUESTÕES

1. Você trabalha principalmente com:

- 1 () Pecuária
- 2 () Fruticultura

2. A sua área de exploração agrícola é de aproximadamente:.....ha

- 1 () Própriaha
- 2 () Usufrutoha
- 3 () Arrendadaha
- 4 () Parceriaha
- 5 () Outra. Qual? ha

3. Normalmente para financiar sua produção recorre a:

- 1 () Recursos próprios
- 2 () Banco
- 3 () Cooperativa
- 4 () Sindicato ou Associação
- 5 () Outro. Qual?

4. Quando recorre ao Banco para financiamento, você consegue crédito com:

- 1 () Facilidade
- 2 () Dificuldade
- 3 () Não consegue
- 4 () Tem dificuldade de juntar a papelada
- 5 () Nunca recorre ao Banco

4.1 Qual foi a melhor época para fazer financiamento ou conseguir crédito?

.....

5. A situação sócio-econômica dos agricultores nos últimos 5 anos:

- 1 () Melhorou
- 2 () Melhorou pouco
- 3 () Permaneceu igual
- 4 () Piorou

E no seu caso particular?.....

6. Suas aspirações ou planos a longo prazo é:

- 1 () Investir na propriedade
- 2 () Investir na agricultura
- 3 () Mudar de profissão
- 4 () Investir na educação dos filhos
- 5 () Sem projetos
- 6 () Outro. Qual?

7. Se tivesse recursos disponíveis onde você aplicaria primeiro

- 1 () Na agricultura (construção de instalações, máq. Equipamentos, animais)
- 2 () Bens urbanos (lotes, casas, etc.)
- 3 () Comprar terra
- 4 () Poupança, aplicação no Banco
- 5 () Uso pessoal (carro, moto, estudo, outros)

8. Na sua propriedade, houve mudança na sua forma de trabalhar?

- 1 () sim 2 () não 3 () em parte 4 () não precisa
Qual?

9. Você recomenda a adoção de novas tecnologias na sua propriedade?

- 1 () sim 2 () não 3 () em parte 4 () não precisa

Por que?

10. Qual foi o último investimento que você fez na sua propriedade? Há quanto tempo?.....
.....

11. Você procura sempre se qualificar através de:

- 1 () Cursos/palestras de cooperativismo
- 2 () Eventos técnicos de curta duração
- 3 () Cursos de profissionalização da EMATER
- 4 () Nenhum
- 5 () Outros. Qual?

12. Na educação escolar de seus filhos está faltando alguma coisa?

- 1 () Sim 2 () Não 3 () Em parte

Por que?

13. A sua formação como cidadão foi influenciado principalmente:

- 1 () Pela família
- 2 () Pela escola
- 3 () Pelo seu grupo social
- 4 () Pela mídia
- 5 () Outro. Qual?

14. Para crescer profissionalmente o importante é: (cite duas alternativas em ordem de importância).

- 1 () Estudar
- 2 () Ter uma oportunidade de trabalho
- 3 () Ser uma pessoa influente
- 4 () Ser afilhado de um político
- 5 () Outro. Qual?

15. Para ser agricultor hoje basta:

- 1 () Saber ler e escrever
- 2 () Primário completo
- 3 () Ginásio
- 4 () Segundo grau
- 5 () Curso técnico agrícola
- 6 () faculdade

16. Em relação a sua propriedade, é associado a alguma entidade?. Cite até 3

- 1 () É associado da cooperativa
- 2 () É associado do sindicato
- 3 () Faz parte de uma associação social
- 4 () Faz parte de um grupo de igreja
- 5 () Outro. Qual?

17. Alguns de seus filhos administra sua propriedade?

- 1 () Sim 2 () Não 3 () Não precisa

Em caso afirmativo ele tem autonomia para decidir?

18. Se tiver que melhorar a produção ou fazer reformas na sua propriedade, contrataria um agrônomo ou técnico agrícola para trabalhar?.

- 1 () Sim 2 () Não 3 () Já faço isso 4 () Não precisa

Por que?

19. Para você, o ambiente onde melhor se vive é:

- 1 () No campo
- 2 () Na cidade
- 3 () Indiferente
- 4 () difícil responder

20. Dentre seus irmãos, quem recebeu terra na sucessão da família do seu Pai?

- 1 () Só um recebeu terra
- 2 () Todos os homens receberam terra

- 3 () Todos os filhos receberam terra
- 4 () Só uma parte dos filhos recebeu terra
- 5 () Ninguém recebeu terra
- 6 () Outro. Qual?

21. Qual a origem da propriedade que você ocupa hoje?

- 1 () Era sede da propriedade dos pais
- 2 () Foi comprada pela família
- 3 () Veio da herança da esposa
- 4 () Parte recebeu e parte veio da herança da esposa
- 5 () Outro. Qual?

22. O melhor para o futuro de seus filhos é:

- 1 () Ser agricultor
- 2 () Estudar e continuar na agricultura
- 3 () Estudar e buscar emprego na cidade
- 4 () Apenas estudar
- 5 () Não sabe / decisão do filho
- 6 () Outro. Qual?

23. Na sua família, a sucessão patrimonial (herança ou partilha dos bens) já está definida?

- 1 () sim, registrado em cartório
- 2 () sim, ainda não registrada em cartório
- 3 () Não, é muito cedo para isso
- 4 () Não pensaram ainda
- 5 () Outro. Qual?

24. As decisões mais importantes no gerenciamento econômico de sua família

tais como; investimentos, compras, crédito, etc. são tomadas:

- 1 () Apenas pelo chefe da família
- 2 () Pelo chefe da família e cônjuge
- 3 () Pelo chefe depois de conversar com toda a família
- 4 () Por outro. Qual?

25. O lixo produzido por embalagens de agroquímicos na sua propriedade :

- 1 () É aterrado
- 2 () É retirado para fora
- 3 () É depositado em lugar seguro
- 4 () Não é recolhido
- 5 () Não se interessa

26. Você usa a prática das queimadas de campo?
 1 () Sim 2 () Não 3 () Em parte
27. Na sua opinião é possível produzir sem uso de agroquímicos?
 1 () Sim 2 () Não 3 () Em parte 4 () Não vale a pena
28. Você é favorável por uma agricultura agroecológica?
 1 () Sim 2 () Não 3 () Não sei o que é
29. Você participa das discussões sobre meio ambiente?
 1 () Sim 2 () Não 3 () Em parte 4 () Não se interessa
- Em caso afirmativo, quando foi a última e onde?
30. Você substituiu insumo químico por prática orgânica?
 1 () sim 2 () não 3 () em parte 4 () nunca
31. O que significa Agricultura Sustentável? (cite alguns elementos)

32. Melhorias na qualidade de vida de sua comunidade como: saúde, educação e lazer, podem ser conseguidas através de: (cite duas em ordem de importância).
 1 () Organização comunitária
 2 () Políticos influentes
 3 () Luta individual
 4 () Não adianta querer melhorar
 5 () Outro. Qual?
33. Quem tem defendido os interesses dos agricultores?
 1. A nível regional
2. A nível nacional
34. Cite 3 (três) pessoas mais influentes do município?
 1.
 2.
 3.

35. Na sua opinião quem domina a política do município? Por que?

.....

36. Já precisou ou precisa dos técnicos da EMATER?

1 () sim 2 () não

Por que?.....

37. Na sua opinião, o papel da EMATER é fundamental para o desenvolvimento regional?

.....

38. O que você recomendaria para seguir um modelo de desenvolvimento rural? (cite no mínimo três).

.....

39. Na sua vida de produtor rural, qual foi a melhor época? Por que?

.....

40. Na sua opinião qual foi o melhor governador? O melhor presidente?
 Por que?

.....

41. Atualmente no Brasil e no mundo todo, diferentes setores da sociedade estão-se organizando, como os sem moradia, sem trabalho, sem terra, agricultores sem crédito, etc. Qual é sua opinião sobre estes acontecimentos?

.....

42. Para o Brasil hoje, que tipo de governo seria melhor?

.....

43. Qual o melhor modelo de desenvolvimento para a região de Vacaria?

.....

44. O que opina da Agricultura Familiar?

.....
.....

45. Na sua opinião qual a melhor solução para os problemas da agricultura para Vacaria?

.....
.....